

Eanes ainda
não decidiu

Lei das Rendas continua "presa" em Belém

O Presidente da República deverá decidir-se esta tarde quanto ao futuro da contestada Lei das Rendas de Casa, aprovada na Assembleia da República a 4 de Julho. O prazo constitucional para a promulgação presidencial expira hoje, mas até ao fim da manhã o general Eanes ainda não tinha apostado a sua assinatura no diploma.

Segundo um informador da

Continua na pág. 20

PS — Abertas as hostilidades — "DN"



O PS abriu ontem uma guerra pré-eleitoral contra o «Diário de Notícias», acusando o matutino estatizado de falta de isenção e de pluralismo. Os fundamentos para as acusações dos socialistas residem no tratamento dado pelo «DN» à apresentação dos candidatos PS às eleições legislativas e, ainda, ao facto de nenhum jornalista representante daquele jornal ter estado na conferência de Imprensa de 2.ª feira passada no Largo do Rato. A Direcção do «DN» reagiu anunciando que vai apresentar queixa contra o PS no Conselho de Comunicação Social, atitude que não é inédita por parte do «DN». Também o Conselho de Redacção do «Diário de Notícias» se pronunciou sobre a atitude dos socialistas, acusando o PS de se opor no fundamental, à linha editorial independente deste matutino estatizado.

Pág. 5



Diário de Lisboa

ANO 65

N.º 21 834

Quarta-feira, 14 de Agosto de 1985

Preço 40\$00

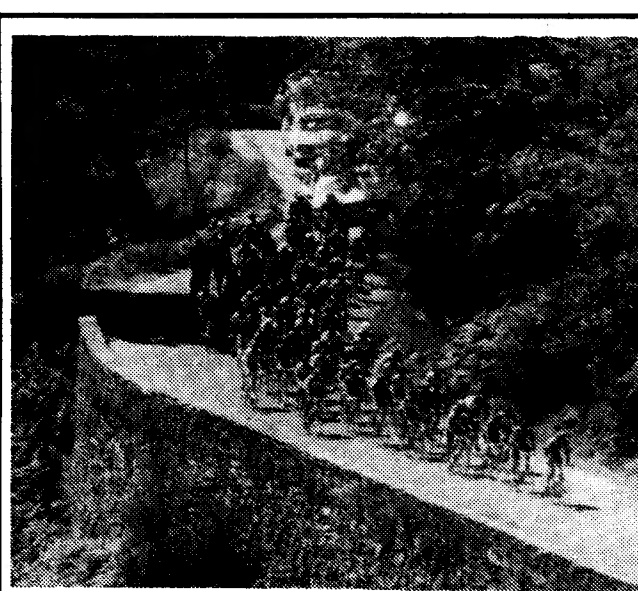
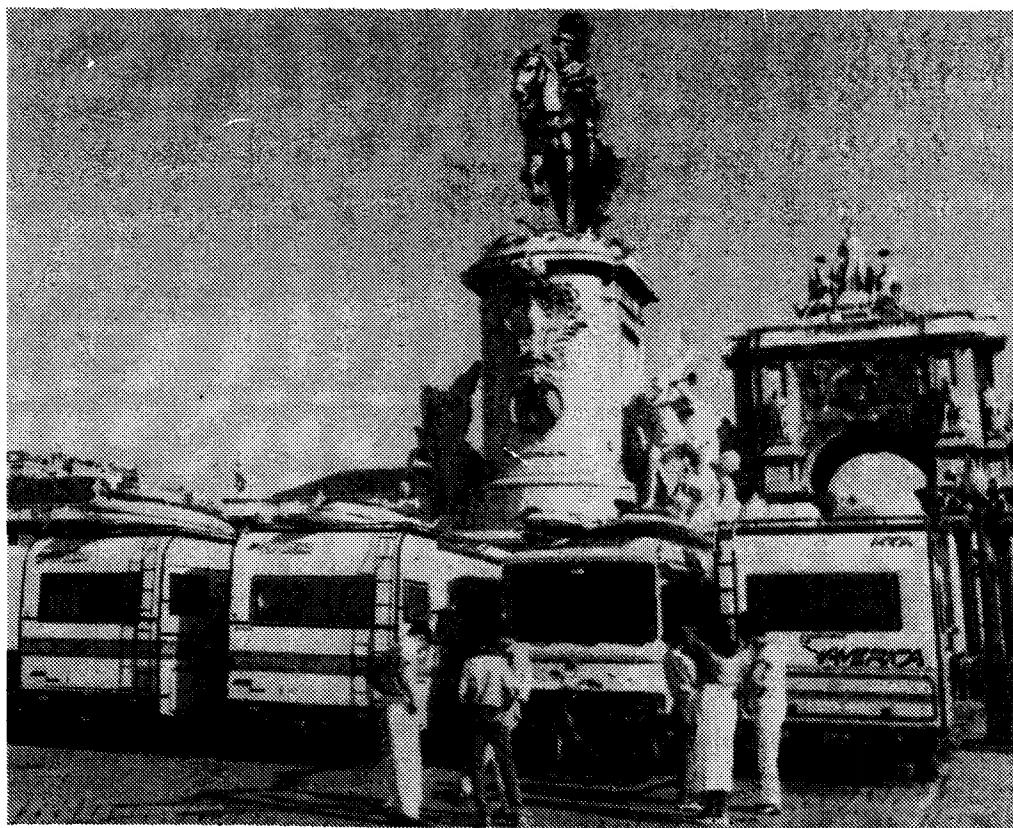
Tinha sido acusada de aceitar suborno DOPA: foi libertada funcionária judicial

Lúcia Moreira, funcionária do Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa, detida por suspeita de corrupção no processo da DOPA, foi posta em liberdade às 23 horas de ontem. Aquela funcionária do 3.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa tinha sido detida em 25 de Julho pela Polícia Judiciária na sequência da

denúncia de Maria Tereza Queirós Andrada, filha de Joaquim Queirós Andrada, principal responsável da Empresa de Dragagens e Obras Públicas Ltd.ª, que se dedicava à exportação ilícita de capitais. Foi, então, acusada de lhe haver extorquido seis mil contos com a promessa de obter a libertação do pai. Pág. 20

Divisas aos pés de D. José

No Verão, a cena repete-se: o Terreiro do Paço (mal) convertido em parque de estacionamento, alberga as viaturas de matrículas estranhas dos que arriscam conhecer Portugal pelas estradas do nosso descontentamento. Mas, a provar que a crise existe, e que os preços de hotéis vão ficando incomportáveis, os turistas dão o exemplo: como o caracol, casa às costas do carro, pranchas de «surf» no tejadilho, estacionam na principal praça da cidade, entre os ministérios do nosso desgoverno. Admirado está certamente D. José o único a ver, a seus pés, os súbditos das divisas.



Hoje, a Volta sobe

Haverá algum 'senhor' na Senhora da Graça?

Agora sim, a Volta entrou na sua fase decisiva com os «romeiros velocípedicos» a treparem os altos de Levandeira e Campeã para atingirem o risco final desta tirada situado no topo da Senhora da Graça e colocado a mil metros de altitude. Venceslau continua a trajar de amarelo e parece reunir a força bastante para prosseguir a sua heróica caminhada, atraindo, estrada fora, a maior fatia dos imensos aplausos que o público vai distribuindo. Ontem, aconteceu alguma movi-

mentação com os 68 «resistentes» a galgarem 150 quilómetros em andamento vigoroso muito pelo mérito de Belmiro Silva e Fernando Carvalho e demais parceiros da turma bombarralense. Hoje como será? «Lau» terá a força bastante para suportar os eventuais ataques dos seus mais directos opositores? Manuel Cunha irá finalmente mostrar as suas aptidões de trepador? Interrogações que dentro de momentos terão resposta.

Pág. 12

CONCURSO
ANIVERSÁRIO

Cupão n.º 13

Pág. 2



FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Patrocina o "Diário de Lisboa" na Volta a Portugal em Bicicleta



Cândido,
18 anos,
desempregado

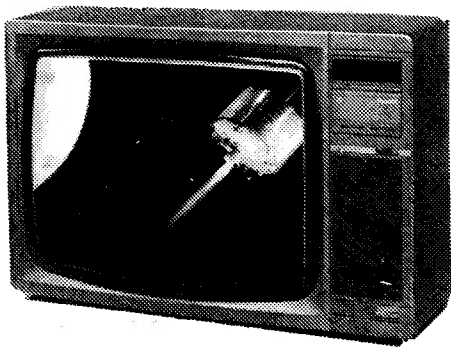
"Vivemos todos do subsídio de desemprego"

- É português?
- Não, sou cabo-verdiano.
- Há quanto tempo vive em Portugal?
- Há cinco anos e tal.
- Porque veio?
- Para viver melhor. Não é que lá se viva mal, mas nós procuramos sempre melhorar a nossa situação.
- E a sua situação melhorou?
- Nem por isso, estava à espera de encontrar as coisas melhores do que o que estão, esperava encontrar trabalho, mas não se consegue nada. Vivo com os meus pais, somos seis pessoas em casa e ninguém tem trabalho, vivemos todos do subsídio de desemprego.
- Antes de ficar sem trabalho, o que fazia?
- Era estagiário num «stand» de automóveis.
- Como é que ficou sem trabalho?
- Estava com contrato a prazo, e quando acabou mandaram-me embora.
- Qual é a sua opinião sobre esse tipo de contrato laboral?
- Acho que é bom, porque pelo menos durante aquele tempo sempre se tem trabalho.
- Não preferia um emprego fixo?
- Claro que sim, mas já que não há, pelo menos é uma solução durante aquele tempo.
- Estudou?
- Fiz só o 2.º ano, na escola preparatória.
- Porque desistiu?
- Não tinha paciência para aquilo, nem gostava, era «chato». Prefiro estar a trabalhar, sempre ganho algum.
- E não pensa acabar os seus estudos mais tarde?
- Até agora ainda nunca pensei nisso. E para quê, os estudos não me fazem falta nenhuma.
- Qual a sua opinião sobre o estado geral do País?
- Acho que está numa situação má, porque há muitos desempregados e as coisas têm um preço muito caro.
- Se pudesse governar o que mudava para que a situação se alterasse?
- Muita coisa. Abria mais fábricas para empregar mais pessoal.
- Como ocupa os tempos livres?
- Vou ao cinema.
- Que género de filmes prefere?
- Filmes de acção, acho-os giro. Há muita «porrada».

O futuro feito Philips

9.º PRÉMIO

Um Televisor a cores PHILIPS
no valor de 81 000\$00



9.º Prémio — Um TELEVISOR a cores PHILIPS com telecommando (20 CT 2226): «écran» de 51 cm, c/imagem e som imediatos, «tecla verde», no telecommando, de ajuste personalizado; comutação instantânea de 20 programas, pré-sintonizados electronicamente; adaptado a gravador de vídeo «VCR» no canal «zero» e a «VLP — Laservision»; tomada p/auscultadores; indicação do programa ou da supressão de imagem em quadrante digital luminoso; peso de 22 kg e dimensões de 59.5 x 41 x 46 cm (larg. x alt. x prof.)

O carro que o compreende a si

1.º PRÉMIO

Um automóvel Peugeot 104 ZL
da Mocar S.A.R.L

CONCURSO
ANIVERSÁRIO

13

DESCUBRA
PORTUGAL

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção), ao preço normal, nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 17, 1200 Lisboa. Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (40\$00, acrescidos de mais 13\$00 de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

Telegramas

Antunes da Silva

1

Nos meus escritos, falo muito em sol, céu, chuva, vento e planície, os elementos mais perto da minha boémia natureza. Tenho também gosto em pronunciar as palavras mãe, sempre, Alentejo, igreja-matriz, maçã, (esta porque tem um bonito nome), vinho, trovoadas, horizonte feito num estilo de cores diversas, especialmente a da espiga de trigo madura.

Por causa destes sinais é que sou capaz de vir um dia a pensar que o meu sangue é também hereditariamente composto do estrume bem cheiroso dos tojos, de visões celestiais que tocam na minha vontade de não me alugar seja a quem for e que acendem lume ao espírito das minhas andanças místicas.

2

Chegou o vento suão. Há dois dias. Ficou desde logo tudo à sua mercê: os combros, a música dos caminhos, mas sobretudo as almas, tanto as do mundo humano, como as do mundo vegetal.

Eu já sei que, se ele não viesse nesta altura, desmoronava-se a lenda singular deste povo, ou mesmo que viesse um pouco mais tarde, eu ficaria em picos. De resto, sei que respiro mal, nessas ocasiões; sei que preciso, em tal emergência, de uma mulher para tudo que é necessário fazer na vida; sei que me apetece dar murros na seda do céu, que tanto respeito; sei que este vento nasceu nos cascos do Inferno e é maluco. Mas, sem ele, o Alentejo ficaria mais vazio dos seus rumores naturais, que dão a feição abrupta ao clima e da luz sem cor a refugiam-se ambos nas cavernas alucinatórias de cada um de nós, compondo o que de mais decidido ou trágico temos.

3

Pouca gente se há-de admirar, julgo eu na minha rude ciência provinciana, se disser que João de Araújo Correia é um dos mais

distintos cultivadores da língua pátria. Médico, natural da Régua, onde reside, mais de oitenta anos de vida, um homem honrado, um grande e admirável contista português!

No meu entender, ele e o Torga são os nossos melhores escritores vivos, pese embora não andarem por aí nas tubas da fama de jornais dos novos e profícuos artistas, e pouco aparecerem em público.

Exprimem ambos pelas palavras mais simples e luminosas que se possam imaginar, as teias complexas da nossa consciência terrena. E sempre com raro brilho e numa arte inigualável.

4

O Juventude de Évora é uma colectividade quase sempre em litígio com um certo tipo de ingratidão oficial. Sem que existam motivos para que uma tal injustiça se verifique. Será o espelho figurativo de um Alentejo amodado e que muito hebreu e sandeu entende desclassificar e perseguir.

Há anos que anda em obras, a erigir pacientemente uma pista de atletismo, uma bancada e um ginásio no seu parque de jogos, somente com os seus parcos recursos, o esforço abnegado dos seus sócios e uma ou outra ajudazinha municipal. Dos outros, nada vem.

Até à data, nunca recebeu fosse o que fosse de jeito das excelentíssimas entidades desportivas deste país. É uma associação marcada pelo estigma dos maus fados, como soe dizer-se. Puseram-na sempre de banda os fascistas e os que, depois deles, tomaram conta do poder, como se uma estranha emanção de um mesmo e sistemático negativismo brotasse do espírito velho e do espírito novo.

Ora, numa cidade carecida de logradouros e de espaços livres, integrada como capital de um Alentejo desgraçadamente intolerado, o Juventude sofre. Mas rema contra a maré. Resiste. Luta. Dá o exemplo do que, em termos desportivos, se pode ser revolucionário, sem fazendas nem dinheiro. Teima ser, e é, o símbolo popular e humanizante da minha região.

Revista da Imprensa Nacional/Casa da Moeda

"Prelo"

Recebemos o n.º 5, referente a Outubro/Dezembro de 1984. Dirigida pelo dr. Diogo Pires Aurélio, a revista trimestral PRELO, pela escolhida colabo-

ração e pelo excepcional cuidado gráfico, ocupa lugar destacado entre as nossas publicações culturais. Além do editorial assinado pelo director, a revista publica, sob a designação de «Ensaio», colaboração de J.M. da Cruz Pontes («Dizeres do Povo», de Corrêa de Oliveira e uma carta inédita de Fernando

Pessoa), de Isabel de Oliveira e Silva («Sentires simbolistas de A. Carneiro»), de Madalena Brás Teixeira («Do objecto ao museu»), de Ana Cristina Leite e Paulo Ferreira («Para uma leitura da simbólica manuelina»); e na rubrica «Documentos», publica «Inéditos de Camilo», apresentados por Viale Mouti-

nho. Completam este fascículo notas sobre livros e sobre as actividades editoriais da EP Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Na capa, uma reprodução do quadro «Contemplação» de António Carneiro (1911). Preço deste fascículo: 350\$00.

A pornoviolência

Beja Santos

É, o justo título, a estrutura mitológica mais fabulosa dos anos 80. É o signo matraqueado do belicismo planetário.

A violência regista-se também como o pecado original da civilização industrial; consumo contínuo e sufocante, compraz-se no idílio diário, com a morte accidental: bomba e carros armadilhados, o estropador à solta, desastre viário monumental com crianças esmagadas entre ferros desconjuntados; é mais manchete ou best-seller quanto maior for a irracionalidade ou surpresa do sangue, e a invulgaridade da catástrofe ou o desforço inusitado dos atentados.

Designar esta morbidez por desejo de animalidade tolerada e que invoca certas formas outrora associadas à indecência, ao irrealismo que se escondia das crianças e mulheres, reporta-nos a uma manifestação cultural que comporta duas ambiguidades e duas reprováveis: a insegurança pornográfica e a trivialidade dos perigos, agressões, saques e actos do domínio da paixão.

A violência ordinária, segundo uns, anda a par das vicissitudes do nosso calendário nuclear; catastrofismo ecológico, desagregação-psicológica na relação homem-paisagem e homem-sociedade, a omnipresença do maléfico, do tiroteio, a perda de sentido excepcional de focos de tensão e estados de be-

ligerância, são alguns dos adjuntos da insegurança colectiva. O sado-masochismo, segundo outros, passou a ser naturalmente ingerível com antídoto da nossa vulgaridade. A cidadania ordinária adita-se à violência ordinária.

A desordem já não é só o somatório de todos os erros e desaires da actividade económica. A desordem, agora, chama-se programação para matar, conflitos rebuscados entre polícias secretas, a espionagem homérica para sustentar um tarado possuído de poderes para desencadear o cataclismo atómico. Sugere-se, a jeito ilustrativo, a leitura de três obras ímpares neste género de alarido: «A Rapariga do Tambor», «Software» e «O Mosaico Parsifal». No romance de John Le Carré, os serviços secretos israelitas recrutam uma comediante para atrair o carrasco palestino, hábil e escorregadio preparador de engenhos explosivos. Utilizada como «tambor» que chama o instinto sanguinário (misturado com o instinto sexual, claro), de peripécia em peripécia vão morrendo alguns matores por várias localidades de dois continentes. A representação da violência, torna a rapariga numa assumida contradora da destruição. É um farapo sem desejo, no final. «Software», ou a guerra doce, promete-se ao leitor como o primeiro romance de suspense informático. Primeiro acto: o

norte-americano Brendan Barnes, génio de informática preparado no Instituto de Tecnologia Massachusetts, tem uma paixão pela sua aluna soviética Iulia Voronkoff, da qual aparece uma menina cuja paternidade é outorgada a um agente da KGB que se oferece para marido desta directora do Centro de Informática de Krasnoïarsk. Segundo acto: a espionagem norte-americana põe em marcha um plano de confusão descontinua nos computadores soviéticos, adquiridos na concorrência. Luta-se no cerne do desenvolvimento das concentrações tecnológicas, mediante a criatividade hostil disposta a subjugar o adversário na malha vulnerável dos circuitos. Brendan e Iulia amam as suas pátrias e não se mostram dispostos a concessões com os desejos pretéritos. A «softbomb» foi instada nos terminais soviéticos. Terceiro acto: estalou a crise e recrudescem as ameaças veladas entre as grandes potências. Em Genebra, onde se encontram os dois heróis, «raptam» a menina do casal. A hecatombe espregueia por todos os lados. Tudo acaba em bem, sem novas interferências nem chantagens nos «software». «O Mosaico de Parsifal», de Robert Ludlum, é uma orgia de emboscadas entre polícias e subpolícias, com tratados paranóicos de alianças e ataques congeminados por um político norte-americano que enlouqueceu e só meia dúzia de grandes é que sabem. O plano foi urdido por um agente «cin-

zento» e chega-se ao termo de seiscentas páginas de acção, suspense e cadáveres com a dúvida que qualquer estrangeiro que tenha emigrado para os EUA não tenha sido adestrado pelo braço selvagem da KGB... o que justifica a implacável resposta de uma CIA que não se sabe onde começa e para onde desliza...

Outra faceta da pornoviolência é a sua adaptação a um valor cimeiro da sociedade de consumo: os pornoviolentos são profissionais da sedução, antes de serem heróis, centauros, políglotas, velozes, eficientes — será por acaso que o pai da ficção pornoviolenta dá pelo nome de James Bond? Persuadem e matam com fascínio, quer nos cumes gélidos dos Alpes ou num gabinete de Departamento de Estado.

Com efeito, todos os triunfos, proezas, deleites e degenerescências, sejam eróticos ou não, são mensuráveis pela capacidade de sedução. O que nos obriga a reflectir sobre a questão genesiaca da pornografia. Trata-se como o prazer feito culpa.

Entendia-se por pornografia um conjunto de manifestações delituosas, tidas por instintos baixos, atentatórios dos bons costumes, retratadores do prazer convencionalmente desviado ao prazer e fins da reprodução, imagens, sons e escritos deturpadores do erotismo, fantasmas destinadas a tímidos e impotentes, etc. Todo um quadro cultural e religioso repressivo do prazer conduziu ao termo pe-

jorativo pornografia. Não são hoje poucos os autores, como é do domínio público, que inventariam funções compensatórias e desmistificadoras à pornografia. Uma obra que fez fortuna na literatura libertina, «A Filosofia na alcova», do Marquês de Sade, tem de facto uma leitura didáctica: numa época em que os conhecimentos sexuais só eram acessíveis nas escolas médicas ou através de uma duvidosa tradição oral, as obras de «licenciados» como esta tiveram um importante desempenho na revelação dos mistérios da geração e do sexo. As inverosimelhanças contidas em obras de Musset e Apollinaire ilustram, por um lado, a forma original de iniciação aos segredos plurais do prazer carnal, e o suporte interdito, por outro, das contrapartidas eróticas incompatíveis na comunicação formal, então vigente. A desmistificação será transmitida pela inocuidade fisiológica; trata-se do campo terapêutico das descrições fabulosas, contranatura, possessivas, etc., que ilustram as capacidades de lazer erótico, consolo para adolescentes, viúvos, frustrados, e outros.

Estaremos mesmo a falar de uma energia indigna e degradante, ou desta atmosfera de contos de fadas cujos personagens se converteram em cientistas loucos, assassinos a soldo de quem paga melhor, terroristas sem crença, maníacos à procura de santidade na barbárie nos recontros com pistolas munidas de silenciador?

A pornoviolência, vende-se muito mais que o prazer sexual culpabilizado e que as proverbiais chacinhas de cow-boys sobre os navajos. O serviço prestado pela venalidade da insegurança é o complemento apaziguador da anormalidade rotineira que fundamenta a sociedade-espectáculo dos nossos dias. Bem mais barato que a projecção em privado de filmes porno; seguramente mais normalizador que todas as séries dos «3 Dukes» juntos. Acresce que a via «moral» e justa destas cruzadas contra a Besta que persegue a nossa civilização é a mais proveitosa: acautela-se do preço terrível da nossa liberdade, transmite-se o gasto em vidas humanas mais económico.

A pornoviolência, por isso, não nos horroriza como provocação à falta de segredo do futuro: é a saborosa «variedade» de todas as angústias, de todos os grotescos, de todas as delinquências e malfetorias que bloqueiam a nossa actividade dialogante, enriquecedora e pacífica. Os censores criam-nos fantasmas, descidas aos infernos, cenas fornicadoras de medo e nojo como o inverso do prazer autêntico de descobrir o corpo e a vida (leia-se: o erótico ou a paz, o sonho ou o florescimento de Eros, amor parceiro de todas as alegrias que fazem progredir o mundo sem a «respeitabilidade» de gozo sexual policiado, sem os estimulantes da violação, do sequestro e do gatilho nuclear).

O Dia de Hiroxima (A propósito de um debate na televisão)

E. Moradas Ferreira

Apreciei devidamente o programa que a RTP dedicou ao Dia de Hiroxima e o facto de não ter esquecido a efeméride, com infelizmente tem acontecido como outras, não direi tão importantes, mas que deveriam ser assinaladas.

Confesso que o debate não me satisfaz, embora reconheça a sua inegável importância, mas teve mesmo assim o mérito de me suscitar algumas reflexões.

Foi dito que a existência da arma nuclear e a doutrina da dissuasão têm mantido a paz na Europa há 40 anos.

É um facto, embora este período de paz não se deva exclusivamente à existência das bombas nucleares.

Mas, para possibilitar a destruição mútua, vinte ou trinta bombas nucleares seriam suficientes, pois seriam bastantes para ripostar a um potencial atacante e infligir-lhe danos inaceitáveis. Então porque a corrida armamentista e a multiplicação do número de bombas nucleares?

Porque subjacente à doutrina da destruição mútua assegurada persiste a ilusão de conseguir uma superioridade que permite um ataque que decapite a resposta do adversário, que res-

ponda aumentando o número de bombas de modo a ficar com capacidade de resposta a um ataque de surpresa.

É um ciclo vicioso gerado por uma desconfiança recíproca e ao mesmo tempo a ilusão de poder alcançar a vitória numa guerra nuclear.

Perigosa ilusão, que foi o tema de discussão do 4.º Congresso Internacional dos Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear que reuniu em Helsínquia, em 1984, ilusão que é um dos motores da corrida armamentista.

Todavia os peritos internacionais que analisam esta situação são unânimes em considerar que a acumulação de armas nucleares conduzirá inevitavelmente à sua deflagração.

Foi dito que a explosão de metade das bombas nucleares existentes ocasionaria o que os cientistas descreveram como «Inverno nuclear».

Mas o que está calculado é que basta que sejam deflagradas 500 a 2000 bombas (esta diferença numérica depende da natureza dos alvos atingidos e do facto de as explosões serem ao nível do solo ou a algumas centenas de metros de altura) para que se produzisse uma «noite nuclear» que precederia e causaria o «In-

verno nuclear».

Os sobreviventes poderiam, pelo menos alguns, proteger-se do frio mas todas as plantas seriam destruídas pela ausência prolongada (até cerca de um ano) da luz solar.

As consequências destes fenómenos são fáceis de imaginar — fome, sede e possível eliminação da vida na Terra, consequências que abrangeriam não apenas os países directamente atingidos, mas todos os países do Mundo.

A Terra é uma nave espacial em que ou nos salvamos ou perecemos.

Gemeinsein leben, nicht gemeinsein sterben (Vivermos em conjunto, não morreremos em conjunto), tema do 6.º Congresso Internacional dos Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear a realizar no próximo ano em Colónia, na Alemanha Federal.

Os cientistas americanos designam o número de bombas suficiente para desencadear a morte e o «Inverno nucleares» como o número do dia do Juízo Final, número este que já foi ultrapassado há mais de vinte anos.

As investigações americanas e soviéticas que conduziram ao conhecimento das consequências atmosféricas globais das explosões nucleares só foram conhecidas em fins de 1982.

Quando o presidente Nixon esteve para carregar no botão despoletador duma guerra nuclear ignorava as consequências do acto que se dispunha a praticar. E são elas actualmente todas conhecidas?

Foi dito que a «Guerra das Estrelas» tem por objectivo tornar obsoletas as armas nucleares, que é uma iniciativa defensiva.

Qualquer pessoa sensata perguntará se não será mais económico destruir as armas nucleares, do que arruinar a economia mundial com um projecto de custos fabulosos.

Mas a iniciativa de defesa estratégica tem por objectivo tornar obsoletas e inoperantes apenas as armas nucleares soviéticas, o que explica que os EUA as continuem a construir. Permitiria que um ataque nuclear não tivesse uma resposta nuclear.

A realidade é que, mesmo os cientistas mais optimistas consideram que o escudo antinuclear não interceptará mais de 90% das bombas nucleares e o programa da «Guerra das Estrelas» irá apenas agravar a corrida armamentista e não é de duvidar que acabem por ser encontradas tecnologias que tornem ineficaz o tão apregoiado escudo antinuclear.

Já na década de sessenta os peritos americanos encarregados de fazer um estudo sobre as con-

dições necessárias para a segurança e protecção do território americano chegaram à conclusão que não era tecnicamente possível alcançar essa almejada segurança.

Concluíram que só por acordos políticos poderia conseguir-se segurança.

Cooperação e não confrontação foi o tema do 5.º Congresso Internacional dos Médicos para a Prevenção da Guerra Nuclear. A Humanidade não tem outra alternativa para sobreviver.

Afirmar que subscrevo inteiramente é que o problema da guerra nuclear é o problema da guerra e que é necessário estudar as suas causas para a evitar.

Porém, o debate sobre a guerra nuclear é importante não só porque tem um impacto estimulante sobre a opinião pública, mas também porque mostra que a guerra entre as grandes potências se tornou uma impossibilidade racional, pois seria inevitavelmente nuclear.

Mesmo que os arsenais nucleares sejam destruídos, a guerra, na era nuclear, deixou de ser a continuação da política.

Se fosse desencadeada uma guerra, chamada convencional, entre as grandes potências, estas rapidamente construiriam novas armas nucleares e a nação que estivesse em risco de ser derro-

tada, seguramente usaria a arma nuclear.

O conhecimento da psicologia dos povos não permite tirar conclusões diferentes e quando se actua em situações de extrema tensão emocional e psicológica as resoluções são ainda mais irracionais.

A conclusão a tirar é que na era nuclear se houver guerra esta será inevitavelmente nuclear.

Concordo, pois, que é importante e urgente estudar e divulgar as causas das guerras nucleares, para poder fazer a sua prevenção.

Não sendo polemologista a minha análise conduz-me a uma conclusão muito clara e precisa: todas as guerras foram devidas ao desejo de um povo dominar e explorar outro povo — domínio económico, religioso, cultural ou político.

Assim, só quando deixar de haver exploradores e explorados a paz estará assegurada.

É um processo difícil, mas é necessário recordar a frase de Einstein, frase emblemática do Movimento Internacional dos Médicos para a Promoção da Guerra Nuclear.

«Na era nuclear, se a Humanidade quiser sobreviver tem de adquirir uma maneira nova de pensar.»

* Associação dos Médicos Portugueses para a Prevenção da Guerra Nuclear

AO TELEFONE COM

Helena Bastos
(vereadora (APU))



Recentemente os vereadores da APU de Lisboa acusaram o Presidente da Câmara Municipal da capital de distribuir, a seu bel-prazer, habitações sociais a familiares e amigos. Por outras palavras: em vez de obedecer a critérios objetivos e claramente definidos, a distribuição de casas foi feita por Krus Abecasis, em muitos casos, pelo velho método da cunha...

Os vereadores da APU foram no entanto mais longe e, dada a gravidade do caso, entregaram a questão na Alta Autoridade contra a Corrupção para que tudo seja averiguado.

Como se esperava Krus Abecasis não gostou mesmo nada da atitude dos vereadores da APU e veio a público desancar nos seus acusadores, como, de resto, o «DL» deu notícia.

Ao telefone com a vereadora Helena Bastos, autora da intervenção na sessão pública da Câmara em que tudo foi posto a nu, pedimo-lhe um comentário sobre as declarações-resposta de Abecasis. Helena Bastos começou assim:

«O Presidente da Câmara Municipal de Lisboa veio mais uma vez a terreiro tentando confundir os espíritos, dizendo que embora pudesse atribuir casas por despacho nunca o fizera, acusando-nos de manobras eleitorais e pidescas (sic), lançando desafios. Ora bem, quero dizer muito clara e frontalmente que as afirmações que produziu são falsas e grotescas».

«São? Porquê?»

«Em primeiro lugar: é falsa a afirmação de que nunca atribuiu casa por despacho seu. Que diabo: demos vários exemplos na comunicação que fizemos à Câmara, em sessão pública, com o teor e a data dos despachos, bem como a identificação de quem os proferiu e a quem beneficiou».

«As provas, portanto, existem...»

«Claro que existem. Aliás, as relações de fogos municipais atribuídos pela Câmara Municipal de Lisboa, e periodicamente publicadas em Diários Municipais, permitem concluir que a intervenção directa do Presidente e/ou da Vereadora responsável do pelouro da distribuição de habitações (primeiras cedências), oscilou entre os valores mínimos de 10% de Janeiro a Junho de 82, e máximos de 70,2% entre Julho e Setembro de 83!».

«Quer dizer portanto que os casos apontados são apenas referentes ao período que vai de Janeiro de 82 a Setembro de 83?»

«Exacto. As irregularidades por nós denunciadas em Câmara, e que posteriormente constituíram a base do pedido de intervenção da Alta Autoridade contra a Corrupção num processo convenientemente documentado, cobrem apenas esse período. De referir, contudo, que a maior parte dos processos não foi exaustivamente analisada: a partir de Maio de 82 (inclusive) só foram analisados 10% dos processos (no conjunto dos três vereadores que integravam a Comissão) o que

“Afirmações de Abecasis são falsas e grotescas”

permite admitir que algum ‘peixe graúdo’ possa ter passado por malha tão larga».

«No entanto, o Presidente acusou a APU de manobras eleitorais e pidescas...»

«Bom, aí o sr. presidente deve ter entrado em mecanismos de ‘transfert’, produto de alguma má consciência que possa ter nessa matéria... Lamentamo-lo sinceramente porque aqui resvala para o campo do grotesco, situação indesejável para qualquer político que não deseje ainda reformar-se».

«A verdade é que as eleições estão perto...»

«Pois estão, mas acusar de eleitoralista uma prática que visa tão — somente a dignificação do poder local, a imparcialidade e rigor na aplicação de critérios de distribuição de habitação social, a denúncia de irregularidades, o pedido de intervenção de autoridades competentes na matéria, não colhe».

«E quanto ao ‘pidesca’?»

«Acusar de pidesca uma intervenção que é produzida em defesa da transparência democrática, da igualdade de oportunidades para os cidadãos, da implementação da justiça social, é provocatório. E se as atitudes grotescas ficam com quem as produz, às provocações responde-se na altura adequada. É oportuno lembrar que ‘quem semeia ventos colhe tempestades’...»

«O Presidente afirmou igualmente que só distribuiu casas a quem delas precisava...»

«Em relação às necessidades de quem pediu habitação social nunca pensámos, nem afirmámos, que quem vivia bem instalado em palacetes ou vivendas deles abdicava para ir para Chelas ou outro qualquer bairro camarário!... A questão não é, pois, quanto a nós, essa. A questão é o não cumprimento duma hierarquização de carências, na ultrapassagem de pedidos mais antigos, mais prementes, mais dramáticos por intervenção de interesses pessoais, de conhecimentos, de clientelas políticas. A questão está na gestão do património municipal não como valor público mas como coisa privada, de que a Presidência dispõe como se de quinta ou coutada sua se tratasse. Aqui reside a prepotência, o uso e abuso do poder que se não faz sentir só na Direcção dos Serviços de Habitação, conforme a APU tem várias vezes denunciado».

«Quer isso dizer que a APU tem na manga, passe a expressão, novas denúncias de irregularidades da gestão da Câmara, agora noutros sectores?»

«Neste momento está em agenda uma proposta nossa de inquérito à Direcção de Serviços de Urbanização, em que a, desorganização dos serviços cria objectivamente condições para actuações especulativas e lesivas dos interesses do Município e da população — situação que urge travar e inverter. Pela nossa parte tudo temos feito, fazemos e continuaremos a fazer na defesa intransigente da cidade que amamos e dos seus habitantes. É esta a nossa ética, a nossa prática, o nosso compromisso».

Ribeiro Cardoso



Alberto João Jardim: discurso na feira gera polémica.

UDP vai participar de João Jardim

A UDP vai paticipar à Comissão Nacional de Eleições por «abuso de poder e violação à lei eleitoral de Alberto João Jardim», no seu discurso proferido na Feira do Gado do Porto Moniz, no domingo passado.

Aquela força política refere também que irá participar junto daquele órgão da RTP e RDP da Madeira, devido à cobertura dada por estes órgãos de Comunicação Social, que no entender da UDP «não cumpriram a lei eleitoral».

Considera a UDP que o discurso de Alberto João Jardim, enquanto presidente do Governo Regional da Madeira, foi de «pronunciamento sobre o sentido do voto que o eleitorado deverá tomar nas eleições de Outubro, em clara e flagrante violação do que dispõe a lei eleitoral sobre o comportamento que devem ter as entidades públicas no desempenho dos seus cargos».

Lisboa e Emigração já têm listas sorteadas

O Partido Operário de Unidade Socialista (POUS) é o primeiro partido nos boletins de voto pelo círculo de Lisboa nas eleições legislativas de 6 de Outubro, conforme sorteio ontem realizado.

O sorteio, no primeiro Juízo Cível do Tribunal da Comarca de Lisboa ordenou assim, as onze forças políticas concorrentes no círculo de Lisboa: POUS, PS, FUP, PDC, PRD, APU, PSD, UDP, PSR, PCTP/MRPP e CDS.

Ainda ontem foi feito o sorteio para a ordenação nos boletins de voto das forças políticas concorrentes nos círculos da Emigração, Europa e Resto do Mundo.

Para o círculo da Europa, a ordem é a seguinte: PC (R), PS, CDS, PRD, PSD, UDP, POUS, PDC, PCTP/MRPP e APU. Para o círculo do resto do Mundo, o sorteio determinou a seguinte ordem: APU, PCTP/MRPP, PC (R), PDC, PRD, PSD, CDS, UDP, PSR, PS e POUS.

MRPP aposta na “maturidade da classe operária”

O Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses (PCTP/MRPP) considera que a votação nas suas listas nas próximas eleições «constituirá um índice insubstituível da maturidade política da classe operária».

A afirmação foi feita por António Garcia Pereira, segundo candidato pelo círculo de Lisboa do PCTP/MRPP, durante uma conferência de imprensa destinada à apresentação da candidatura daquele partido às eleições legislativas antecipadas em 22 círculos eleitorais.

Assim como em campanhas eleitorais anteriores, o PCTP/MRPP afirma que participa nas presentes eleições «consciente de que elas não irão resolver qualquer dos problemas do povo português».

O aproveitamento da campanha eleitoral para a divulgação do seu programa e das suas posições políticas — que afirma serem «completamente escamoteadas e silenciadas» pela Comunicação Social fora dos períodos eleitorais —, é o principal objectivo da participação do PCTP nas legislativas.

O PCTP/MRPP afirma-se, no entanto, convicto de que conseguirá a eleição de um deputado.

Jazz com interrogação

Os efeitos de uma interrogação sobre o jazz ficaram ontem comprovados por efeitos de uma omissão registada na página 2 da nossa edição de ontem, em artigo assinado pelo nosso colaborador José Duarte. De facto, o título correcto leva uma interrogação e fica do modo que segue, para descanso de todos: «O músico português de jazz» é mesmo de jazz?»

Em carta à RTP

Almeida Santos propõe datas para debate com Cavaco

Almeida Santos escreveu ontem ao presidente da RTP propondo datas para o debate televisivo com Cavaco Silva.

Na carta, na qual se afirma pessoalmente disponível para o debate com o líder do PSD, o dirigente do PS dá conta de várias datas alternativas, algumas delas muito próximas.

Recorde-se que a ideia do debate partiu, na semana passada, do líder do PSD e foi prontamente aceite pelo ministro de Estado e candidato a primeiro-ministro do PS.

Cavaco Silva que «não oficializou apoio a nenhuma candidatura às próximas eleições presidenciais, segundo uma

fonte partidária. José Mendonça, do gabinete de Imprensa social-democrata, referiu a propósito que Cavaco Silva, para assegurar a sua sobrevivência como líder à frente do PSD, não poderá deixar «de estar com ele».

Ricardo Nunes considera ainda que a sua candidatura irá com certeza impôr-se às conveniências tácticas dos partidos, PSD e CDS, como imperativo de sobrevivência nacional, isto é, por razões de Estado.

Quanto a um possível apoio do CDS, o candidato referiu que existiram contactos, mas que ambas as partes tinham concluído ser «premature fazer qualquer acordo, antes de co-

democratas. Isto porque, «em face dos resultados das legislativas, o professor Cavaco Silva, para assegurar a sua sobrevivência como líder à frente do PSD, não poderá deixar «de estar com ele».

Ricardo Nunes considera ainda que a sua candidatura irá com certeza impôr-se às conveniências tácticas dos partidos, PSD e CDS, como imperativo de sobrevivência nacional, isto é, por razões de Estado.

nhecidos os resultados das legislativas».

Mostrou-se seguro de que, até ao fim do ano, «3,5 milhões de portugueses vão conhecer-me e vão votar na alternativa da esperança». Por seu lado, um membro do Clube de Empresários confirmou, segundo a Anop, que «a candidatura de Ricardo Nunes será apoiada pelo Clube».

Tempo de antena

Entretanto, Cavaco estará esta noite nos pequenos ecrans, pelas 20.30 horas, no tempo de antena do PSD, para desenvolver dois temas centrais da sua campanha.

Acusado de falta de isenção e discriminação

“Diário de Notícias” queixa-se do Partido Socialista

O «Diário de Notícias» vai apresentar queixa ao Conselho de Comunicação Social contra o Partido Socialista. De acordo com uma declaração da direcção daquele matutino estatizado, publicado na edição de hoje, aquele órgão «é a sede própria para responder às acusações concretas que nos são lançadas».

Uma nota do Gabinete de Imprensa do PS, divulgada ontem à tarde, acusava o «DN» de «tratamento discriminatório e alheamento», em relação à cobertura da conferência de Imprensa em que foram apresentados os candidatos a deputados socialistas.

Segundo o PS, essa acusação tinha dois fundamentos — o facto de o «DN» não ter enviado nenhum jornalista para cobrir o acontecimento e a notícia depois publicada que seria «manifestamente ofensiva das regras mínimas de isenção e pluralismo».

De seguida, o Gabinete de Imprensa do PS acusa a direcção do «DN» de um comportamento que «levanta suspeitas de hostilidade ao maior partido português», do que seria prova bastante o facto de aquele matutino ter entrevistado os líderes do PSD, do PCP e do CDS, mas ter considerado sem interesse entrevistar o candidato PS a primeiro-ministro.

Na resposta hoje divulgada, a direcção do «DN» não se pronuncia sobre a ausência de qualquer jornalista do jornal na conferência de Imprensa. Mas não reconhece ao PS «idoneidade para se pronunciar sobre matéria de Comunicação Social, nem moral para nos dar lições de dignidade, ou de ética e deontologia profissionais».

Esclarece também que as entrevistas publicadas pelo «DN» foram com os líderes dos partidos — Lucas Pires, Álvaro Cunhal e Cavaco Silva e que, por isso, idêntica entrevista foi pe-

didada a Mário Soares que «ainda não encontrou disponibilidade para receber um redactor do «DN». As entrevistas não foram pedidas diz o «DN», «aos candidatos dos grandes partidos a primeiros-ministros (figura recém-surgida sem qualquer estatuto legal ou constitucional».

Quanto a uma referência do PS às vendas do jornal, a direcção do «DN» afirma: «Fazemos votos para que o PS se sinta igualmente orgulhoso com os índices de popularidade que a sua acção e os seus dirigentes têm atingido nos últimos meses. Finalmente, consideramos de bom tom não falar, porque seria descaridoso, nos vários jornais que o Partido Socialista levou sucessivamente à falência».

Na mesma edição do «Diário de Notícias» é publicada a posição do Conselho de Redacção. Este considera que esta celeuma confirma que «o que o PS/Partido e o PS/Governo sempre puseram em causa foi a direcção

(e, por tabela, a redacção) deste jornal e a sua política informativa e editorial, como agora se demonstra».

O CR acusa o PS de viver num dilema: «Proclama a liberdade e independência dos órgãos de informação, mas não sabe viver com ela. Ao invés, só concebe os jornais, a rádio ou a televisão como veículos do panegírico, instrumentos ao seu serviço».

O comunicado termina com a afirmação de que «não delegamos em ninguém as responsabilidades que só a nós respeitam, de decidir sobre os critérios editoriais e da oportunidade da publicação de qualquer matéria noticiosa, como também recusamos o jornalismo por encomenda ou a entrevista sugerida. Não devemos explicações ao Gabinete de Imprensa do PS. Mas se for caso disso e julgarmos devê-las à opinião pública, cá estaremos para contar certas histórias exemplares».

Duque de Bragança nega apoio a qualquer candidato a PR

O gabinete de D. Duarte Nuno Pio, Duque de Bragança, afirmou ontem em comunicado que o Duque de Bragança «não dá, nem deu, apoio a qualquer candidato à Presidência da República».

Considera o referido comunicado, porém, que, «no quadro constitucional em vigor, seria útil que um candidato à mais alta magistratura do Estado se propusesse promover o desbloqueamento da Constituição da República, que impede a mudança do sistema, tornando, assim, possível aos portugueses, a escolha livre da instituição que considerem poder servir mais utilmente o País».

Embora o texto sublinhe que o Duque de Bragança sabe que «há defensores da instituição real, em diferentes quadrantes ideológicos e em todos os partidos democráticos», entende «não dever interferir nas decisões ou nos arranjos que pessoas ou grupos estabeleçam para a viabilização dos respectivos projectos políticos».

O comunicado sublinha ainda que o Duque de Bragança «não é, nem nunca pretendeu ser, candidato à Presidência da República», insistindo nas «vantagens da instituição real sobre a República», por garantir, «verdadeiramente, a independência da chefia do Estado, indispensável para o exercício da sua função moderadora».

PDC em todos os círculos

O Partido da Democracia Cristã concorre às eleições de 6 de Outubro em todos os círculos eleitorais, confirmou o seu secretário-geral.

Santos Ferreira, que encabeça a lista de Lisboa, disse à agência NP que o PDC entregou no prazo legal todas as candidaturas e que dará uma conferência de Imprensa na próxima sexta-feira para apresentação dos candidatos.

PUBLICIDADE

ESTA SEMANA A SORTE PASSOU POR AQUI

SOCIEDADE DE 6 AMIGOS GANHA 46.405.424\$00

Há festa em Vieira do Minho! Seis amigos unidos em sociedade acertaram em cheio nos 6 mágicos números do Totoloto desta semana! Jerónimo Silva, Aníbal Vilela e Aires Dias constituíam uma pequena sociedade de jogadores. Desde há algum tempo, três outros amigos vinham insistindo em entrar igualmente para ela: António Campos, Domingos Barreiro Silva e António Costa Fernandes. Finalmente foram aceites, na condição de ser dobrada a aposta. No entanto, nessa semana não registaram os bilhetes. Se o tivessem feito teriam ganho mais de trezentos contos.

Esta semana apostaram forte, arriscaram e acertaram em cheio - foram os únicos totalistas, acumulando ainda quatro 3.^{os}, quatro 4.^{os} e um 5.^o prémio, num total de 46.405.424\$00!



totoloto

É FÁCIL
É BARATO
DÁ MILHÕES

Alternativa democrática passa pelo reforço da APU

● **sublinham dirigentes do PCP e do MDP na apresentação das listas**

Dirigentes do PCP e do MDP/CDE divulgaram ontem, em conferência de Imprensa para apresentação das listas de candidatos da APU em todo o país às eleições de Outubro, o acordo de acção parlamentar entre os dois partidos onde se coloca «como ponto relevante de cooperação entre os seus grupos parlamentares, intervir activamente com vista à constituição de um Governo democrático que tenha por base o entendimento entre as forças democráticas e patrióticas incluindo independentes representados ou não na Assembleia da República».

Na sua intervenção inicial, Álvaro Cunhal revelou que durante a campanha eleitoral da APU serão divulgadas «tanto as linhas programáticas de acção governativa a médio e a longo prazo, como decisões de emergência a tomar a curto prazo por um Governo democrático».

Ponto saliente ainda da intervenção do líder comunista: «o reforço da votação na APU e o aumento substancial do número de deputados cujas candidaturas constam das suas listas é condição indispensável para que uma alternativa democrática seja possível». Para o PCP, a APU, ao intervir nestas eleições, «é chamada a desempenhar na situação actual um papel que pode ser determinante para a solução democrática da gravíssima crise económica, social, política, nacional e moral que o país atravessa».

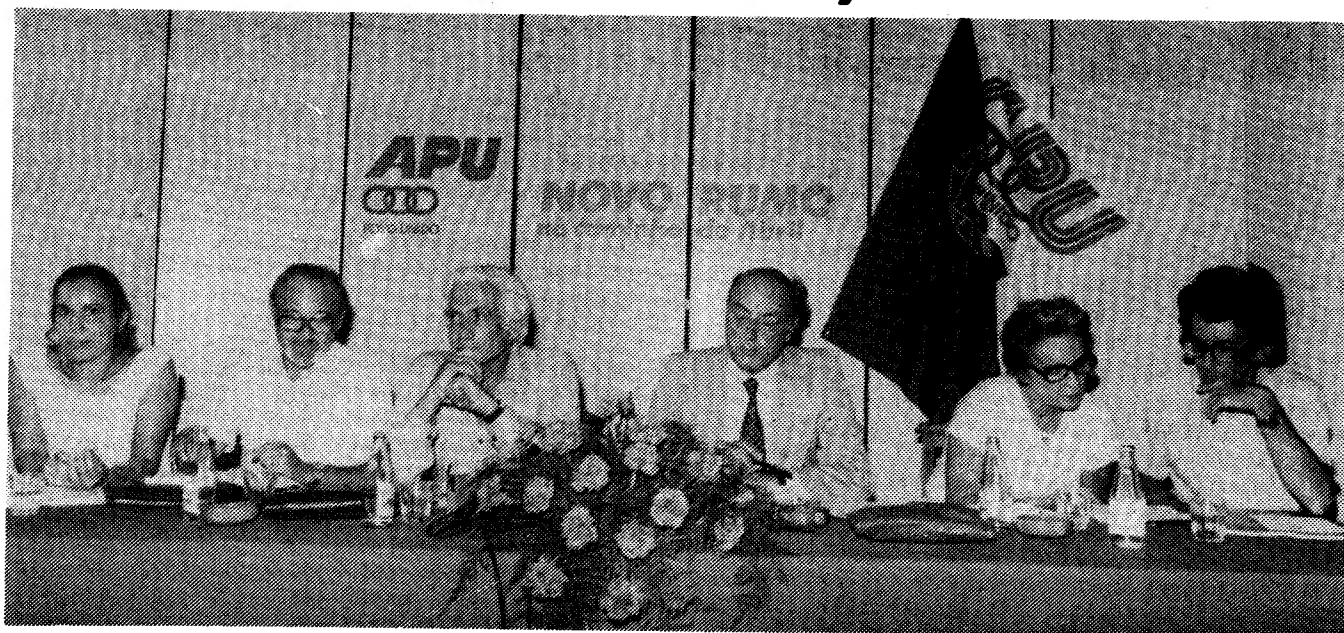
PRD: «incógnita»

José Manuel Tengarrinha, presidente do MDP/CDE, sublinhou a «larga base de consenso democrático» em que as-

sentou o acordo do seu partido com o PCP, quer para a acção parlamentar futura quer para a distribuição dos seus candidatos nas listas APU. Considerou o processo de escolha «inteiramente democrático» e mais favorável desta vez ao MDP que terá mais candidatos e três deputados certos, além da possibilidade de eleger um quarto em Setúbal.

Os problemas surgidos com alguns responsáveis da distrital de Braga do MDP foram igualmente desmontados por Tengarrinha que recordou o facto de o acordo com o PCP para a nova a coligação eleitoral ter sido aprovado por esmagadora maioria, há meses, no Encontro Nacional do partido, órgão mais importante entre congressos, e que reuniu 150 delegados.

A propósito da caracterização ideológica do PRD («vacuidade» uma «incógnita» — manteve o presidente do MDP) disse não temer concorrência do novo partido ao PRD, frisando que a vocação deste será «captar os desiludidos e atraídos do PS e do PSD», enquanto que o voto



Maria Santos (Os Verdes), Carlos Costa e Álvaro Cunhal (PCP), José Tengarrinha e Helena Cidade Moura (MDP/CDE) e Vítor Dias, do gabinete de Imprensa da campanha, na mesa da conferência

na APU é um «voto certo e útil para uma efectiva mudança da vida política portuguesa».

Para Álvaro Cunhal, que se absteve de classificar o PRD em termos ideológicos, o importante é assinalar o facto positivo do aparecimento do novo partido, desde que este «consiga desenvolver-se no campo social e político onde se regista um vazio» e que para uma alternativa democrática «nenhum voto da APU deverá desviar-se para o PRD» e que a APU vai mesmo tentar captar votos no espaço deixado vazio pelos partidos que têm estado no poder.

Ex-Secretariado: cosmética?

O secretário-geral do PCP diria, por outro lado, em resposta a uma pergunta relacio-

nada com a corrida presidencial de Soares que este afastou-se no momento «em que o descontentamento popular estava no auge» e que quer fazer esquecer o facto de ser um primeiro-ministro demitido.

Sobre o regresso de elementos do Ex-Secretariado do PS às listas de candidatos, Cunhal considerou que tal facto reflecte o receio do PS quanto ao previsível crescimento da APU. Para o dirigente comunista a chamada às listas do PS de elementos que têm estado contra a política seguida no Governo pelo partido é ainda motivo de reflexão na medida em que se não houver da parte desses novos candidatos uma «atitude condenatória da política seguida nos últimos anos» tratar-se-á, apenas, de uma «mera operação de cosmética».

Helena Cidade Moura, cabeça de lista por Vila Real, manifestou o seu agrado pela sua inclusão na lista de um distrito transmontano (que soube conhecer com Miguel Torga e onde tem muita gente amiga). Disse, ainda, haver «condições muito boas» no distrito para um resultado positivo da APU.

Carlos Costa, cabeça de lista do Porto, comentou os recentes acordos PS/PSD para as autárquicas em alguns concelhos lisboetas, como declarações de impotência» desses partidos e que, tal como já aconteceu noutras ocasiões semelhantes, deverão sofrer «uma derrota esdrondosa».

Estiveram ainda presentes na mesa da conferência Maria Santos, candidata de «Os Verdes» e Vítor Dias, da SIP do PCP.

60 mulheres 183 quadros

Dos 352 candidatos apresentados, 246 são membros do PCP, 45 são membros do MDP/CDE, 8 de «Os Verdes» e 53 são independentes. Há 60 mulheres nas listas, 3 das quais cabeças de lista: Zita Seabra — Aveiro; Benardina Sebastião — Beja e Helena Cidade Moura — Vila Real.

No tocante à composição social, 64 são operários (sete dos quais agrícolas), 72 empregados, 3 pescadores, 183 intelectuais ou quadros técnicos, 9 pequenos e médios comerciantes e industriais, 6 agricultores, 3 militares na reserva, 12 de profissões diversas. Por outro lado 54 dos candidatos são dirigentes e delegados sindicais e 59 são membros de órgãos autárquicos.

TEMPOS NOVOS



Esteja atento aos n.ºs

31 a 40

Tudo sobre o XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes realizado de 27 de Julho a 3 de Agosto, em Moscovo, sob o lema «Pela Solidariedade Anti-Imperialista, Paz e Amizade».

Preço: 30\$00

(DL) a distribuição



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA de **ODIVELAS**
INFORMÇÃO JULHO 85

ACESSOS VIÁRIOS A ODIVELAS

MOÇÃO

Considerando que:

- A situação dos acessos a Odivelas tem revelado que, à medida que a Junta Autónoma das Estradas prossegue com as obras ao fundo da Calçada de Carriche, junto a Odivelas e a Olival de Basto, as dificuldades de acesso de e para Odivelas simultaneamente, têm-se agravado também. A situação caótica e os graves prejuízos causados às populações e aos utentes daquela importante via, relacionam-se com a concepção do projecto e a forma como tais trabalhos têm vindo a ser executados, da total responsabilidade da Junta Autónoma das Estradas (ainda que conjugado em alguns aspectos com a Direcção dos Serviços Regionais da Hidráulica do Tejo).
- Durante muito tempo aquele departamento do Poder Central recusou-se a fornecer à Junta de Freguesia de Odivelas o projecto para que esta o pudesse apreciar e assim dar a sua colaboração, porque conhecedora dos hábitos e problemas da população. Só recentemente é que esta Junta de Freguesia obteve a informação referente ao Nó de Odivelas, já quando este estava em fase de acabamento.
- O traçado actual, para além de dificultar os acessos a Odivelas, origina aos utentes dos transportes públicos penosas deslocações, como é o caso dos utentes do Senhor Roubado, Odivelas, Canaças, que se dirigam para a zona de Loures, obrigados a deslocar-se a pé cerca de um quilómetro, em condições extremamente perigosas.

A ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE ODIVELAS REUNIDA EM 26 DE JULHO DE 1985, DELIBERA:

- 1.º Manifestar publicamente o seu repúdio pela forma como a Junta Autónoma das Estradas tem conduzido o processo por, durante mais de um ano, se ter recusado fornecer quaisquer informações sobre os trabalhos projectados, continuando a não ter em conta alertas feitos pela Junta de Freguesia.
- 2.º Responsabilizar aquele organismo pela situação criada e exigir que se encontre uma solução racional e rápida, de forma a evitar no futuro maiores prejuízos, por ventura algumas trágicas consequências.
- 3.º Esclarecer toda a opinião pública sobre a quem devem ser imputadas as responsabilidades pela situação nos acessos a Odivelas e exigir que aqueles organismos do Poder Central passem a ter a devida consideração e respeito pelos órgãos autárquicos, porque são eles que representam legítima e constitucionalmente as populações e bem assim, os seus interesses.

Esta Moção foi aprovada por MAIORIA

Odivelas, 26 de Julho de 1985

AMARELEJA

Tradicionais Festas em Honra de Nossa Senhora da Assunção

DIAS 14 - 15 - 16 de AGOSTO 1985

Dia 14 pelas 18 horas

GRANDIOSA CORRIDA DE TOUROS

COM: VASCO TABORDA
BASTINHAS
RUI ROUXINOL

BANDARILHEIROS
MANUEL LOPES
FRANCISCO CAEIRO
JORGE MARQUES
e
JOÃO CARLOS

FORCADOS

Amadores de Montemor-o-Novo

23 HORAS Variedades com a actuação da consagrada artista **TONICHA**. Seguindo-se Grandioso Baile com o Conjunto Musical **PODIUM**

DIA 15 - 18 HORAS

Procissão que efectuará o percurso habitual.

23 HORAS

Variedades na esplanada «Mercedes» com a actuação do **TRIO ODEMIRA**, seguindo-se baile com o conjunto musical **OPCAO**, e fogo-de-artifício.

DIA 16 - 18 HORAS

Grandiosa Vacada

23 HORAS

Variedades na Eplanada «Mercedes» com a actuação do grupo **AS DOCE**. Seguindo-se Baile, com o conjunto musical **HOBROB**.

DIA 17

Último dia das nossas Festas.

Grandioso Baile com o famoso conjunto **Zig-Zag**.

Divirta-se nas Festas da AMARELEJA e traga um amigo

Treze anos depois da novidade

Há mais de cem centros comerciais em todo o País

Portugal tinha em finais de 1984 um total de 108 centros comerciais, esse «bicho urbano» que entrou no país em 1971 e cuja moda pegou definitivamente na década de 80, segundo revelam números oficiais.

Os centros comerciais constituem, no quadro das novas formas de comércio que ultimamente surgiram em Portugal, uma das mais significativas espécies de equipamentos retilhados e também uma das que acusa uma expansão mais acelerada, diz o estudo elaborado por um técnico da Direcção Geral

O que a lei estabelece

Os centros comerciais, segundo a lei portuguesa, entendem-se como empreendimentos comerciais que reúnam cumulativamente os seguintes requisitos: Possuir uma área bruta mínima de 500 metros quadrados e um número mínimo de 12 lojas de venda a retalho e de prestação de serviços, devendo estas, na sua maior parte, prosseguir actividades diversificadas e especializadas; todas as lojas deverão ser instaladas com continuidade num único edifício ou em edifícios ou pisos contíguos e interligados, de molde a que todas usufruam de zonas comuns privativas do centro pelas quais prioritariamente o público tenha acesso às lojas implantadas; o conjunto do empreendimento terá de possuir unidade de gestão, entendendo-se por esta a implementação, direcção e coordenação dos serviços comuns, bem como a fiscalização do cumprimento de toda a regulamentação interna; o período de funcionamento (abertura e encerramento) das diversas lojas deverá ser comum, com excepção das que pela especificidade da sua actividade se afastem do funcionamento usual das outras actividades instaladas.

do Comércio Interno.

O primeiro dos centros comerciais oficialmente reconhecido em Portugal entrou em funcionamento em 1971, mas a expansão desta forma de comércio não se processou de um modo uniforme.

Relativamente ao período que decorreu de 1971 a 1983, nos primeiros 5 anos (1971-1975) apenas entraram em funcionamento 10 centros comerciais (9,5 por cento), no segundo quinquénio (1976-1980) verificou-se já um aumento apreciável, 40 centros comerciais (38,1 por cento), mas é no início da década dos anos 80 que se constata uma expansão acentuada, já que em apenas 3 anos (1981 a 1983) entraram em funcionamento 55 centros comerciais (52,4 por cento).

Sector não-alimentar é dominante

O estudo é baseado numa sondagem realizada a nível nacional entre 2 de Agosto de 1983 e 30 de Abril de 1984, em que a Direcção Geral do Comércio Interno teve a colaboração da

maioria das Câmaras Municipais do país.

Em termos de distribuição espacial, e tomando como base o distrito, detectaram-se no território do continente três manchas principais de concentração (Lisboa, 48 por cento — Porto, 18 por cento e Faro 14 por cento), quando tomada como base de diferenciação o respectivo número de unidades e quatro manchas tomando como factor de diferenciação a superfície bruta (Lisboa 41 por cento, Porto 32 por cento, Aveiro 9 por cento e Faro 9 por cento).

O estudo agrupou, segundo normas internacionalmente aceites, os centros comerciais em quatro categorias: centros comerciais de proximidade (vizinhança), centros comerciais de bairro, regionais e regionais gigantes, tomando-se como base o indicador de superfície bruta, com três escalões que correspondem aos três primeiros daqueles grupos: escalão I (até 2500 metros quadrados), escalão II (de 2500 a 10 mil metros quadrados) e, finalmente, escalão III (mais de 10 mil metros quadrados).



Centros comerciais: treze anos depois da novidade, constatou-se que algumas das galerias subterrâneas não tinham as indispensáveis condições de segurança

O estudo revela que estão incluídos no primeiro escalão 80 centros comerciais (74 por cento), no escalão II integram-se 24 centros comerciais (23 por cento) e, por último, o escalão III a que pertencem apenas 4 centros comerciais (3 por cento).

Quanto à estruturação mer-

ceológica (distribuição pelos diferentes ramos de comércio) os pontos de venda em actividade apresentaram a seguinte distribuição: 163 (sete por cento) pertenciam ao ramo alimentar, 1705 (72 por cento) ao não alimentar e 504 (21 por cento) dedicavam-se a outro tipo de actividade (serviços, divertimentos, etc.).

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

ENTÃO DE BAIXA E A TRABALHAR?!?!

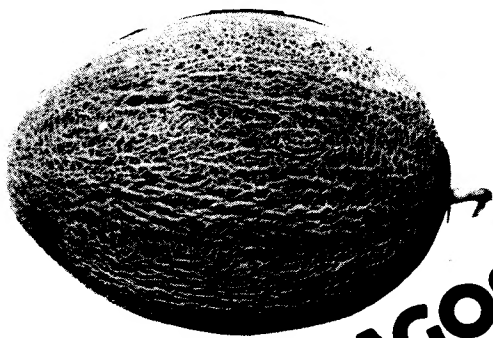
FISCALIZAÇÃO SEGURANÇA SOCIAL

NUNCA FAÇA ISTO!
Esta situação poderá causar-lhe graves problemas!

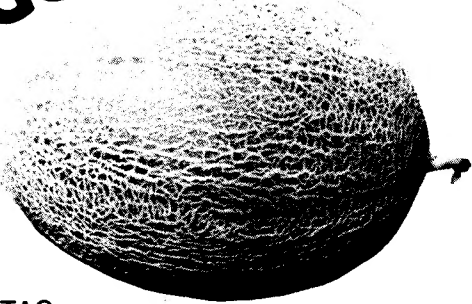
SEGURANÇA SOCIAL

V FEIRA DO MELÃO

jardim municipal



17 e 18 DE AGOSTO 1985



CONCURSO DE QUALIDADE DO MELÃO
PROVAS DE MELÃO GRATUITAS

FOLCLORE - CORRIDA DE TOUROS - PROVA NÁUTICA



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Perigo obriga ao encerramento de 21 artérias do Porto

A. Marques Pinto, ANOP/«DL»

Seis ruas do Porto vão ser proximamente vedadas ao trânsito de automóveis e em 15 outras vias passará a ser proibido o trânsito de pesados devido ao mau estado dos pavimentos e consequentes perigos. De acordo com uma proposta da Divisão de Obras da Câmara Municipal do Porto, que já obteve despacho favorável, estas medidas são tomadas porque as ruas «oferecem perigo para o trânsito automóvel e a Divisão de Obras não tem possibilidades, por falta de meios técnicos e de pessoal, de proceder às necessárias e urgentes reparações».

O estado do pavimento — sublinha o despacho municipal a que a ANOP teve acesso — «pode ocasionar danos materiais e físicos a veículos, condutores e peões» e, por outro lado, a Divisão de Obras «não tem o equipamento conveniente nem o pessoal necessário para a curto prazo proceder às reparações que se impõem».

Serão vedadas a todo o trânsito de automóveis as ruas do Marechal Saldanha, Diogo Botelho, Plácido Costa, Agra do Amial, Rua de Fez e o acesso ao viaduto do Amial, à Via Norte.

O trânsito condicionado a ligeiros e proibido a pesados será imposto nas ruas Pedro de Covilhã, do Crasto, Sousa Pinto, João Cotinho, Rua da Índia, Rua do Tratado, Rua do Funchal, Sousa Rosa, Tristão da Cunha, Fonte do Outeiro, Delfim Ferreira, Ezequiel de Campos, João Coutinho, Rua da Cerca e Rua Direita de Francos.

As ruas da cidade do Porto são terreno fértil de problemas e de «produção» contínua, dando como frutos o que antecede e uma interminável série de contrariedades e arrelia.

O presidente da Câmara em

exercício, Carlos Brito, vereador responsável pelo pelouro do fomento, disse à ANOP que «os problemas dos pavimentos são dos mais graves da cidade».

A cidade do Porto compreende cerca de 540 quilómetros de ruas, das quais precisariam de ser renovadas entre 10 a 20 por cento e 50 por cento necessita de obras de conservação ou beneficiação — admitiu aquele autarca.

A verba indispensável à renovação das ruas da cidade situar-se-ia entre um milhão e meio e dois milhões de contos — revelou Carlos Brito — mas a verba disponível até ao fim do ano e prevista no orçamento municipal não vai além de 15 mil contos.

O presidente da edilidade em exercício acusou os anteriores gestores camarários de se consagrarem a outros aspectos da actividade municipal e descuidarem as infra-estruturas.

«As infra-estruturas não se vêem, não são obras de fachada — explicou — e os autarcas são muitas vezes tentados a preferir o que fica patente aos olhos de todos e a marcar a sua passagem pela Câmara».

O problema dos pavimentos é também de resolução muito onerosa, como acentuou Carlos Brito: «é um empreendimento que exige vultosos investimentos, de que a Câmara não dispõe».

A este propósito, Carlos Brito reconheceu expressamente que «o concelho do Porto não tem capacidade financeira proporcional às necessidades de uma cidade eminentemente de serviços e cuja antiguidade torna cada vez mais ultrapassadas e degradadas as suas infra-estruturas».

Envelhecimento de estruturas

Tendo sido a cidade do Porto uma das primeiras, no País, a ser dotada de infra-estruturas, é também, naturalmente, uma das primeiras no envelhecimento destas.

Ao longo de muitos anos — disse Carlos Brito — não se tomaram decisões nesta área, as soluções foram sendo sucessivamente adiadas e os resultados estão agora à vista.

«Um relatório elaborado no município há 16 anos — relatou Carlos Brito — alertava para esta situação e avisava que os pavimentos estavam a entrar em franca degradação, mas nada se fez entretanto para atacar o problema de frente».

Por outro lado, as exigências que a circulação de veículos faz à resistência dos pavimentos vêm mudando ao longo das épocas.

«De viaturas de média carga que transitavam na cidade há 20 anos, temos vindo a assistir a um aumento gradual e brutal dos pesos por eixo, ao constante

vaivém de autocarros de dois pisos e ao movimento de camiões TIR» — assinalou Carlos Brito.

Uma empresa especializada no estudo de resistência de pavimentos calcula que um eixo de dez toneladas destrói tanto como 65.000 eixos de 500 quilogramas nos pisos de asfalto.

Um camião do tipo TIR corresponde à passagem de 65.000 automóveis — assinala o mesmo relatório, a que a ANOP teve acesso.

A estrutura de uma estrada é diferente de uma via de comunicação citadina.

As ruas de uma cidade servem o trânsito de viaturas e pessoas, são meios de acesso a locais de trabalho e residências, proporcionam operações de cargas e descargas, são lugares de estacionamento, mas estão também sujeitas à instalação de outras infra-estruturas, como cabos e condutas.

A constante renovação destas estruturas e suas adaptações a novas exigências urbanas dão origem a frequentes aberturas de valas e há ruas que volta e meia estão a ser esventradas por este motivo.

Como obras desta natureza causam transtornos e incómodos aos moradores e utentes dessas ruas — disse Carlos Brito — «a Câmara tem a preocupação de acelerar os trabalhos, de maneira a concluí-los rapidamente e reduzir ao mínimo esses inconvenientes, com prejuízo para a eficácia e a qualidade do trabalho».

«Reparar uma rua é um acto punitivo — sublinhou — porque se a Câmara não faz obras os

moradores protestam, se a Câmara faz obras os moradores protestam com mais veemência».

Tapar buracos...

Esta atitude de permanente constatação conduz a Câmara — segundo Carlos Brito — a «soluções paliativas», ou seja, a tapar buracos depressa e mal, em obras de emergência que custam dinheiro e duram pouco, até ao Inverno seguinte.

Carlos Brito referiu-se à falta de colaboração dos cidadãos: «Muitos estragam com a ideia de que a Câmara tem a obrigação de consertar e se todos se empenhassem em conservar e poupar o que é de uso comum muitas das situações actuais seriam evitadas».

A Câmara Municipal do Porto despendeu este ano 40 mil contos na reparação de 20 arruamentos e consertos menos importantes em outros tantos.

A reparação do pavimento na Rua D. Manuel II, em curso, envolve um investimento de cerca de 50 mil contos.

As obras necessárias e urgentes, a realizar até ao fim do ano, são estimadas em 140 mil contos, sendo 60 mil contos em empreitadas e 80 mil contos em obras a executar pelos competentes serviços camarários.

A verba disponível, de acordo com o orçamento municipal, é de apenas 15 mil contos, pelo que Carlos Brito tenciona propor ao executivo o necessário reforço desta verba.

O quadro do pessoal da Divisão de Obras é considerado

«exíguo e manifestamente insuficiente» por este autarca.

Cerca de 80 operários e 60 outros trabalhadores que têm a seu cargo a vigilância e conservação de semáforos, preparação de materiais e obras e outras tarefas complementares «não chegam para as encomendas».

«Precisariamos de aumentar o quadro do pessoal para o dobro — acrescentou — e para dividir a cidade em cantões, coincidentes com as 15 juntas de freguesia que compõem o concelho, tendo em vista o desenvolvimento de uma actividade coordenada com estas».

Segundo o orçamento da Câmara para este ano, o município receberá cerca de 600 mil contos de imposto predial, 100 mil contos de imposto de turismo e 50 mil contos de imposto de circulação de automóvel (receita que está a ser gasta na renovação da Rua de D. Manuel II), mas despende dois milhões de contos com o pessoal.

Através da Lei das Finanças Locais, cabe à CM do Porto a verba de 1300 mil contos, o que levou Carlos Brito a observar: «O portuense é o cidadão da Região Norte que menos recebe «per capita do Estado».

«Em termos financeiros — sublinhou — a Lei das Finanças Locais não só cria situações de desigualdade, como esta, como também não considera os efeitos exponenciais decorrentes das concentrações populacionais nos grandes centros urbanos como é a cidade do Porto».

«Isto também tem muito a ver com o estado caótico das ruas da cidade» — concluiu Carlos Brito.

Ensino Especial

Fenprof exige revogação de leis

A Federação Nacional dos Professores exigiu ao Ministério da Educação a revogação da legislação sobre ensino especial.

Partindo da análise de um protocolo assinado entre os Ministérios da Educação e do Trabalho e Segurança Social «que pretensamente pretende ultrapassar sobreposições e lacunas que são graves para a adequada resposta às populações», a Fenprof conclui que há da parte do Governo intenção de manter indefinido o quadro actual em que se move este sector do ensino.

Considera a Federação que é urgente a criação no Ministério da Educação de um organismo coordenador de todas as estruturas da educação especial, já previsto na Lei 66/79. A transferência de serviços para a Segurança Social é, no entender da Fenprof, profundamente retrógrada e «põe em causa a política de integração das crianças e jovens

José Barradas sepultado na Costa da Caparica

José Manuel Barradas um dos «arrepentidos» do caso «FP-25» foi ontem a enterrar em campa rasa no cemitério da Costa da Caparica.

O corpo, saído do Instituto de Medicina Legal, foi acompanhado por familiares a partir da Avenida Duarte Pacheco. No cemitério depois de ter permanecido alguns momentos na capela mortuária, o corpo desceu à cova perante cerca de uma centena de pessoas, incluindo a viúva, a filha e outros familiares.

José Manuel Rosa Barradas, de 34 anos, natural de Ferreira do Alentejo, serralheiro montador de profissão, foi o primeiro «arrepentido» do caso das «Forças Populares 25 de Abril», tendo as suas declarações à polícia possibilitado a captura de outros 27 membros das «FP-25». Deixado em liberdade viria a ser baleado na Costa da Caparica na noite do passado dia 19 de Julho, três dias antes de se iniciar em Monsanto, o julgamento. Atingido com sete balas que se alojaram perto da espinha, José Manuel Barradas desde



O caixão com os restos mortais de José Manuel Barradas quando era levado para a campa rasa do cemitério da Costa da Caparica

então entrou em estado comatoso, sendo vitimado, na tarde do passado domingo por uma paragem cardio-respiratória.

A impossibilidade de estar presente na primeira sessão do julgamento foi o motivo invocado pelo juiz Adelino Salvador, para adiar para o próximo dia 7 de Outubro a continua-

ção do pleito. Com a morte de José Manuel Barradas desaparece uma testemunha importante no caso do processo das «Forças Populares 25 de Abril», restando agora saber se as declarações prestadas pelo réu no decorrer das fases de instrução preparatória e contraditória poderão ser usadas no tribunal.

Detido quando vendia pratas roubadas

Um motorista residente na zona da Marinha Grande foi detido como presumível autor do furto de um lote de pratas do valor de sete mil contos. A detenção, efectuada pela PJ de Coimbra, registou-se em Pousos, Leiria, quando o suspeito tentava transaccionar as pratas roubadas no assalto a uma residência em Sandalgas, Arganil, nos primeiros dias de Fevereiro. Um automóvel «Mercedes» em que transportava os objectos roubados, foi-lhe apreendido, bem assim como dois quilos de haxixe, uma pistola e chaves diversas.

Septuagenário carbonizado ao apagar incêndio

O corpo de um agricultor transmontano foi ontem encontrado carbonizado no lugar de Capacotes, na serra de Lamas de Orelhão. Segundo anunciaram os Bombeiros Voluntários de Mirandela, José António Sobrinho, de 70 anos, empunhava ainda o rascalho com que pretendia combater um incêndio que deflagrara na região. Junto ao agricultor encontrava-se o seu carro de bois e os animais respectivos.

Pára-quedista vitimado num curso de montanhismo

Um cabo pára-quedista da Base Operacional de São Jacinto morreu, na madrugada da passada segunda-feira, vítima de acidente com arma de fogo. De acordo com o Estado-Maior da Força Aérea, Vítor Manuel Carvalho dos Santos, natural de Viseu, participava num curso de montanhismo. O departamento dirigido pelo general Brochado Miranda não forneceu mais pormenores sobre o acidente, adiantando apenas que decorre um inquérito para apuramento de responsabilidades.

Linha de crédito para saneamento das cooperativas agrícolas

As cerca de 1400 cooperativas agrícolas portuguesas contam, a partir de ontem, com um total de 200 mil contos a fundo perdido e 1,5 milhões de contos em linha de crédito especial, para saneamento financeiro.

Uma resolução governamental publicada na folha oficial refere que as cooperativas agrícolas beneficiam destes fundos terão de ser economicamente viáveis e capazes de assegurar os encargos do serviço da dívida.

Entre outras condições de acesso a estes fundos, as cooperativas têm de estar juridicamente conformes com a legislação em vigor, os associados têm de participar com o mínimo de vinte por cento para a redução do passivo e têm de ter, ou vir a ter em prazo aceitável, contabili-

lidade organizada.

O acesso a estes incentivos financeiros é feito mediante a classificação das cooperativas em três tipos, de acordo com o seu interesse em termos de política agrícola.

As cooperativas são classificadas dentro do tipo A, quando a sua inviabilização recai, apenas, sobre os seus associados; dentro do tipo B, quando essa inviabilização implica perturbações significativas nos circuitos de produção, transformação e comercialização; dentro do tipo C, quando a sua inviabili-

zação pode pôr em risco o funcionamento do mercado regional e/ou sectorial.

A amplitude dos incentivos a atribuir será em função, não só da comparticipação dos associados no esforço de recuperação e da importância da cooperativa em matéria de política agrícola, como também da necessidade de apoios requerida pela real situação da cooperativa da comparticipação de outras entidades interessadas, nomeadamente os credores.

Os subsídios a fundo perdido a atribuir às cooperativas para redução do seu passivo são de dois tipos, um relacionado com a categoria em que a cooperativa foi classificada e outro que depende da situação económica e financeira de cada cooperativa.

Assim, as cooperativas terão um subsídio que se acumulará à comparticipação dos sócios e que será até 40 por cento desta comparticipação nas cooperativas do tipo A, 70 por cento para as cooperativas do tipo B e 100 por cento para as cooperativas do tipo C.

O segundo tipo de subsídio que as cooperativas podem receber além de estar, como o primeiro, condicionado pelas verbas inscritas no Orçamento do Estado, dependerá do empenhamento das instituições bancárias credoras na viabilização das cooperativas através do «perdão» de parte das dívidas não podendo o seu montante exceder 50 por cento das dívidas perdoadas nem 10 por cento do total das mesmas.

Segundo a CIP

Redução das taxas de juro é claramente eleitoralista

A Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) considerou ontem que, apesar do «provável efeito positivo imediato», a recente descida das taxas de juro, activas e passivas, reconduz-se a uma estratégia claramente eleitoralista.

Acrescenta que a descida das taxas de juro visa também orientar a poupança privada para o financiamento do défice do sector público alargado, tornando mais aliciantes em termos de alternativa os Bilhetes do Tesouro e empréstimos obrigacionistas, diminuindo os problemas de liquidez da Banca e financiando o défice orçamental.

A CIP afirma que a redução das taxas de juro só teria efeitos positivos duráveis se fosse acompanhada de medidas concretas de compressão do défice público e considera que o problema básico da retoma do investimento é o nível insuficiente da poupança global da economia «face ao nível absurdamente elevado do défice público».

A CIP considera que a perda de receitas fiscais (devidas à redução do imposto de capitais) agravará o défice orçamental e conduzirá «a um novo agravamento de impostos ou a um novo cerceamento do crédito ao sector privado».

A CIP considera que a redução das taxas de juro, naquela perspectiva é «uma solução avulsa, desgarrada de um todo que urge modificar e que servirá apenas para disfarçar, temporariamente, a grave crise financeira que as empresas atravessam».

Madeira instala centrais digitais da Siemens

A Siemens assinou ontem um contrato com os CTT da Madeira para fornecimento de equipamento para a implementação de uma rede privada digital do Governo daquela Região Autónoma.

A Siemens fornecerá aos CTT da Região 19 centrais digitais envolvendo um investimento da ordem dos 60 mil contos.

Os CTT da Madeira assinaram entretanto um contrato com o Hotel Casino Parque com vista à instalação de equipamento telefónico digital da Siemens naquela unidade hoteleira.

Este contrato, segundo uma fonte daquela multinacional, vem na sequência do acordo assinado com os CTT da Madeira e a Siemens para fornecer centrais digitais privadas e equipamento terminal para oito hotéis da Região.

O investimento necessário para os oito hotéis se equiparem atinge cerca de 250 mil contos.

A Siemens prevê, também, fornecer, em condições especiais, equipamentos telefónicos digitais às redacções de dois matutinos funchalenses - «Diário de Notícias» e «Jornal da Madeira» - disse uma fonte da empresa.

Com o mesmo espírito, aquela multinacional vai equipar a delegação da Madeira da Cruz Vermelha Portuguesa de material telefónico digital.

Um hotel em Lagos e um banco na Guarda

Empresários de Connecticut manifestam intenções de investir em Portugal

Um grupo de empresários do Estado de Connecticut (Estados Unidos da América) está em Portugal para estudar possibilidades de investimento, em especial no Algarve e na região da Guarda, nos sectores da metalurgia ligeira, banca e hotelaria.

Este grupo de empresários foi recebido pelo ministro da Indústria e Energia, Veiga Simão, que destacou, em informação prestada aos jornalistas, as ligações entre as cidades da Guarda e Waterbury, de onde são originários os empresários, em função da gEminação feita há tempos, e que contribuiu para a

vinda do grupo e o seu interesse nos investimentos em estudo.

O ministro da Indústria e Energia acrescentou que se trata de «incentivos para o investimento e modernização da indústria portuguesa».

Os sectores privilegiados pelos investidores norte-americanos situam-se na área bancária, indústria têxtil e metalomecânica ligeira, com destaque para as máquinas e ferramentas e válvulas eléctricas e electrónicas, na região da Guarda.

É possível também que venham a participar na construção

de um hotel na zona de Lagos (Algarve).

Um banco na Guarda?

Entre as manifestações de intenção de investimento dos empresários de Connecticut destaca-se a de um banqueiro que estuda a possibilidade de abrir uma dependência do seu banco na região Guarda-Gouveia.

O interesse do banqueiro pela zona de Guarda-Gouveia é justificado pelo significativo número de emigrantes da região estabelecidos em Connecticut, cerca de 30 mil.

«O empresário vai avaliar a

possibilidade e a viabilidade de, através de uma dependência do seu banco em Portugal, operar fundamentalmente com os emigrantes portugueses da região», explicou o cônsul de Portugal em Waterbury, Seabra da Veiga, que acompanha a delegação.

A delegação já se deslocou ao Algarve (região de Lagos), onde avaliou as possibilidades de investimento em empreendimentos turísticos, e parte quinta-feira para a Guarda.

«Queremos sensibilizar os empresários norte-americanos de Waterbury, nomeadamente para as condições turísticas que Portugal oferece», frisou Seabra da Veiga.

Entretanto a Secretaria de Estado da Emigração, Manuel Aguiar, que esteve reunida com a delegação, salientou que o interesse destes empresários por Portugal foi suscitado, principalmente pela qualidade dos trabalhadores portugueses estabelecidos em Connecticut.

No ano passado

Lucros do Pinto e Sotto Mayor subiram a 672 mil contos

O Banco Pinto e Sotto Mayor teve um lucro líquido de 672,2 mil contos em 1984, mais 8,1 por cento que o valor registado em 1983, revela o Relatório e Contas, agora divulgado.

O documento refere que «o crédito concedido elevou-se a 256 milhões de contos o ano passado, o que traduz um aumento de 23,8 por cento sobre o valor do ano anterior», de cerca de 207 milhões de contos.

Numa perspectiva sectorial assinala-se um aumento do montante de crédito distribuído às indústrias transformadoras, cuja percentagem subiu de 42,3 por cento, em 1983, para 47,8 por cento no último ano.

O relatório do Banco Pinto e Sotto Mayor sublinha «ter sido este aumento particularmente expressivo nos sectores tradicionalmente exportadores», situação que se explica devido ao maior dinamismo evidenciado

• Volume de crédito aumentou 23,8 por cento num ano, com prioridade às indústrias transformadoras

• O BPSM já pediu autorização para elevar o seu capital social para 7,7 milhões de contos

por estes sectores de actividade. Seguem-se o comércio, restaurantes e hotéis, com 20 por cento, a construção civil e obras públicas com 6,7 por cento e o sector primário com 4,3 por cento.

O total dos depósitos registou um crescimento de 27,9 por cento o ano passado com um valor que rondou os 344,5 milhões de contos, enquanto que em 1983 não havia sido superior a 269,4 milhões de contos.

O relatório do Banco Pinto e Sotto Mayor revela que tanto os depósitos à ordem como os depósitos a prazo registaram taxas de crescimento superiores às do ano de 1983.

Os depósitos à ordem quase duplicaram o seu crescimento passando de 25,6 por cento, contra 13,5 por cento do ano anterior, enquanto que os depósitos a prazo cifraram-se em 320,9 milhões de contos em 1984.

Os depósitos à ordem, conforme assinala o Relatório, ascenderam a 81,1 milhões de contos durante 1984.

O Banco Pinto & Sotto Mayor solicitou já à Secretaria de Estado do Tesouro para proceder ao aumento do seu capital social para 7,7 milhões de contos, sendo o anterior valor de cerca de 1,8 milhões de contos.

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		58\$85	59\$95
ALEMANHA FED (marco)		58\$75	59\$85
ÁUSTRIA (xelim)		8\$30	8\$50
BÉLGICA (franco)		2\$749	2\$949
BRASIL (cruzeiro)		\$010	\$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)		120\$65	122\$65
(notas de 5 a 1000)		121\$15	123\$15
DINAMARCA (coroa)		16\$30	16\$70
ESPAÑA (peseta)		\$950	1\$070
EUA (dólar — notas de 1 e 2)		163\$80	165\$80
(notas de 5 a 1000)		164\$30	166\$30
FINLÂNDIA (marka)		27\$65	28\$25
FRANÇA (franco)		19\$25	19\$95
HOLANDA (florim)		52\$35	53\$35
IRLANDA (libra)		184\$55	188\$55
ITÁLIA (lira)		\$080	\$090
JAPÃO (iene)		\$665	\$700
NORUEGA (coroa)		19\$95	20\$45
REINO UNIDO (libra)		229\$05	233\$05
SUÉCIA (coroa)		19\$75	20\$35
SUÍÇA (franco)		71\$35	72\$45
VENEZUELA (bolivar)		9\$35	10\$35
Observações:			
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo			
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.			

A situação no Uganda

Um grupo rebelde ugandês tomou a terceira maior cidade do país, ao mesmo tempo que a sua ausência impediu a realização de conversações com os líderes governamentais do Uganda na capital tanzaniana.

Viajantes chegados a Kampala disseram que o Exército de Resistência Nacional (NRA) tomou Masaka, 130 quilómetros a sudoeste da capital ugandesa, depois de nos últimos dias, ter tomado pelo menos três importantes localidades.

Segundo as mesmas fontes, a localidade foi tomada sem resistência por parte das unidades do exército que aí se encontravam.

O novo «homem forte» do Uganda, tenente-general Tito Okello, deslocou-se a Dar es Salam, onde esteve reunido cerca de duas horas com o presidente Julius Nyerere, e partiu sem que se efectuassem as conversações com o Exército de Resistência Nacional.

Vernon Walters ameaça

O embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, Vernon Walters, assegurou à televisão colombiana que o seu país «não, rejeita a possibilidade de uma intervenção militar na Nicarágua».

Walters salientou que os Estados Unidos se mantêm «alerta» sobre a situação fronteiriça entre a Nicarágua e a Costa Rica que poderá originar um conflito generalizado e, assim, provocar a invasão.

Papa prossegue viagem

O Papa João Paulo II partiu hoje dos Camarões com destino à República Centro-Africana, onde fará uma visita de apenas seis horas.

Em Bangui, o Papa celebrará uma missa e terá um encontro com o presidente Andre Kolinga, seguindo depois para o Zaire, para uma visita de dois dias.

O principal objectivo da visita de João Paulo II ao Zaire é a beatificação da freira Anuarite Nengapeta, morta em 1964, quando resistia aos avanços sexuais de um coronel do exército.

A rádio zaireense noticiou que o assassino da freira, o coronel Pierre Opende Olombe, condenado à morte mas perdoado pelo presidente Mobutu, pediu para ser recebido pelo Papa. Ignorase se este acedeu ou não ao pedido.

Sarney no Uruguai

O presidente brasileiro, José Sarney, defendeu a democracia, o Parlamento livre e a integração ibero-americana, durante o segundo dia da sua visita ao Uruguai.

No discurso de boas-vindas no Parlamento, o vice-presidente uruguaio, Enrique Tarigo, disse que o Brasil e o Uruguai trabalharão para consolidar a democracia recentemente recuperada e «para que nunca mais tenhamos que sofrer o opróbrio dos governos totalitários».

Sarney respondeu com uma defesa da democracia e acrescentou que a dívida externa não pode ser obstáculo para a sua afirmação nem o seu pagamento causa de fome e desemprego.

O gás da «Union Carbide»

UMA fábrica da Union Carbide, em Charleston (Virgínia, EUA) registou ontem à noite uma fuga de gás, dois dias depois de um acidente semelhante, noutra dependência da companhia, em Institute, que feriu 135 pessoas.

A fuga de gás registou-se numa fábrica da Union Carbide situada a 32 quilómetros da unidade onde se registou a fuga de há dois dias.

As autoridades anunciaram que o gás libertado em Charleston não é tóxico e a fuga ocorreu poucas horas depois dos responsáveis da Union Carbide terem anunciado a suspensão da laboração em Institute.

Tal como quando se registou a fuga de domingo, a população foi avisada para ficar em casa, fechar as janelas e desligar os sistemas de ar condicionado até a névem de gás desaparecer.

Mais violência em Beirute

PELO menos seis pessoas morreram e 35 ficaram feridas na explosão de um carro armadilhado, hoje, em Beirute Oriental — informou a Rádio Voz do Líbano.

A explosão teve lugar pelas 10.30 horas locais (8.30 horas de Lisboa), numa área industrial.

Um edifício desmoronou-se e um enorme incêndio deflagrou — acrescentou a emissora.

Com estatuto de observador

Apoiantes da RASD querem Polisario na ONU

Os países que apoiam a República Árabe Saraui Democrática (RASD), à cabeça dos quais se encontra a Argélia, estão empenhados em obter para a Frente Polisario o estatuto de observador na Organização das Nações Unidas.

A delegação argelina apresentará, na ONU, um projecto de resolução sobre o Sara Ocidental, actualizando o conteúdo da Resolução 30/40, adoptada em Novembro de 1984 pela Comissão de Descolonização das Nações Unidas, por 90 votos a favor e um contra (da Guiné Equatorial).

O projecto de resolução, que é semelhante à Resolução 104 da Organização para a Unidade Africana (OUA), que admitiu, em Novembro do ano passado, a RASD naquela organização, afirma que a questão do Sara Ocidental é um problema de descolonização.

O documento solicita a Marrocos e à Frente Polisario o início de negociações directas para cessar as hostilidades e preparar um referendo no território saraui, sobre a autodeterminação.

A Frente Polisario proclamou a independência da RASD em 1976, a qual foi já reconhecida por 62 países.

Depois da entrada da RASD para a OUA, a diplomacia argelina entrou num compasso de espera no que respeita à admissão da República Saraui, no Movimento dos Países Não-Alinhados, por falta de consenso e por considerar inoportuno forçar um maior afastamento diplomático de Marrocos.

Os não-alinhados vão reunir-se em Setembro próximo em Luanda, a nível ministerial, para debater a futura presidência do movimento, a que se candidataram a União Indiana e a Jugoslávia.

O primeiro-ministro da União Indiana, Rajiv Gandhi, solicitou o apoio da Argélia para obter um novo mandato na presidência do Movimento dos Não-Alinhados, durante a visita que fez a Argel, em Junho último.

O Governo indiano ainda não se pronunciou, entretanto, sobre o reconhecimento da RASD, alegando que não seria oportuno dar esse passo, enquanto não terminasse o seu mandato à frente do movimento terceiro-mundista.

Ainda em relação ao conflito do Sara Ocidental, os órgãos de informação argelinos consideram que a França está a desempenhar um papel nefasto na região do Magrebe, com o aumento do seu apoio político e militar a Marrocos e a crescente influência de Paris na reorientação da política do regime mauritano.

INTERNACIONAL

Presidente sul-africano discursa amanhã

Aguardam-se com grande expectativa reformas no sistema do apartheid

A clarificação das condições de extensão da cidadania aos negros é um dos pontos «considerados como quase certos» na comunicação do presidente Pieter Botha, segundo a agência de notícias moçambicana AIM. O anúncio das reformas planeadas pelo governo, que Pieter Botha fará amanhã, no Congresso do Partido Nacional em Durban, é aguardado com expectativa na África do Sul e na comunidade internacional.

O correspondente da AIM em Joanesburgo, Leite Vasconcelos, considera também como quase certos no discurso de Botha a «revisão da lei de controlo do fluxo populacional e da lei do passe, assim como a renovação da promessa de participação de dirigentes negros em instâncias governamentais ao «mais alto nível» e a «nova tentativa de negociação com dirigentes moderados».

Vasconcelos refere ainda que os quatro pontos referidos já constavam no discurso de Pieter Botha na abertura do Parlamento.

Observadores da situação na África do Sul, segundo a AIM, consideram possível que o presidente sul-africano comece o seu discurso focando o «Relatório Buthelezi», que propõe a fusão do Natal e do Kwazulu, como umas das formas de promover o papel do ministro-chefe do Bantustão negro de Kwazulu e presidente da aliança negra sul-africana, Gatscha Buthelezi, no «projecto reformista».

Por outro lado, tem crescido a especulação de que o presidente sul-africano aproveite o Congresso do Partido Nacional no Natal ou o encontro com dirigentes religiosos marcado para o próximo dia 19, para anunciar a libertação de Nelson Mandela.

Nas últimas dez semanas, investidores estrangeiros retiraram da África do Sul cerca de 365 milhões de randes (cerca de 32 milhões de contos) segundo a AIM, que aponta este dado como um efeito indirecto do es-

tado de emergência, declarado no dia 21 de Julho.

Leite de Vasconcelos refere que o estado de emergência tornou «mais aguda a desconfiança nos investidores, empresários, e homens de negócios, em geral acerca da capacidade do governo para garantir a segurança e rentabilidade futura dos seus empreendimentos na África do Sul».

As relações diplomáticas de Pretória com o ocidente atingiram nas últimas semanas «o seu nível mais baixo» segundo o correspondente da AIM em Joanesburgo.

A «instabilidade no seio da população branca» é também apontada como um efeito indirecto do estado de emergência.

Segundo meios de comunicação social próximos do governo, há um aumento da saída de brancos da África do Sul, da exportação legal e ilegal de dinheiro e bens, da desvalorização da propriedade imobiliária e do volume de contratos e vendas da indústria de segurança.

«Guerra ao povo»

Winnie Mandela disse que o governo sul-africano «declarou

guerra ao

país». A sul-africano cumpriu perpetua que foi que incu

«Eles símbolo aos jornais seus ha truída a mota m

A Po sabilidã cendiã

O in mente t incluindo cionais

Mandela bido Co cano (A

Entre ciou ter pessoas ocorrido des neg

Enqu manifes fronte d do Sul

Cristãos afirmam

Dívida externa do Terceiro Mundo é um crime de lesa-humanidade

O problema da dívida externa está na ordem do dia. É impossível fechar os olhos às suas consequências directas para os povos do Terceiro Mundo e indirectas para os povos dos países industrializados capitalistas que, devido à cegueira do sistema monetário internacional, estão a caminhar para a catástrofe. Vozes de cariz ideológico tão distinto como o presidente cubano, Fidel Castro, e os representantes de 303 igrejas cristãs agora reunidos em Buenos Aires, erguem-se, avisando sobre os riscos e propondo soluções concretas. O texto que a seguir publicamos, da agência IPS, sobre as decisões do Conselho Mundial das Igrejas, reunido em Buenos Aires, dispensa comentários.

O Comité Central do Conselho Mundial de Igrejas, que encerrou recentemente os seus trabalhos em Buenos Aires, capital da Argentina, pediu soluções para a esmagadora dívida externa dos países do Terceiro Mundo e defendeu que uma das soluções para a crise actual pode ser o estabelecimento de uma nova ordem económica internacional — informa a agência IPS.

O Conselho Mundial das Igrejas (CMI) é um organismo internacional que reúne 303 igrejas cristãs (protestantes, ortodoxas e anglicanas) de todo o mundo. A Igreja Católica participa nos trabalhos do CMI como observadora.

Acerca da dívida externa é de salientar aquilo a que os presentes na reunião de Buenos Aires

consideraram um momento histórico: o pastor Aldo Etchegoyen (argentino), às tantas exigiu que, nos documentos finais, ficasse incluída a seguinte menção «que se afirme com toda a força que a dívida externa — é um crime de lesa-humanidade».

Etchegoyen acrescentou que «na América Latina e no Terceiro Mundo os juros da dívida pagam-se não apenas com dinheiro, mas também com a vida de milhares de crianças que morrem todos os dias por causa da fome».

Em declarações à IPS o secretário-geral do CMI, o pastor metodista uruguaio, Emilio Castro, garantiu que «as igrejas cristãs do Primeiro Mundo têm que erguer o seu clamor de oração e de desencadear uma acção

contra esta situação injusta.»

No seu documento final sobre o tema, o Comité Central do CMI afirma que o «endividamento está estreitamente ligado à fome» e que «o mundo se encontra ante a perspectiva de uma catástrofe que tão profundamente afectará os países pobres como os países ricos».

As igrejas mostram-se preocupadas «pelas questões económicas especialmente aquelas que afectam os pobres».

Como proposta, o CMI pede uma urgente «reavaliação das dívidas, limitação das taxas de juro e a ampliação dos prazos de pagamento» para o pagamento da dívida do Terceiro Mundo, assim como a possibilidade de «cancelar totalmente as dívidas dos países menos desenvolvidos».

O CMI considera urgente que se ponha em marcha uma nova ordem internacional mais justa e preconiza que os «ricos compartilhem o custo das políticas de reajustamento que será necessário aplicar».

Outra declaração, referente à situação na América Central, foi elaborada depois de uma missão de alto nível do CMI ter visitado a zona. A delegação foi constituída por dois dos presidentes do CMI, o protestante Marga Buhrig e o ortodoxo Paulus Gregorios da Índia.

O documento adverte contra

os perig

ções desp

tende po

a import

se reve

para os l

docume

umespe

«o gove

porta na

«como s

Panamá

xas». O doc

carta pa

pação p

Salvador

raça e pel

bloqueio

Americanos admitem sabotagem

Peritos norte-americanos e técnicos da «Boeing» afirmaram ontem em Washington que o Jumbo que anteontem se despenhou no Japão estava «bem mantido e em perfeito estado».

Um perito citado pelo jornal «The New York Times» disse que, enquanto não houver uma informação mais segura, pode admitir-se que o avião caiu por causa de um acto de sabotagem.

Pouco antes da catástrofe, o piloto tinha informado que perdera o controlo do avião devido, ao que lhe parecia, a uma brusca descida da pressão da cabine, provocada por avaria na porta traseira direita do avião.

Frederick Farrar, porta-voz da Administração Federal da Aviação dos Estados Unidos,

disse que não entende como uma porta, a área mais reforçada do avião, possa ter causado a catástrofe.

Thomas Cole, porta-voz da empresa «Boeing» fabricante do avião, com sede em Seattle disse, por seu lado, que é «praticamente impossível» que uma porta se abra.

Fontes da secretaria dos Transportes e do Congresso dos Estados Unidos disseram que tencionam reforçar o número de inspectores de segurança dos aviões, que é neste momento de 674, e será aumentado para 974 até finais do ano fiscal de 1986.

Entretanto, dois anónimos telefonaram às autoridades japonesas responsabilizando-se pelo acidente, mas a Polícia declarou

que as suas reivindicações não estavam a ser tomadas a sério.

O presidente da JAL, (Linha Aérea do Japão) Yasumoto Takagi, afastou, numa conferência de imprensa, a hipótese de se demitir e negou que a tragédia tivesse sido originada por uma manutenção deficiente.

Parte do que parece ser a cauda do «Jumbo» da JAL que se despenhou segunda-feira nas montanhas do Japão central foi encontrada ontem à noite, a flutuar no oceano, informou o Ministério da Defesa.

Os destroços foram recolhidos por um contratorpedeiro da Marinha japonesa, cerca de 60 quilómetros a sul de Tóquio e a mais de 100 quilómetros do local do desastre.

A descoberta dos destroços no mar pode ajudar a estabelecer as causas do desastre.

Posteriormente, um porta-voz da companhia aérea japonesa informou que as equipas de socorro encontraram uma das caixas negras do «Boeing 747».

Recorde-se que apenas duas mulheres e duas crianças sobreviveram ao mais grave desastre da história da aviação com um único aparelho.

O acidente causou a morte a 520 pessoas.

Mais de 4.000 soldados e polícias continuam as buscas na montanha do centro do Japão.

Fontes policiais informaram que até ao momento tinham sido encontrados 300 cadáveres.

Expectativa de morte

guerra ao povo oprimido do seu país».

A mulher do líder negro sul-africano Nelson Mandela, a cumprir uma pena de prisão perpétua, afirmou igualmente que foi a Polícia sul-africana que incendiou a sua casa.

«Eles tentaram destruir um símbolo da resistência» afirmou aos jornalistas quando passava revista aos restos calcinados dos seus haveres na sua casa destruída em Brandfort, uma remota municipalidade negra.

A Polícia atribuiu a responsabilidade pelo incêndio a «incendiários desconhecidos».

O incêndio destruiu praticamente todo o recheio da casa, incluindo os Prémios Internacionais concedidos a Nelson Mandela, o presidente do proibido Congresso Nacional Africano (ANC).

Entretanto, a Polícia anunciou terem morrido mais seis pessoas em actos de violência ocorridos em seis municipalidades negras do país.

Enquanto isso, cerca de 100 manifestantes sentaram-se de frente da Embaixada da África do Sul em Roma protestando

contra a política de discriminação racial do governo de Pretória.

A manifestação, que contou com a presença de Benny Nato, membro do Congresso Nacional Africano (ANC), foi organizada pela secção de Roma do Partido Comunista Italiano e foi descrita pela polícia como «muito pacífica».

Amnistia denuncia

Os presos políticos sul-africanos detidos sob o estado de emergência correm o risco de ser torturados e submetidos a tratamentos cruéis, afirma a Amnistia Internacional em comunicado ontem divulgado pela secção portuguesa da organização.

O documento salienta que as normas de emergência postas em prática dia 21 de Julho determinam que os presos devem ser mantidos incomunicáveis e podem ser castigados com penas até 30 dias de isolamento ou chicotadas por violação de qualquer das 20 normas restritivas a que estão sujeitos sob o regime de custódia.

Mundo Ade

os perigos de «uma militarização desproporcionada que se estende por toda a região e reflecte a importância estratégica de que se reveste o canal do Panamá para os EUA e seus aliados». O documento recolhe a opinião de um especialista, segundo o qual «o governo dos EUA se comporta na realidade das coisas, como se o território a Norte do Panamá fizesse parte do Texas».

O documento, em forma de carta pastoral, exprime preocupação pela «violência em El Salvador, Guatemala e Honduras e pelas consequências que o bloqueio comercial e diplomático dos EUA arrastam para a Nicarágua».

A carta pastoral diz «estamos convencidos de que as lutas travadas na região não são decorrentes do conflito Leste-Oeste, mas sim do conflito Norte-Sul».

As igrejas do CMI comprometeram-se a «procurar conseguir com a ajuda dos cristãos e de outros centro-americanos, que se aplique uma nova ordem económica internacional».

«Na nossa opinião — diz o documento — isto poderia reduzir grandemente as pressões que se exercem sobre a América Central e criaria especialmente na Nicarágua as condições adequadas para o advento da nova sociedade, indispensável para toda a região».

Foi tom dominante da reunião o desejo de participação activa na solução dos problemas concretos das populações na resposta aos desafios que o mundo levanta no momento presente.

A situação na África do Sul foi outro tema do encontro, bem como as consequências da «desordem alimentar mundial» que assegura a meia dúzia as reservas alimentares do mundo, enquanto outros carecem do essencial.

O secretário-geral do CMI, Emilio Castro, afirmou que os «cristãos têm que compreender que não bastam as declarações e que têm de encontrar caminhos concretos, acções eficazes para darem solução aos problemas que esmagam a humanidade».

Por sua vez, o presidente do Conselho Latino-Americano das Igrejas (CLAI), o bispo metodista argentino Federico Pagura, disse à IPS que o facto de o Comité Central da organização se ter reunido pela primeira vez na América Latina significa o reconhecimento de que aquela organização atingiu a maioridade.

«Temos um grande contributo a prestar — acrescentou Pagura — e a teologia da libertação, por exemplo é um modo de exprimir a forma comprometida como hoje entendemos o cristianismo na América Latina».

BILHETES DO TESOURO

A forma mais rápida de valorizar o seu dinheiro

Os BILHETES DO TESOURO são uma forma inteiramente nova de valorizar as suas poupanças. Basta investir, mesmo a prazo muito curto, para logo aumentar o seu rendimento.

Veja como pode aproveitar esta oportunidade que surge pela 1.^a vez em Portugal:

- Vida do Investimento** — O reembolso é feito a 91 dias e a 182 dias. Assim, pode dispor das suas pequenas poupanças — por que não o subsídio de Férias ou o subsídio de Natal? — para aumentar o seu pecúlio. É o investimento de realização mais rápida que até hoje se lançou no nosso País.
- Juros calculados «à cabeça»** — E ao contrário de todos os outros investimentos, logo no acto da compra os juros são calculados e imediatamente deduzidos na quantia a pagar pela aquisição dos BILHETES DO TESOURO. Assim, adquire Títulos de valor superior ao montante dispendido.
- Taxa de Rendimento** — Os juros dos BILHETES DO TESOURO são sempre superiores aos dos Depósitos a Prazo de 180 dias e poderá variar de Banco para Banco. O que é extremamente vantajoso para si.
- Isenção de Impostos** — As suas poupanças investidas em BILHETES DO TESOURO e os juros resultantes desse investimento têm isenção total de Impostos. Incluindo o Imposto sobre sucessões e doações. É rendimento líquido.
- Garantia do Investimento** — Os BILHETES DO TESOURO são Títulos totalmente garantidos. O Estado responsabiliza-se pelo seu reembolso, nas condições e prazos combinados. É um investimento seguro.

- Como pode comprar** — Os BILHETES DO TESOURO podem ser comprados em qualquer Banco. O valor mínimo nominal de cada BILHETE DO TESOURO é de 50 000\$00. Pode comprar o montante que quiser, de acordo com as suas disponibilidades.
- Outros Benefícios:**
 - Para comprar BILHETES DO TESOURO pode usar os seus actuais Depósitos a Prazo. Sem perda de juro. Este investimento foi calculado de forma a que os interessados nunca fiquem prejudicados.
 - Também pode transaccionar os seus BILHETES DO TESOURO com quem quiser, desde que o faça através dos Bancos. Assim, com toda a liberdade, pode actuar do modo que lhe for mais vantajoso.
 - Se o desejar, o seu Banco pode gerir a sua carteira de BILHETES DO TESOURO, de modo a que o seu investimento lhe ofereça o melhor rendimento possível. Vantagem que é também muito útil para os portugueses residentes no estrangeiro.



A valorização rápida do seu dinheiro

Não perca o próximo capítulo

Neves de Sousa

enviado especial do «DL»

Acreditem ou não: velhos conhecidos destas andanças, vivendo muito próximos algumas proezas que culminaram com o êxito mor em 1978, o owarenses **Belmiro Silva** chegou ao pé de mim e, bastante antes da abalada de Peso da Régua, disse-me ao ouvido:

Fixe aí: vou fugir hoje. Queiram ou não...

Evidentemente que ninguém pode desmentir a vontade de cada um e, nestes casos, a interior convicção para a qual se abala entregue de corpo e alma. Mas, cá no íntimo, bem para os meus botões fiquei incrédulo; mas, amigo Belmiro, você tem mesmo essa certeza?

Tal como ser pai de três filhos. E aponte aí: comigo vai o Fernando Carvalho. Vamos ganhar tempo ao Venceslau na meta de Macedo de Cavaleiros.

Bem: perante isto, rendi-me. E fui tomando nota:

— Esta vai ser uma das autênticas etapas-rainhas. Mas, às vezes, pensamos que será difícil e acaba por ser tranquila. Isto ultimamente tem dado cada volta...

Belmiro Silva prossegue:

— Nunca estive neste lugar na tabela geral, a mais de oito minutos do camisola amarela. Contudo, como eu, deve haver outros inconformados: vamos a ver quem consegue aproximar-se dos lugares de honra.

Um pedido:

— Faça o favor: ponha aí que o que vou fazer esta tarde é dedicado à minha mulher (Alice), a minha filha Catarina Alexandra (que fez cinco anos em Março), aos meus filhos gémeos (Alice Alexandra e Belmiro Daniel, que vão completar quatro anos a 22 de Novembro), mais a minha sogra (Alice). Estão todos em Avanca, perto de Ovar. Nasce em Valega e porque naquelas áreas costume treinar, mais o Fernando Carvalho e o António Fernandes. A minha mulher toma conta das nossas terras, eu tenho uma oficina de bicicletas, mas, como estou profissionalizado no ciclismo, muitas vezes passo bastante tempo com a loja fechada.

O homem que, ao serviço do Coimbrões (e comandado por Emídio Pinto) já triunfou numa «Volta», aconselha, judiciosamente:

— Não se esqueça do que eu lhe disse: vamos fugir hoje, eu e o Fernando Carvalho. Não vai ouvi-lo?

Herdeiro de um nome

Perante isto, quem procuraria o leitor?

— Faço vinte e dois anos no próximo dia 28 e sou filho do antigo corredor Alberto Carvalho (que pertenceu à famosa equipa do Académico do Porto, onde preponderava o director Jorge Lara e tinha, como figura exponencial, o saudoso Ribeiro da Silva).

Aqui, a rasteira: disseram-me que você vai fugir, a caminho de Macedo de Cavaleiros. Confirma ou desmente?

Fernando Carvalho sorri, malandrecamente, zombeteiro:

— Só se foi o Belmiro que lhe contou...

Adeus, meu rapaz: até ao teu regresso

Fio mesmo e aconteceu, precisamente, isso. Na meta instalada na Rua dr. Sá Carneiro, frente aos correios de Macedo de Cavaleiros, os dois bombardalenses tinham somente como companhias o jovem Manuel Cunha e o britânico Cary Theakston, lousanense e episódio sobrevivente da destróia equipa que o Algarve rotolou de sua «selecção». Na estrada, depois do emigrante António Rodrigues se ter despedido para retomar ao trabalho («tenho de me apresentar, em Genebra, no dia quinze: já fiquei muito satisfeito por ter aguentado metade da «Volta»») outro abandono com poucos quilómetros percorridos: António Apolo, do S. Brazenense, despedia-se, sem honra nem glória para o técnico José Libânio, que não conseguiu escolher, para a representação global do Algarve, nenhum português com um mínimo de mérito.

Por outro lado, completamente estoirado, ficou-se nas lonas o esperançoso carnidense **Joaquim Gomes**. Para quantos acreditavam no seu valor (o campeão João Roque na primeira linha) foi uma punhalada no coração. O certo é que, a sete quilómetros da meta de Macedo de Cavaleiros, o mocinho que morava, brilhantemente, colocado no sexto posto geral e, depois de ter acompanhado Venceslau na galopada para Manteigas, sugeria que era possível terminar com o prémio «Juventude» na carteira, ficava meio apalermado na berna da estrada.

— **Encontrei-o debaixo de uma manta, cheio de frio.** Quem conta é Luís Machado, o condutor do Carro-vassoura, acrescentando:

— **Meti-o aqui dentro, mas vomitava tanto que chamei logo o dr. José Barreiro de Magalhães. Que diagnóstico? Como se vê, está neste estado...**

Olhos vítreos, uma pasta saindo pela boca, completamente nocauteado, quem sabe se mal conhecendo o lugar onde se encontrava, o miúdo crescido que acreditara poder exceder a sua própria capacidade pagava caro o erro de ter ido por conversa alheia. Porém, o médico continuou, cauteloso:

— Foi má alimentação,

A espada de Damocles

Tinha passado muito tempo, os quatro cavaleiros certamente já estavam à mesa, banho tomado. Os parceiros de vários blocos também tinham abalado. E, para tristeza de centenas de sportinguistas, surge, ao longe, um trio: Carlos Santos, José Xavier, o homem que entrara na sua fuga. Como foi isso **Alberto Leal**?

Saem-lhe os bofes pela boca e os colegas não estão muito melhor. «Que quer: tive um 'furo' na bicicleta, depois fiquei mal disposto, demorei a recuperar o ritmo, foi um diabo de vida...»

Sporting com novo golpe, o lousanense Benjamim Carvalho entrando todo crispado na meta, o taverense **Constância Reis** a tremer:

— **E eu que gostava tanto que, em São Braz de Alportel, ficasse satisfeito por eu ganhar uma etapa...**

Pasteleiro em cas do pai, com dezoito verdes anos, que dirá a rapaziada lá do sítio se, num outro golpe de infelicidade, a sua esperança baquear?

Constância Reis consegue, finalmente, fazer entrar ar a sério nos pulmões:

— **Não sou eliminado, pois não? Ótimo. Tenho de recuperar e amanhã tentar sorte diferente.**

Continuava gente pela estrada

Uma dupla entra em ripanço: **Armando Terebentino** e **João Paulo**, que tinham embolsado tudo o que havia para ganhar até ao quilómetro sessenta e cinco, umas boas notas de mil para cada um. Escapavam do bulício da chegada ao «sprint», nem sequer seriam obrigados a ir fazer chi-chi, o que por vezes demora um tempinho e até pode obrigar a perder o sono.

E chega um pelotão, todo ufante: assim, juntinhos, mais de dez por cento dos artistas em prova não pode ir para casa, terá de ser repescado. O «galo», contudo, poderia ba-

ter à porta do sénior nortenho **Carlos Moraes**: se fosse eliminado, acarretaria para os dois colegas sobreviventes a saída de qualquer carro de apoio. E então tanto José Santiago como Carlos Pereira, como também para o britânico algarvio Theakston, haveria que procurar refúgio em blocos que os aceitassem como pesos-extra. Mas por cá anda.

«Chagas à presidência»

«Marco Chagas à presidência. Já» O letreiro, bem visível, lá estava depois da barragem da Valoira, os dois primeiros fugitivos (o bombardalense Armando Terebentino e o lousanense João Paulo) tinham feito a mais saborosa recolha monetária da tarde. Ia seguir-se a prevista abalada inconformada de Belmiro Silva, logo compartilhada por Manuel Cunha e pelo «leão» **Alberto Leal**: daí a trinta quilómetros, junta-se ao trio o calculista Fernando Carvalho, tal como estava previsto pelo treinador Afonso Henriques:

«Nunca me tinha aconseguido estar a levar um banho destes. Por isso, falámos todos durante o repouso em Peso da Régua e ficou combinado que iríamos desgastá-los com o Armando Terebentino e depois lançar o Belmiro e o Fernando Carvalho para a fogetada decisiva. Foi o que aconteceu: nada falou».

O responsável pela formação bombardalense continuava:

Só o António Fernandes e o João Santos é que se atrasaram: o resto da minha malta aí está. Ganhámos (individual e colectivamente) a etapa, estamos para ainda mostrar o que valemos, embora as saídas do Benedito, do Vítor e do Firmiano nos tenham abalado muito. Depois foi aquele inexplicável colapso para Manteigas, mas já tenho a rapaziada recomposta.

TACÓGRAFO KINZLE A MEMÓRIA IMPARCIAL

É um aparelho que regista tudo o que acontece com uma viatura durante o seu trajecto, nomeadamente velocidades tempo de paragens, km percorridos, consumo de combustível, etc.

Fornecidos pela Soc. de Lubrificantes Ingleses

qualquer coisa que tomou e lhe caiu mal...

Verdade, verdadinha, que é que você ingeriu, Joaquim Gomes?

— Não sei nada. Estou muito mal disposto, não consigo falar. Desculpe...

Foi em lágrimas, estirado no chão da ambulância. Nem um dos muitos amigos que conhecera, com palmadimhas nas costas, no traço branco de Manteigas, veio saber quem era aquele vencido que estava derubado pelo sonho mais traiçoeiro...



Ciclismo em debate no IND (Lamego). O nosso enviado especial Neves de Sousa dá uma ajuda aos dirigentes

O enviado especial

do «Diário de Lisboa»

viaja num automóvel RENAULT 9

RENAULT 9

UMA GAMA COMPLETA DE 4 VERSÕES GTC — GTC SUPER — GTL — TSE
O VERDADEIRO PRAZER DE CONDUIZIR

RENAULT





Joaquim Gomes (do Carnide): adeus meu rapaz e até ao teu regresso...

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM

Mobil

Bordoadas bravias apanhavam as selecções regionais. Só José Santiago mostrava que o Gulpihares ainda pode aspirar ao nome no pódio:

Colei-me ao Venceslau e tive sorte: as pernas ajudaram.

Amigos de Paulo Duque Silva animavam-no. Américo Vieira mal cortou a meta ficou sentado no chão. O francês Raul Pascal bebeu duas garrafas de água em menos do acender de um fósforo. Luís Gregório entrou de charola para o carro do Costa de Lavos. O sul-africano Mointosh procurou logo quem lhe garantisse que não fora eliminado. António Fernandes continuava pagando o caro os brilhantes anteriores:

Afanei. pronto, afanei, não sei porque, mas não era capaz de andar.

Notas ao acaso

Olho para o meu bloco: Joaquim Fonseca, nascido há 24 anos, em Valongo, uma oficina de bicicletas:

— Os meus favoritos? Adelino, Marco e Eduardo Correia.

António Alves que comia laranjas com casca e tudo: «Foi a minha mãe que me deu». Domingos, proprietário do Restaurante-Pensão «Imperial», que todos os anos sai de Guimarães ao encontro da «Volta para oferecer sandes e vinho verde à rapaziada. Um simpático velhote (Lourenço Nunes) que nos seus cinquenta Invernos quer vingar-se da frustração do filho Isaac ter andado nesta coisa da «Volta» mas hoje estar proibido pelo médico de fazer grandes esforços:

— Vai daí, disse à minha mulher: fica tu a tomar conta da mercearia (em Vialonga) que eu vou fazer o que o rapaz não conseguiu.

Abala de madrugada, e como foi penoso atingir-se Macedo de Cavaleiros, aqui e além, na estrada só com buracos, parecia

corta-mato, dava até ideia de caminho de cabras, de «florestal» para as grandes proezas do rali de César Torres.

— Se tivesse seguido rigidamente o «regulamento» federativo de provas, metade desta gente não tinha alinhado à partida da «Volta» desabafa Serafim Ferreira, o colega jornalista que continua dirigindo a «Volta». Já agora, acrescenta-se: e, por estas estradas, que ciclistas estrangeiros estariam dispostos a meter a bicicleta? Qual seria o Acácio Silva que não se importava de atravessar aquela zona das covas e da pedra solta, em Jassim, onde nem Cristo se aventurava a dar uma dúzia de passos sem romper as sandálias?

Várias cores tem o sonho

Agonso Henriques quer que seja rectificado o tempo de Fernando Carvalho, na etapa em que uma roda da bicicleta furou a meio quilómetro da meta. Dois rapazes da Ajactó (Manuel Vilar e António Araújo) falam dos cinquenta contos que ganham em cada mês e de como esperam regressar a Trofa com sua vitória: amarela em «Lau» e a corrida terminada em bem. O resto da turma nortenha trocando impressões, já sossegada: Robert (31 anos), Ernest (29), um trio com 23 primaveras (Maia, Passos e José Fernandes).

O bloco novamente aberto: Raul Terebentino: mecânico, 22 anos, completará a sua quarta «Volta»? O francês Raul Pascal, que já foi treinado por Cyrille Guimard e que está aqui com cunha de emigrante: que ilusão? O rapaz de que já falei, esse atrevido Constâncio Reis, que, aos dezoito anos (ainda aspirante) foi campeão nacional da rampa, anda há cinco no ciclismo, e no «Prémio Abimota», deu tal trambolhão que foi para um hospital em estado de coma. Arribou e cá anda, vício entra-nhado até aos ossos, ontem, à noite, nem parecia o mesmo que chegara à meta com a língua

seca. Manuel Cunha: um antigo trolha da construção civil, agora com óculos como usa o Fignon, adeus dado ao gabinete de desenho da empresa Soares da Costa para andar nesta história como profissional a tempo inteiro. José Henriques, que continua no carro do Olhanense a pensar no breve regresso à bicicleta. O dirigente lousanense Vítor Pedroso lamentando-se:

— O múdo pediu-me muito, lá o trouxe no carro e, agora, vejo o que me custou: dois contos de multa, porque «andou um estrenho na corrida».

Manuel Garcez continuando a defender a bandeira do Alfena, onde o pai é presidente, tesoureiro e sócio fundador. Américo Vieira, o tal antigo «piela» que venceu na Figueira da Foz e abateu quinze quilos em dois meses só para tornar a andar de bicicleta.

José Martins, 33 anos, quinze de carreira, uma viagem desde a Coelima que passou pelo elevado profissionalismo nos espanhóis da Kas, da Teka e da Molinar (quatro temporadas na estranha), que tornou a casa para ir envergando, outra vez, a camisola da empresa de Casimiro Coelho Lima, mais tarde da Vigamínho e do Coimbrões, e desta feita a correr pelo Vitória de Guimarães. Agora, que futuro?

— Tudo o que eu queria era um «emprego a sério». Meti requerimento para a Câmara Municipal de Fafe, mas ainda ninguém lhe deu andamento...

Aí temos: que amanhã, espera um ciclista deste grupo de aventureiros?

— O ciclismo tende a acabar, está muito mal, não há equipas, não aparecem contratos publicitários. Nem sei o que devo fazer à vida...

José Martins: o espelho de um belíssimo e apaixonante espectáculo desportivo que, como disse em Tavira o doutor Mário Soares, «já o apaixonava em miúdo». Então, talvez tenha chegado a altura de alguém do Governo deitar uma mãozinha, fazer uma forcinha e, com perdão da intromissão da rábula do meu admirado Herman, definir: — O verdadeiro ciclista é aquele que...

Neves de Sousa

Classificações

9.ª etapa: P. RÉGUA-MAC. CAVALEIROS (150 km)

INDIVIDUAL	HMS
1.º Fernando Carvalho (Bombar.)	4 528
2.º Manuel Cunha (Lousa)	mt
3.º Cayr Theakston (Algarve)	mt
4.º Belmiro Silva (Bombar.)	mt
5.º Eduardo Correia (Sporting)	4 6 4
6.º José Passos (Ajactó)	mt
7.º Adelino Teixeira (Lousa)	mt
8.º Marco Chagas (Sporting)	mt
9.º Jorge Corvo (Tavira)	mt
10.º Luis Domingos (Lousa)	mt

POR EQUIPAS

	HMS
1.º Bombarralense/Case	121711
2.º Lousa/Trinaranjos/Akai/Altis	121736
3.º Sporting/Raposeira	121812
.....	
11.º Costa de Lavos/RTC/Yophil	135927

GERAL INDIVIDUAL

	HMS
1.º Venceslau Fernandes (Ajacto) ...	344928
2.º Marco Chagas (Sporting)	a 44
3.º Eduardo Correia (Sporting)	a 45
4.º Manuel Zeferino (VS Clube)	a 54
5.º António Pinto (Sporting)	a 147
6.º Fernando Fernandes (Sporting)	a 149
7.º Adelino Teixeira (Lousa)	a 150
8.º Manuel Cunha (Lousa)	a 213
9.º José Passos (Ajacto)	a 238
10.º José Santiago (Sl. Norte)	a 240
11.º Alexandre Rua (Sporting)	a 352
12.º Luis Domingos (Lousa)	mt
13.º Manuel Gomes (Boavista)	a 354
14.º José Poeira (Lousa)	a 518
15.º Fernando Carvalho (Bombar.)	a 522
16.º José Xavier (Sporting)	a 533
17.º Jacinto Paulinho (Lousa)	a 535
18.º Manuel Vilar (Ajacto)	a 558
19.º Jorge Corvo (Tavira)	a 655
20.º José Marques (Tavira)	a 657
68.º Américo Vieira (Costa Lavos)	14112

POR EQUIPAS

	HMS
1.º Sporting/Raposeira	1042911
2.º Lousa/Trinaranjos/Akai/Altis ...	a 526
3.º Ajactó/Morphy Richards	a 737
4.º Bombarralense/Case	a 1328
5.º Guimarães/Maria José Abreu ...	a 2128
6.º Tavira/Macal Minarelli	a 3351
7.º Olhanense/FB/Algarve	a 4341
8.º Boavista FC/Tianica	a 1177
9.º Selecção Norte/Con. Belamar ...	a 12859
10.º Selecção Centro/Nordesfer	a 15048
11.º Costa de Lavos/RTC/Yophil	a 3365

PONTOS

	P
1.º Carlos Santos (Sporting)	42
2.º António Fernandes (Bombar.)	34
3.º Venceslau Fernandes (Ajacto)	15

PRÉMIO DA MONTANHA

	P
1.º José Santiago (Sl. Norte)	50
2.º Armindo Terebentino (Bombar.)	30
3.º João Paulo (Lousa)	26

Hoje a trepar, amanhã a rolar

Com partida às 11 horas, os ciclistas saíram de Macedo de Cavaleiros com destino a Mondim de Basto percorrendo 150 quilómetros e passando por Mirandela, Murça, Vila Real, Balsa e chegando ao alto da Senhora da Graça, prevista para cerca das 15.24 horas.

AMANHÃ: haverá duas eta-

pas no calendário. A 11.ª tirada tem partida marcada para as 9 horas em Mondim de Basto estando previsto o seguinte horário: Fafe (9,47), Guimarães (10,11) Braga (10,44), Barcelos (11,25), Darque (12,11) e chegada à Avenida dos Combatentes, em Viana do Castelo, pelas 12.25 horas. De tarde com ini-

cio às 17.30 percorre-se a 12.ª etapa entre Viana e a Póvoa de Varzim na distância de 65 quilómetros passando por Meadela, Lanheses, Deão, Vila Franca do Lima, Antas, Belinho, S. Bartolomeu do Mar, Esposende, Fão e A Ver-o-Mar estando prevista a chegada à Póvoa pelas 19.12 horas.

*ser dono do tempo
é privilégio do ar condicionado
pode ser o seu privilégio*



FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Fábrica Nacional de Ar Condicionado
Tel. 218 33 67 70 - Telex 18276 ARFNAC P
CLIMANORTE - PORTO - Tel. 69 31 45 - 69 41 09
CLIMACENTRO - LISBOA - Tel. 714 08 39 - 714 08 28
CLIMASUL - PORTIMÃO - Tel. 24 373 - 26 048 - Telex 57355 CLIMAS P

Futebol

Jogos, casos e transferências

Belenenses perde em Sevilha

O Belenenses fez deslocar a sua equipa de futebol a Sevilha e, na noite de ontem, defrontou o clube andaluz no Estádio Sanchez Pizjuan, tendo perdido por 2-1. Um resultado que poderá corresponder à diferença das potencialidades dos quadros em confronto ainda que não se deva ignorar a circunstância da turma de Melia haver actuado em terreno alheio, o que naturalmente provoca alguma influência. Parece - e vimos os encontros que a turma azulina disputou com o Estrela da Amadora e V. Setúbal - que o plantel da passada temporada era francamente superior ao actual, devendo, todavia, anotar-se o facto de se estar ainda em tempo de entrosamento. Melia fez alinhar: Jorge; Sobrinho, José António, Hélder e Artur; Murça, Jaime, Norberto e Paulo Monteiro; Ademar e Djão.

Actuaram ainda: Sambinha, Jorge e Joel. O golo azul teve a «chancela» do ex-portista Ademar.

Outro jogos

Chaves-Aves, 2-0; Braga-Vizela, 0-0; Ermesinde-Salgueiros, 0-0; Leixões-Marítimo, 1-2.

Ralf e Celso Treinam nas Antas

Ralf, o jogador brasileiro que actuava no São Paulo, chegou ontem ao Porto para reforçar a equipa de futebol orientada por Artur Jorge. O jogador, 26 anos, disse que gosta de «coordenar o jogo a meio-campo» e acrescentou que pode vir a actuar na sua nova equipa em qualquer lugar na medida em que «hoje em dia não há lugares fixos no futebol».

Sobre uma referência publicada na Imprensa brasileira,

segundo a qual Ralf «pode vir a ser o sucessor de Socrates», afirmou que por enquanto não pensa nisso. «Prefiro que sejam os críticos a opinar sobre o meu valor» - disse.

Ralf, que chegou acompanhado pela sua mulher, revelou que pensa assinar com o FC Porto um contrato válido por duas épocas, começando hoje a trabalhar com a nova equipa.

Uma fonte do departamento de futebol do FC Porto revelou, por seu turno, estar nos propósitos do clube contratar outro jogador brasileiro. Trata-se de um defesa central que actua na Baía chamado Celso e que igualmente já se encontra nas Antas.

Boavista-Barcelona no cartaz de La Linea

Esta noite realiza-se no Sul de Espanha o encontro entre a poderosa turma do «Barça» e o ambicioso Boavista a contar para o torneio La Linea. Trata-se dum encontro aguardado com alguma expectativa considerado o valor das equipas e porque se trata de dois quadros que no próximo mês estarão envolvidos nas competições da alta roda europeia. João Alves levou todos os elementos do seu valioso «equadrão» sendo de prever comportamento positivo da turma do Bessa.

Amanhã: Montijo-Benfica e Atlético-Belenenses

Continuando o ritmo de preparação dos seus «quadros» realizam-se amanhã, entre outros, os encontros Montijo-Benfica (18 horas) e Atlético-Belenenses (17).

Benfica: casos em suspenso

Jorge Silva, Tozé, Flávio, Nivaldo, e Silvino, são alguns dos casos em suspenso e que se aguarda rápido desfecho. Quanto a Jorge Silva (uma dispensa que se estranha) parece certa a sua idade para Chaves e ele adianta a propósito propósito: **prefiro ir para Chaves do que ficar parado no Benfica**; Tozé é dado como certo na Académica e confirma: **no Benfica tenho poucas hipóteses**; Flávio quer sair... **para continuar a rodar e quer ir para Coimbra**; difícil parece o caso de Nivaldo que não está muito receptivo em abalar para o Algarve: **pela proposta que o Portimonense me faz eu não saio**; quanto a Silvino que se anunciou como possível ingresso no Aves, é ele quem afirma: **Aves? Só sei pelos jornais. Ninguém falou comigo**.

Como se vê são alguns casos e um ou outro de difícil solução, só que dentro de dez dias começará o campeonato...

Venâncio e Litos estão «OK»

No Sporting, parece arrumada a «questão-Meade» já

que a verba pedida pelo seu passe (55 mil contos) é naturalmente incomportável, mas João Rocha continua a movimentar-se...

Quanto aos lesionados tudo se encaminha para a normalidade já que os jovens Litos e Venâncio se encontram «aptos» e provavelmente Manuel José irá testar as suas condições físico-atléticas no decurso dos encontros a contar para a taça Internacional de Lisboa **Walsh e Mariano: que destino?**

A direcção do FC Porto autorizou já o Salgueiros a negociar a transferência do futebolista irlandês Mike Walsh, disse à Anop o secretário técnico do clube de Paranhos, José Vieira, adiantando que a transferência de Walsh para o Salgueiros depende apenas da vontade do jogador.

Desmentindo notícias que davam como certo no seu clube o também portista Mariano, Vieira disse que o jogador não é ainda do clube e que a sua cedência está dependente da possível contratação, pelo FC Porto, dos brasileiros Ralf e Celso.

Belenenses joga «com seguro»

As camisolas da equipa de futebol do Belenenses, «vão jogar», esta época, com a Império à frente, uma faixa publicitária colocada ao peito de cada jogador. Ontem, o clube azul e a seguradora Império assinaram, em Lisboa, um contrato publicitário que possibilita a equipa do Restelo a utilização, durante a época futebolística 1985/86, do nome daquela companhia de seguros.

Sobre o acordo assinado, um responsável da «CFB» disse ser «satisfatório para ambas as partes». O valor do patrocínio publicitário efectuado pela Companhia de Seguros Império, não foi revelado, dado tratar-se de «assunto exclusivamente profissional» - disse o dirigente contactado.

Na frente das camisolas da equipa do Restelo, a palavra Império «vai jogar» a época futebolística que se avizinha e, segundo a mesma fonte, «provavelmente jogará por mais épocas, mas com um contrato em moldes diferentes».

Modalidades

Atletismo: portugueses no GP de Vigo

Mais de meia centena de atletas portugueses participam, hoje, no Grande Prémio de Vigo em Atletismo.

Neste «meeting» para portugueses e espanhóis estarão presentes 25 atletas enviados pela Federação Portuguesa, além de outros tantos indicados pela Associação de Atletismo do Porto e, ainda, outros que se deslocam a expensas dos seus clubes.

Indicados pela Fededração, estão em Vigo: João Lima (110 barreiras), Paulo Barrigana (110 barreiras e comprimento), Alberto Jorge e Pedro Iglésias (400), Paulo Palma, Adriano Ribeiro, Luís Azevedo e João Subtil (comprimento), José Pedroso (martelo), Pedro Corvelo e João Firme (100), Mário Silva e José Moreira (1500), sendo a maior delegação destinada aos 5000 metros, com Dionísio Castro, Eliseo Rios, Domingos Castro, Rafael Marques, Joaquim Pinheiro, Luís Horta e Fernando Couto.

Para o torneio feminino, a federação indicou Cláudio Gomes (100), Albertina Machado, Rosa Oliveira e Conceição Ferreira (1500).

Ginástica rítmica: portuguesas vão ao «Mundial»

Portugal é um dos 35 países que vão participar em Outubro próximo, em Valladolid, Espanha, no XII Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica.

Quatro ginastas portuguesas estão em estágio de pré-selecção para delas serem escolhidas, em princípio, três participantes no «Mundial», informou um porta-voz da Federação. **Patrícia Jorge**, do Algués e Dafundo, **Ana Peleira**, **Cristina Lebre** e **Margarida Carmo**, todas do ISEF, são as candidatas à participação portuguesa neste campeonato.

A organização do «Mundial» prevê que 350 ginastas, de 35 países, concorram ao campeonato, entre 10 e 13 de Outubro, em Valladolid.

Motonáutica: GP da Praia da Rocha

No próximo fim-de-semana, na Foz do Arade, realiza-se o V

Grande Prémio Internacional da Praia da Rocha de Motonáutica, prova que conta para o campeonato nacional da modalidade.

Trata-se de uma prova que, devido a dificuldades financeiras, não se realiza há mais de dez anos e, segundo o presidente da Associação Naval Infante de Sagres, **Nuno Mergulhão**, entidade organizadora do certame, com o seu reatamento pretende-se contribuir para a animação desportiva e cultural do Barlavento algarvio, dado tratar-se, também, de uma prova com grandes tradições na modalidade, não só no País como no estrangeiro.

Segundo o mesmo dirigente daquela agremiação desportiva sediada em Portimão, a Foz do Arade, cenário da prova, foi considerada, por um elemento da União Internacional de Motonáutica, entidade máxima da modalidade, como um dos melhores locais para a prática da motonáutica, em todo o Mundo.

A prova, de custo orçado em dois mil contos, é dividida em três «mãos», duas sábado à tarde e a outra no domingo de manhã e será transmitida em directo pela Radiotevisão Portuguesa.

Judo: Estágio Internacional

Está a decorrer em Esposende o «Estágio Internacional de Judo» que teve início a 27 de Julho e durará até 11 de Agosto.

Esta importante divulgação para a modalidade terá três fases distintas, competição, katas e sessões de vídeo-tape, estando presentes nestes estágios vários países representados por muitos campeões nacionais. De salientar que a primeira semana foi orientada pelo campeão do mundo o francês Bernard Tchoullouvan bem como por Bastos Nunes e João Rui Conceição.

Quase a findar esta jornada de grande nível técnico e pedagógico é de salientar que para mesma realização do próximo ano, encontram-se já inscritas várias dezenas de atletas estrangeiros.

aguilar
Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96
SALDOS
— ATÉ 22 DE SETEMBRO —

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM
E SENHORA DAS MELHORES MARCAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios ★ Sedas ★ Algodões ★ Malhas ★ Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso público n.º 3-1812/85

FORNECIMENTO DE SECADORES INDUSTRIAIS PARA ROUPA

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 5 de Setembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 1 de Agosto de 1985

O Chefe do Serviço,
a) **Idílio Luís de Sousa**

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA
ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia, que pelo Tribunal do Trabalho de Sintra, Primeira Secção, correm seus termos os autos de execução de Sentença com o n.º 29/85, por apenso aos autos de Contrato Individual de Trabalho n.º 54/84-C, em que é exequente José Leitão, residente na Malveira Oeste e Executada Enomecânica, SARL, com sede na Malveira Oeste, que correm editos de vinte dias citando-se os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias findos os dos editos, ou a contar da segunda e última publicação, dos presentes anúncios, deduzirem os seus créditos, nos termos do Art.º 864.º do Código de Processo Civil.

Sintra, 29 de Julho 1985

O Juiz de Direito

a) **Dr. Álvaro Poppe Lopes Cardoso**

O Escrivão Adjunto Interino

a) **Carreira Amarelo**

«D.L.» 14/8/85 — 2.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 73 457 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE HETEROPROSTAGLANDINA».

Trata: **CLARKE, MODET & C.ª, LDA.**
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 63 790 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS ACTIVOS DE METILAMINA COM EFEITO FARMACÉUTICO E PARA A OBTENÇÃO DE COMPOSIÇÕES TERAPÉUTICAS CONTENDO OS MESMOS».

Trata: **CLARKE, MODET & C.ª, LDA.**
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
1000 LISBOA

Quarteto Onix na Gulbenkian:

Jazz de rigor

Continuando o Jazz em Agosto em curso, chegou a vez para esta noite irem tocar ao palco do Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian o grupo catalão Onix, que tem a curiosidade maior de incluir um conhecido jazzista português, que só lá fora conseguiu o reconhecimento do seu muito valor: José Eduardo. Às 21 e 30 h, como já é costume bilhetes a 300\$00, mas os descontos da ordem — 50% para jovens, estudantes, inscritos na Juventude Musical Portuguesa, músicos profissionais com carteira. Música: jazz de rigor.

Músico de jazz português que está mesmo afeito a singrar por esse difícil caminho e chegar a sítio que interesse, vê-se forçado a procurar «chances» lá fora, onde o jazz é mais institucionalmente respeitado e os jazzistas podem conquistar posição que não os deixe despercebidos, caso sejam de facto bons.

Habitua-mo-nos que em Portugal só podemos conhecer e partilhar um determinado nível de qualidade do intérprete de jazz. Chegado a ele o músico ou estagna ou começa a fazer outras coisas, muitas vezes sem nada a ver com o jazz. O saxofonista Rui Cardoso, que aqui há uns anos atrás reconhecia-se-lhe uma virtualidade especial, é agora um banal músico de recurso; Rao Kyao, um excelente saxofonista-te-

nor e flautista de jazz, só pôde fazer vencer o seu nome carregando a sua técnica e formação para outros espaços musicais.

Neste quadro já é de perguntar o que sucederá proximamente àqueles jazzistas que formam o Sexteto de Jazz de Lisboa e costumam acompanhar a cantora Maria João — o pianista Mário Laginha o saxofonista Carlos Martins, o baterista Mário Barreiros, forças que estão a rebentar a limitação qualitativa do jazz português. Irão entrar em espiral, tal como aconteceu a muitos?

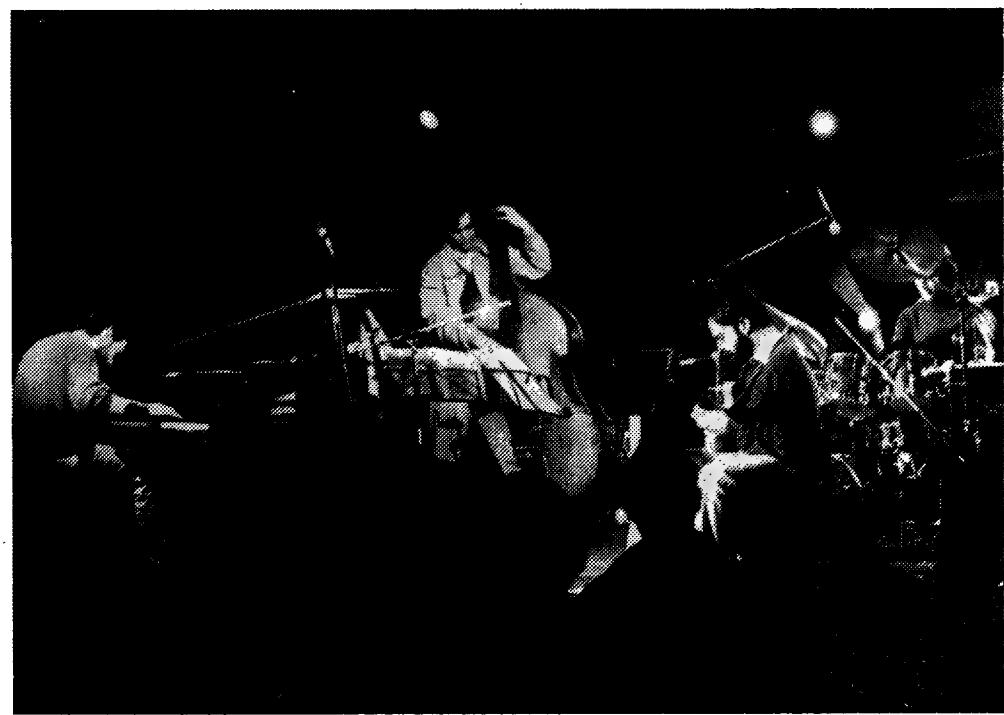
Preferiram mandar tudo às malvas, e demonstrar internacionalmente que Portugal pode tocar um jazz de primeira linha, um Saheb Sarbib, contrabaixista que tem tocado com alguns dos maiores nomes da cena actual desta música e

faz-se atenciosamente escutando; um Carlos Zingaro, cá quase um desconhecido e lá fora um dos violinistas mais queridos pela vanguarda, tocando volta e meia em grandes combos pelos festivais; e ainda o caso de José Eduardo, durante muitos anos considerado entre nós o melhor contrabaixista português no que isso significa, porém, de horizonte apertado. A ele bastou-lhe uma região vizinha, Barcelona, Catalunha, para que os seus préstimos merecessem reconhecimento. Que país o nosso!

Ágata

José Eduardo encontra-se em Barcelona desde 83, a convite do Taller de Musics dessa cidade, que lhe pediu para leccionar do mesmo modo que cá já havia feito na Escola de Jazz do Hot Clube, com resultados então muito positivos e que, pelos vistos foram falados lá por fora.

Durante esse tempo o contrabaixista português foi encontrando afinidades musicais com músicos catalães e resolveram formar um grupo, com



um nome que desse um pouco o tom da sua música particular — Onix, uma variedade de ágata listada em tons claros e escuros e que é utilizada na joalheria, correspondendo a um som que se classificou como de vanguarda, pela sua segura originalidade. Em pouco tempo os Onix chegaram ao primeiro plano das preferências jazzísticas ibéricas.

Tocam nos Onix o pianista Lluís Vidal, que é quem dirige o agrupamento, o guitarrista Josep Albert Cubero (em

substituição de um dos fundadores — o trompetista americano Michael Kaupa), o baterista Jordi Rossy, e o nosso José Eduardo. Com o trompetista gravaram o ano passado o único registo até agora feito, muito próximo das concepções estéticas de rigor que na Europa a ECM de Manfred Eicher tem constituído como matriz.

Não conheço o trabalho dos Onix, mas espero que esta sua característica não marque negativamente a música desta noite. Explico porque: quando

se faz uma colagem conceptual à sonoridade ECM está-se a falar concretamente do quê? É que esse catálogo já nos presenteou com o maior número de estilísticas, umas que reparámos serem meras vestimentas técnicas de som, outras que resultaram com muita felicidade e constituem de facto uma fórmula original e modelar e outras que, na verdade, desculpem o portuguesismo, são grandes chatices. Em qual das três cabem os Onix? Veremos e ouviremos logo à noite.

Cinema de Paris

'Um Verão podre', tal e qual

Jose Augusto França

Vai vazio o Verão cinematográfico de Paris, este ano ainda mais do que é costume, e este filme do canadiano Philip Borsos, «The Mean Season», em França tomou, como de propósito, o título de «Un été pourri». Por curiosidade importará saber que foi a única obra, senão obri-nha, que a crítica parisiense ainda assim, e com a ponta dos dedos, se dignou distinguir, entre todos os outros, de duas ou três semanas — e, é claro, as reposições de Verão, que vão da «Guerra e Paz» de K. Vidor, ao «Pão, amor e fantasia» de Comencini.

No entanto, com alguma benevolência, «Un été pourri» merecerá certa atenção, pela história contada e, sobretudo, pelo seu tratamento em «suspense» de boa técnica. História de certo

modo banal dum assassinio sádico em Miami, que um repórter local persegue sonhando com artigos de sensação, e esquecendo o perigo que o espreita. Porque o assassino resolveu fazer dele seu confidente, anunciando-lhe outros crimes que prepara, tem telefonemas que alimentam a reportagem, em boa «caixa» jornalística, nisso criando o ambiente espectacular que é a qualidade maior do filme. E à qual se junta o próprio clima da Florida, ameaçado por tornados que assolam a região.

A Miami da história tem uma espécie de irreabilidade, fora dum tempo que introduz na doçura habitual do sítio dramas humanos de imigração. Deles não quer saber o realizador, todo preso ao desenvolvimento per-

turbante do argumento, mais, de resto, que aos caracteres envolvidos, do jornalista, da mulher e do assassino. A superficialidade da reportagem, realizada com todos os ingredientes duma realidade oferecida ao grande público que importava conquistar (ia ser a reportagem da vida do jornalista provincial...) acorda-se com o andamento do filme, sem envolver qualquer crítica, como um Kubrick de melhores tempos teria feito e fez. Um filme passivo, então, podre como o Verão que o título anuncia, cuja curiosidade reside nisso mesmo — ou no calmo talento de Philip Borsos.

Já que o Verão é assim, valha-nos esta calma canadiana, própria duma «série B» que não pode ultrapassar-se...

Autores inéditos revelados em anuário de poesia

Mais de uma centena de poemas de 71 autores até agora inéditos são revelados no segundo volume de anuário de poesia que a editora Assírio e Alvim acaba de lançar no mercado.

Os poemas foram escolhidos de um conjunto de cerca

de cinco mil enviados de Portugal continental e das regiões autónomas, de países africanos de língua oficial portuguesa e do Brasil.

De acordo com o júri que seleccionou os textos publicados — constituído pelos poetas José Bento, José Agosti-

nho Baptista e Miguel Serras Pereira —, o presente volume «permitirá uma avaliação mais segura daquilo que o anuário de 1984 já indicava: a existência de uma considerável quantidade de poetas, ou poemas, que permanecem desconhecidos e incomunicáveis».



IV TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA

16, 17 e 18 de Agosto de 1985



6.ª-feira (E. Alv.) — 21.00 horas — SPORTING — SHAMROCK (Camp. da Irlanda)
Sábado (E. Luz) — 21.00 horas — BENFICA — SHAMROCK
Domingo (E. Luz) — 21.00 horas — BENFICA — SPORTING

Tabela de preços

	1.º e 2.º dias	3.º dia
Central	750\$00	1000\$00
B. Lateral	500\$00	750\$00
Superior	350\$00	500\$00
Sócios	200\$00	300\$00

Ingresso de Associados

- Os associados do S.L.B. e do S.C.P., mediante a apresentação do bilhete de sócio e respectivo cartão, terão ingresso para o seu lugar habitual, nos jogos que se realizam nos seus Estádios.
- Os associados do S.C.P. mediante a apresentação de bilhete especial e respectivo cartão, terão ingresso para o lugar de Superior Central (3.º Anel) — Rampas 2 e 3, no jogo BENFICA-SPORTING.

Bilhetes à Venda

1.º e 3.º dias

A partir de 13 de Agosto, no Estádio José Alvalade:
— Das 10.00 às 20.00 horas

2.º e 3.º dias

A partir de 13 de Agosto, na Secretaria do Sport Lisboa e Benfica (Rua Jardim do Regedor, 9 — 1.º) e nas Bilheteiras do Pavilhão n.º 2 no Estádio da Luz:
— Das 9.30 às 12.00 e das 14.00 às 18.00 horas

Fórmula J — o melhor são os preços

Mário Castrim

«Aquele bar» não é melhor nem pior do que muitas outras séries americanas de via reduzida.

Que podemos nós admirar nela? Principalmente, a arte de contar, sem soluções de continuidade, numa área reduzida. Não se perde tempo com atalhos inúteis: tudo está feito no sentido da eficácia da história. Um comboio directo, sem paragens intermédias. Uma linguagem sóbria na tradição de muitas dezenas de anos de contar em cinema. Aliás, a televisão americana é a legítima herdeira (para o bom e para o mau...) de Hollywood.

Através da fluência da arte de contar, do tom ligeiro, desdramatizante, das situações; das piadas ao estilo «almanaque do americano médio»; de um ambiente pretensamente naturalista («um bar igual a tantos...»); de um círculo ianque retinto (onde os negros — claro! — não existem, não participam, não convivem, a ponto de nunca se ver o Sam a servir um negro...) — eis se infiltra o convite, o vício, a droga da evasão pura e simples ou do moralismo chocho para uso interno da sociedade americana.

As pessoas vêem, consomem, esquecem. Quando «aquilo» desaparecer, ninguém vai dar por isso. Ao menos o «Mister Ed» e o «Casei com uma feiticeira» assumiam-se na plenitude da sua idiotia. Dessas alguém ainda se lembrará! Com remorsos ou com nojo. No pior dos casos, com saudade. Mas sem a indiferença que é o castigo de quem quer ser peixe, parecendo carne. Ou vice-versa.

Natação: a opção mais idiota

Durante alguns dias a Televisão transmitiu em directo os europeus de natação em Sófia. Os europeus desenharam-se num complexo desportivo que é, nem mais nem menos, dos mais sofisticados da Europa. A juventude na Bulgária tem à sua disposição todos os meios (cul-

turais, sociais, desportivos, humanos, científicos) para o total aproveitamento de capacidades e dons naturais. É a isto que se chama «a pista búlgara».

Pois no domingo, último dia de provas, faltou a luz. Com este alibi, a Televisão cortou a transmissão directa dos europeus e deu, em seu lugar, um filme de chacha e uns desenhos animados!

Várias coisas mal feitas. Em primeiro lugar, a RTP faltou a uma das regras mais respeitadas na televisão de todo o mundo que manda privilegiar o directo sobre o enlatado. Suponhamos que o nadador português ganhava a medalha de prata no domingo...

Em segundo lugar, muita gente modificou seus planos de domingo para assistir aos europeus — e duvido que alguém haja feito o mesmo para ver a chachada hispano-americana.

Depois, a natação tem milhares de adeptos em Portugal e esses ficaram defraudados.

Finalmente, trata-se de um desporto de alta qualidade de que nunca é de mais fazer a propaganda. A opção da RTP foi a mais infeliz, a mais injusta, a mais imprópria, a mais impopular e a mais idiota.

O pior de tudo é que, se se for à procura de um responsável, ele é capaz de não aparecer...

Fórmula J: positivos e negativos

Vozes escandalizadas levantam-se contra o programa «Fórmula J». Tenho muita pena, mas não alinho.

Certo, há pontos negativos. Por deliberadamente em confronto distritos do Norte e do Sul é grave, significa a acção de uma dicotomia que só o aventureirismo consente. Na televisão não se pode embarcar nisso, sob pena de estar a fazer o jogo do divisionismo nacional.

Acresce ainda que, à margem do concurso propriamente dito,

se procede à propaganda de um tipo de música «supranacional», com sujeição aos grandes interesses económicos e ideológicos, considerada como o protótipo da «música jovem» — sendo não mais do que a música de uma certa juventude. Perde-se, com este concurso, a possibilidade de fazer o levantamento das raízes musicais do nosso povo que permitam o enriquecimento musical da juventude do nosso tempo.

O principal, no entanto, deste concurso é que ele solicita a juventude para a criatividade, para a presença viva, para a participação cultural. Esta fórmula — que inclui o teatro, a canção, o bailado — nada tem a ver com a fórmula de antes do 25 de Abril, com os seus questionários sebesteiros, o apelo à memorização, a anulação da vitalidade.

Foi muito bom, por exemplo, assistir às provas dos moços de Portalegre (representados por um grupo juvenil cultural de Ponte de Sor) e de Lisboa. E foi bom não apenas pelas provas, em si mesmas, mas pelo comportamento dos rapazes e das raparigas — com um abraço a superar concorrências e sementes de conflituosidade.

Participar de um júri nestes concursos, disso me resguarde Deus, se me quer bem como de um pai se espera. Conheço a dificuldade da tarefa e ficaria mais tranquilo se tivesse a certeza que o júri a avalia, também, com a requerida humildade e a não menos requerida ciência.

Considero que a diferença de pontuação entre as equipas de domingo não se justifica. Em nenhuma das provas Lisboa mereceu tamanha vantagem.

Infelizmente, o júri avalia segundo os seus critérios e não segundo o critério dos jovens. Não o deve fazer. A atitude correcta é avaliar até que ponto os grupos cumpriram bem dentro do critério que escolheram.

Veja-se no teatro, em que estava em causa uma cena difícil da peça «D. João VI» de Helder Costa. Os dois grupos fizeram a

sua leitura da cena — mais sóbria, mais séria, mais «teatral por dentro», a de Portalegre; mais caricatural, mais mexida, mais «teatral por fora» a de Lisboa. Uma não era melhor do que a outra: ambas estavam bem organizadas e eu dar-lhes-ia a mesma classificação, embora pessoalmente me agradasse mais a dos moços de Ponte de Sor.

Veja-se a canção. Talvez a letra da canção de Lisboa fosse menos má; em qualidade musical, equivaliam-se; mais bem organizada, a de Lisboa; só que, na interpretação, havia uma voz a sério em Ponte de Sor, talvez a melhor revelação do dia, contando mesmo com a do moço também de Ponte de Sor, que faz de D. João VI, uma voz com laivos de instrumento.

Por outro lado, o júri apontou à canção de Lisboa a falta mais grave que se pode imputar a uma canção: o mau casamento entre a música e a letra. E depois de tudo isto, é a canção de Lisboa, quem recebe maior pontuação!

A prova livre dos moços de Lisboa deu-nos uma das mais terríveis demonstrações do estrago que o desencanto destes últimos anos tem causado na juventude.

Na primeira parte, assistimos a uma denúncia das condições sociais que degradam a juventude: o desemprego, a instabilidade, as ameaças de guerra, a droga, o álcool, etc.

Na segunda parte, em cantiga sumária, procedia-se a uma meditação sobre o que fora dito. Então assistimos a um total desencanto, a uma completa frustração, ausência de perspectivas. De esperança, nem rasto. Coisas assim:

Eu não sei se neste mundo há um lugar para a gente. Eu acho bem cá no fundo que o povo é inconsciente.

Não se manifesta nenhuma vontade de lutar, nenhuma disposição combativa. Aqueles jovens queixam-se e ficam-se por aí. Se alguma coisa manifestam, é o desejo de fuga:

Eu já não aguento mais eu vou é sair daqui...

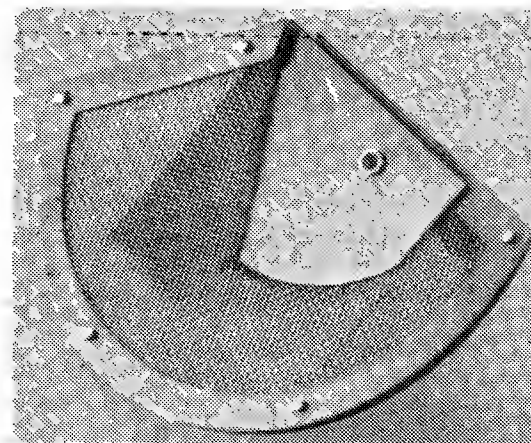
A vida ensinará estes e outros jovens que a solução não consiste em sair daqui: consiste na teima de ficar e de transformar.

Combate em que, aliás, tantos e tantos jovens estão envolvidos.

PRATIQUE DESPORTO



DEFENDA A SAÚDE



As jóias executadas pelos alunos do ARCO continuam expostas no Museu Nacional de Arte Antiga

Exposições

● No Museu Nacional de Arte Antiga continua patente ao público a exposição «Nova Ourivesaria». A mostra reúne cerca de 80 peças executadas por alunos e professores da Oficina de Ourivesaria do A.R.C.O., que são o resultado de uma prática oficial caracterizada pelo emprego simultâneo de técnicas tradicionais e inovadoras; utilização de materiais diversos na mesma peça e a execução integral da peça pelo autor. Conjuntamente com esta exposição, que pode ser visitada das 10 às 17 horas até 29 de Setembro, o Museu expõe uma selecção de peças da sua colecção de joalharia.

● No salão dos Bombeiros Voluntários de Paredes de Coura o Centro Cultural de Alto Minho organizou uma exposição de pintura do artista Carlos Carreiro. O pintor, natural de Ponta Delgada, é professor agregado na ESBAP. Realizou 18 exposições individuais e participou em 60 exposições colectivas em Portugal e estrangeiro. Está representado em várias colecções particulares e nos Museus Carlos Machado, Centro de Arte Moderna e Museu Soares dos Reis, entre outros. A exposição está patente até ao dia 19 deste mês.

● Na Sala de Turismo de Esposende é inaugurada esta tarde, pelas 18 horas, uma mostra de pintura denominada «Esposende Antigamente», acompanhada da apresentação do livro de poemas «Eco», o pintor-poeta Carlos Nascimento, com sessão de autógrafos.

● Faz precisamente hoje 600 anos que se travou a Batalha de Aljubarrota, na qual o rei D. João I de Portugal e o seu exército de 7000 homens derrotou o exército de D. João I de Castela, composto (segundo reza a história) por cerca de 17 000 homens. E apesar de actualmente portugueses e espanhóis serem muito amigos e folgarem muito pela entrada comum na CEE, nós continuamos a festejar a batalha. Assim, e se é apreciador destas coisas, dê um «pulo» ao campo de S. Jorge, onde se realiza a reconstituição da dita batalha, pelos militares da Região Militar Centro, e um espectáculo que conta com a participação de ranchos folclóricos, bandas militares e uma exibição de luz e som, com raios «laser».

Livros

● Por iniciativa dos Serviços Culturais e Desportivos da Câmara Municipal de Avis, está a decorrer um programa de animação do Jardim Público da Vila. No local foi instalada uma biblioteca ao ar livre, com suave música ambiente e com acções de sensibilização para a leitura. Se mora na área, vá até lá e descontraia-se com um bom livro nas mãos.

Poesia

● No bar-restaurant «O Camarim», aos Anjos, tem lugar esta noite uma sessão de poesia com poemas de José Anjos. Se lá for, aproveite e aprecie também os quadros de Humberto de Castro, que estão expostos no local.

Música

● No Palácio Nacional de Sintra realiza-se esta noite, pelas 21.15 horas, um concerto pela Orquestra de Câmara Francesa «Ars Instrumentalis», sob a direcção do maestro Miguel Graça Moura.

● No Anfiteatro de Ar Livre da Fundação C. Gulbenkian prossegue esta noite o festival «Jazz Agosto 85», com a actuação, às 21.30 horas, do Quarteto Onix.

● E como este é um mês de festivais, também o festival «Música na Costa Azul» continua hoje, no Castelo de Palmela, às 21.30 horas, com um concerto pelo Quarteto de Sopros de Lisboa, intitulado «Cenas de Caça».

● E em Boticas tem lugar, também hoje, o «Festival da Canção Migrante».

XI FESTIVAL

de Música da Costa do Estoril

TEATRO SÃO LUIZ

16 Agosto,
21H30

TIBOR VARGA (violino), LUDWIG STREICHER (contrabaixo)
SEQUEIRA COSTA (piano), VLADIMIR STOYANOV (clarinete)
QUARTETO KODALY
Brahms: Quinteto para clarinete e cordas
Schubert: Quinteto «A Truta»

17 Agosto,
21H30

MARCEL MARCEAU
Pantomimas de Estilo, Pantomimas de Bip

Patrocínios:

Ministerio da Cultura, Secretaria de Estado do Turismo, Câmara Municipal de Cascais, RTP, RDP/RC, RDP/Programa 2, TAP - Air Portugal, Estoril-Sol, Tecnapapel, Publirama e Amigos do Festival

Colaboração:

Câmara Municipal de Lisboa, e Fundação Calouste Gulbenkian.

Bilheteiras:

Casino, Teatro S. Luiz, ABEP e Discoteca AIFAI

Informações:

Secretariado — Telef. 268 39 00

Organização: AIMCE e JTCE

Alfas Triplex

— T. 806496

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
3.ª Semana

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h
16.ª Semana

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
3.ª Semana

Alfa Club

— T. 763319

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
27.ª semana

Apolo 70

A OCASIÃO DA ROSA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

O TURNO DA NOITE
(Comédia)
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AMOR ENTRE MULHERES
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
3.ª Semana

Berna

— T. 776098

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

A CAIXINHA DE SURPRESAS
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30
3.ª Semana

Capitolio

— T. 372358

PRAZERES CLANDESTINOS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

POLICE ACADEMY 2 — «A PRIMEIRA MISSÃO»
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
3.ª Semana

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
24.ª Semana

OS MARGINAIS
24 h

Cine Camões

OS SEIS MAGNÍFICOS LUTADORES
14.15, 16.30 e 21.30 h



Uma cena do filme "O Eclipse" realizado por Michelangelo Antonioni, com Monica Vitti e Alain Delon

Cine 222

— T. 579460

LAGOSTA AO PEQUENO-ALMOÇO
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

COMANDOS DE SINAI
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

INTERNATO DE RAPARIGAS
(não acons. men. 18 anos)
16 e 21.45 h

OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ
(não acons. men. 13 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

POR FAVOR NÃO ME MORDAM O PESCOÇO
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

NOITES DE PAIXÃO
23.45 h

Condes

— T. 322523

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
(para maiores de 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
37.ª semana

Estudio ACS

— T. 887255

OS ANOS DE LUZ
(interd. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

HOTEL NEW HAMPSHIRE
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

Audatório 1
PROCESSO ARQUIVADO
(não acons. men. 18 anos)
21.30 h

Audatório 2
UMA CANTA OUTRA NÃO
(para maiores de 16 anos)
21.30 h

Gemini

— T. 734009

O XERIFE QUEBRA-OSSOS
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

GANGSTERS MALANDROS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Império

— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(para maiores de 10 anos)
14.45, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A ÚLTIMA LOUCURA
(m. 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(n. acons. men. 12 anos)
14.00, 16.30 e 19.00 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

A FÚRIA DE HONG-KONG
(interd. a men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MINHA PROFESSORRA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

TRINITÁ (O Cowboy Insolente)
(não acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

GEMIDOS DE PRAZER
(interd. men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

THE DAY AFTER (O DIA SEGUINTE)
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

ASSALTANTES DO AR
24 h

Politeama

— T. 326305

MASSACRE EM SÃO FRANCISCO
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

HOLOCAUSTO CANIBAL
(interd. a men. 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

O ECLIPSE
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
O SÉTIMO SELO
24 h

LARANJA MECÂNICA
(interd. a men. 18 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30 h

PARA ALÉM DO PARAÍSO
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
OS VAGABUNDOS DE NOVA IORQUE
23.30 h

SALÓU OS 120 DIAS DE SODOMA
(interd. a men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

ROCCO E OS SEUS IRMÃOS
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

CAES DE PALHA
24 h

Restelo

— T. 610375

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
(para maiores de 12 anos)
15.00 e 21.00 h

Roma

— T. 889192

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

— T. 548560

KARATE EM GUERRA
(interd. a men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

SILKAWOOD — REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

DINER/ADEUS AMIGOS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

EXCALIBUR
(interd. a men. 13 anos)
14.30, 17, 19.15 e 21.45 h

Star

— T. 804210

PERVERSA SEDUÇÃO
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

POLICE ACADEMY 2 (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

— T. 706666

DOM CAMILO
(para maiores de 6 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

— T. 880808

POLICE ACADEMY 2 — (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
3.ª Semana

Xenon

— T. 368480

PESADELOS
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

NÉA — A ADOLESCENTE SENSUAL
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
BIG BOSS O IMPLACÁVEL 24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Refúgio», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro — «Bad Boys», às 21.30 (maiores de 16 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Os Comandos da Noite», às 15.30 e 21.30 (para maiores de 16 anos)

AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia 2 — A Primeira Missão», às 15.15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Superpatrulha», às 15 e 21.30 (maiores de 16 anos) — «A Vingança dos Irmãos Blue», às 24
SINTRA — Carlos Manuel — «Christiane F» às 21.30 (interd. a menores 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO — «Desaparecido em Combate», às 17 e 21.15 (maiores de 12 anos)
CINE-IMPALA — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 16 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «A Grande Família», às 24 h
SPORT ALGÉS E DAFUNDO — «Tom Horn, o Cowboy», às 21.30 (interd. a menores 18 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O Cônsul Honorário», às 15.30 e 21.30 (não acons. men. 13 anos) — «Os Grandes Aventureiros», às 24
ALMADA — Incível — «O Homem Leão», às 15.30 e 21.30 (maiores de 18 anos)

Porto

ÁGUIA DE OURO — «A Caixinha de Surpresas», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h (maiores de 6 anos)
BATALHA — «A Primeira Missão», às 14.15, 16.20 e 21.30h (maiores de 12 anos)
CHARLOT — «Solteiros e Tarados», às 15.15, 18.00 e 21.30h (maiores de 16 anos)
COLISEU — «A Vingança de Porky's», às 16.30, 18.00 e 21.30h (maiores de 12 anos)
FOCO — «Reacção em Cadeia», às 14.00 e 16.30h (maiores de 12 anos)
JÚLIO DINIZ — «Grande Paixão de Emy Wong», às 15.30 e 21.30h (interdito a menores de 18 anos)
LUMIERE — Sala A — «Brazil, o Outro Lado do Sonho», às 15.00, 17.45 e 21.30h (maiores de 16 anos) — «Testemunha de um Crime», às 15.15, 18.00 e 21.45h (maiores de 18 anos)
OLÍMPIA — «Dois Amigos em Apuros», às 14.15, 16.30 e 21.00h (não aconselhável a menores de 13 anos)
PASSOS MANUEL — «Reacção em Cadeia», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45h (maiores de 12 anos)
PEDRO CEM — «Música no Coração», às 15.00, 18.30 e 21.30h (maiores de 6 anos)
RIVOLI — «Sete Noivas para Sete Irmãos», às 15.00, 18.15 e 21.30h (maiores de 6 anos)
SALA BEBÉ — «O Baile», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.30h (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO — «Amanhecer Violento», às 15.30 e 21.00h (maiores de 16 anos)
STOP — Stop 1 — «A Corda», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores de 12 anos) — **Stop 2** — «Vingança de Porky's», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h (maiores de 12 anos)
TEATRO SÁ DA BANDEIRA — «Elas, Ele e o Sexo», às 12.30, 15.00, 17.00 e 19.00h (interdito a menores de 18 anos)



Liboa é sua
não deite lixo na rua

Lisboa — PERMANENTE
— **ALFAMA - ESCOLAS**
GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO:** Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE:** Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE:** Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA:** Cardote, Av. Visconde de Valmore, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU:** Frazão, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 847019); **BELEM - ALTINHO:** Gomes Sucursal, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS:** Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES:** Urbano Freitas, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS:** Lopes Cortez, R. Rui de Sousa, 65-A (T. 886565); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **TELEIRAS - QUINTA DE SÃO VICENTE:** Quejas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21; **BRANDOA - AMADORA:** Correia, Urbanização Alformelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS:** Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9910051); **PONTINHA:** Leitão Ribeiro, R. A do Fancão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALCANTARA: Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREIRO:** Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTACÃO - URUGUAI:** Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES:** Santos, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE:** Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPLIDE:** Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO:** Asencio, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA:** Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE:** Salutar, R. Conde Redondo, 9-B (T. 683694); **GRACA:** Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **SÃO SEBASTIÃO:** Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FELJO:** Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Alanca, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, Até às 19 horas; **AMORA:** Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **SEXAL:** Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Mo-

derma, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Higiene, R. Frei Agostinho da Cruz, 5 (T. 22408). Permanente; **TAVARES DA SILVA:** R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Fuzeta.** Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c cT. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmiro Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE:** Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOIEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADOURA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ES-TORIL:** Marques Santos, R. Ferreira, J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **Cavaca:** R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Mendonça, Apelação. Até às 19 horas; **CACÉM:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **MEM MARTINS:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Rionouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA:** Simões, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVEM:** Soares, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES:** Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.
Coimbra — LOPES RODRIGUES: R. Fernão Tomaz, ao Arco de Alameda (T. 22634); **FIGUEIREDO:** R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **MONTES CLAROS:** R. Dr. António José de Almeida, 69 (T. 25904); **LUSITANA:** Corujeira (T. 27420).

DE TEATROS

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 2.ª a sábado, às 20.30 e 22.45. Domingos também às 16h. Descanso às 4.ªs-feiras

«AGUENTA-TE, À BRONCA», original de Carlos Coelho, Júlio César e José Guimarães. Com Carlos Coelho, Delfina Cruz, Anita Guerreiro e Júlio César.

(16 anos)

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. (12 anos).

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45, domingos às 18.00

«SAVANNAH BAY», de Marguerite Duras. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Glicínia Quartim e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 22.00, sábados e domingos, às 17.00

O Grupo de Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fils «A NOITE E O MOMENTO». Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paula Bicho. Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.



Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo — Tel. 53 85 86

De terça-feira a sábado às 21.45, domingos às 16 e 21.45

«BOCAGE». Adaptação de Geir Campos, com Rúbens de Falco, Leira Krespi, Paulo Pinheiro e Sória de Paula.

Direcção de António de Cabo.

Memorial Bar

R. Gustavo de Matos Sequeira, 42-A — Tel. 66 88 91

Quartas e domingos, às 00.30

«CADA UM É COMO É», de Gonçalves Preto. Encenação de Álvaro Faria.

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

PALAVRAS CRUZADAS

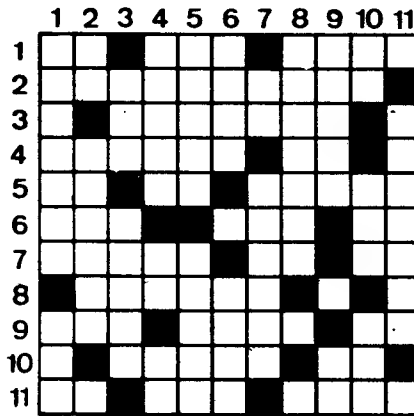
HORIZONTAIS:

- 1 Proposição. Ruim. Frutos dos cereais.
- 2 Atacaram.
- 3 Combinaras.
- 4 Tornar ditoso. Sódio (s.q.).
- 5 Pronome reflexo. Carta de jogar. Elegância.
- 6 Rema para trás. Madeira. Sufixo que designa estado.
- 7 Freguesia do concelho de Torres Novas. Em a. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 8 Com. da Itália, às margens do Alpone.
- 9 Hora canónica correspondente às quinze horas. Árvore de fibras têxteis de São Tomé. Prasiódio (s.q.).
- 10 Palavra latina que significa além. Míriare.
- 11 Alternativa. Artilharia anti-aérea. Patrões.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 506

VERTICAIS:



- 1 Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Recusa.
- 2 Pertences. Serra de Portugal.
- 3 Vai para fora. Cidade da Suíça.
- 4 Ilha principal do país de um pequeno arquipélago do Mediterrâneo, entre a Sicília e a África. Cento e um em romano (inv). Nota musical.
- 5 De outro modo. Cidade de Itália.
- 6 O mesmo que outar. Pequena constelação boreal.
- 7 Brisa. Deus indiano das letras, representado com uma cabeça de elefante.
- 8 Departamento da Nicarágua.
- 9 Tocar ao de leve. Milímetro.
- 10 Amónio (s.q.). Cabo do Nordeste da Tunísia, no mar Mediterrâneo. O sustento.
- 11 Aparecer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 505

HORIZONTAIS:

- 1 DE. NOITE. Fé.
- 2 Aloirairas.
- 3 Gas. Avá. Arc.
- 4 Or. Jaó.
- 5 Namíbia.
- 6 Maré. Apá.
- 7 Sirgo. Tar.
- 8 Cara. Arrá.
- 9 Dia. Atolado.
- 10 Obra. Ocaso.
- 11 Soares. Rosa.

VERTICAIS:

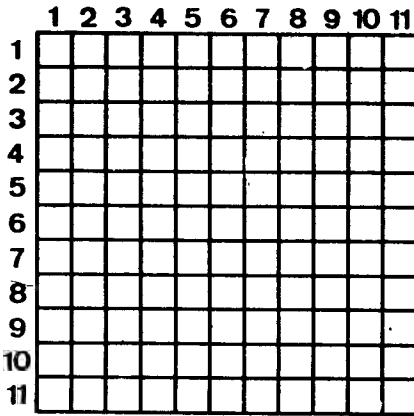
- 1 Dagon. TODOS.
- 2 Elaram. Ibo.
- 3 OS. Mascara.
- 4 Ni. Síria. Ar
- 5 Ora. Berra.
- 6 Vai. GATOS.
- 7 Trajano. Oc.
- 8 Ea. Alar.
- 9 SÃO. Atraso.
- 10 PARDOS.
- 11 Escamarão.

PROVÉRBIO: De noite todos os gatos são pardos.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 346

HORIZONTAIS:

- 1 Nome do Nilo azul na sua origem. Pescada moída (T. de Buarcos).
- 2 Besunta. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
- 3 Rénio (s.q.). Pessoa desprezível (fig.).
- 4 Prendeis com elos. Além.
- 5 Cidade de Portugal. Moer.
- 6 Pronome demonstrativo. Moeda de Dio.
- 7 Lançai o arpéu a. Fecha as asas para descer mais depressa.
- 8 Compaixão. Senhores. Reis.
- 9 Magnete natural. Personagem do Otel de Shakespeare.
- 10 Distrito da ex-Índia Portuguesa. Poente.
- 11 Aves trepadoras. Sufixo que designa abundância.



VERTICAIS:

- 1 Pesarosa.
- 2 Gavinhas. Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
- 3 Ouro (s.q.). Cidade das ilhas Baleares. Estima.
- 4 Convidara. Clima.
- 5 Esticado. Filtra.
- 6 Semeilhante. Duna na Suécia.
- 7 Grande padecimento.
- 8 Dai aviso de alguma coisa em voz alta. Fole.
- 9 Carta de jogar. Remoinhos de água (prov). Fluido aeriforme.
- 10 Mulo. Nota musical. Furioso.
- 11 Transferir para outro dia. Ósmio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 345

HORIZONTAIS:

- 1 Na. Namur. Má.
- 2 Afiar. Remam.
- 3 Brama. Riano.
- 4 Hora. Amial.
- 5 Az. An.
- 6 Ps. Aar. Ar.
- 7 Sa. Olten. Er.
- 8 Usada. Morto.
- 9 Atue. Pás. Si.
- 10 Ror. Par. Ivã.
- 11 Árabe. Artes.

VERTICAIS:

- 1 Nabha. Suara.
- 2 Afro. Pastor.
- 3 Iaras. Aura.
- 4 Namaz. Ode.
- 5 Ara. Ala. Pé.
- 6 Mat. Pá.
- 7 Urta. Remara.
- 8 Reina. Nós.
- 9 Maina. It.
- 10 Mana. Retive.
- 11 Amolo. Rosas.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;
17.00: Informação regional;
17.15: Musicomania; 19.00: In-
formação e música; 20.00: Musi-
cal; 20.15: Catequese semanal;
20.35: No estúdio e no estúdio;
21.00: Gazeta; 21.30: Noites de
lua; 23.30: Último jornal. Noti-
ciários de hora a hora.

Programa 2

16.00: «In Terra Pax», orató-
ria, de Frank Martin; 16.50:
«Regnava nel Silêncio», ária da
ópera «Lucia di Lamermoor», de
Donizetti; 17.00: Ciclo Beetho-
ven; 17.35: Música folclórica e
tradicional do Japão; 18.00: Uma
poesia; 18.05: «Motetos à Vir-
gem Maria», de Josquin Des-
pres; 18.40: Música de tecla;
19.00: Música, de Chopin;
19.20: Alfa e omega; 20.00:
Música de câmara; 20.40: A voz
de Roma; 21.00: Antologia dos
músicos portugueses; 22.30:
Edições portuguesas; 23.00:
Quinteto, n.º 9, em dó maior, de
Boccherini; 23.00: Intercâmbio
musical; 01.00: Fecho. Noticiá-
rios de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa;
17.00: Rápido das cinco; 19.00:
Caras e coroas; 20.00: Conta cor-
rente; 21.00: Musical; 22.15:
Programas religiosos; 22.30:
Tempo de desporto; 23.00: 24.
hora; 01.00: Passo a palavra;
02.00: No calor da noite. Noti-
ciários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som
da frente; 17.00: Pé-de-vento;
18.00: Círculo em FM; 19.00:
Em órbita; 20.00: Nova geração;
21.00: Jazzofone; 22.00: Símbolos
do tempo; 23.00: Ondas luis-
ianas; 02.00: No calor da noite.
Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Meia-tarde; 16.00: Rua
Capelo; 18.00: Jornal das re-
giões; 18.30: Transmissão do
terço; 19.30: Memorando;
20.00: Programa da LARR;
20.30: Do dia para a noite;
21.00: Horizonte; 22.00:
Quando o telefone toca; 22.30:
Diário do desporto; 23.00: Clube
dos colecionadores; 24.00: Som
de uma noite de Verão; 02.00:
Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estaminé do ritmo;
16.00: A cor do som; 18.00:
Entre-Campos; 19.30: Trans-
missão do terço; 20.00: Serra de
estrelas; 21.00: Vista alegre;
22.00: Oceano Pacífico; 24.00:
Último metro; 02.00: Estação de
serviço. Noticiários a todas as
horas.



Isa, uma das personagens da telenovela
«Louco Amor».

16.30 — Comemorações do VI Centenário da Batalha de Aljubarrota

A Batalha de Aljubarrota, travada em 14 de Agosto de 1385, foi inicialmente chamada de «batalha real», por os Exércitos serem comandados pelos dois soberanos: D. João I de Portugal e D. João I de Castela. Mas este nome acabou por cair em desuso, sendo substituído, mais tarde, pelo que se usa hoje. Uma das cerimónias comemorativas do 6.º aniversário da Batalha de Aljubarrota é a reconstrução simbólica deste conflito armado no campo de S. Jorge, tendo como protagonistas militares da Região Militar Centro. Uma manifestação da responsabilidade da Comissão Executiva das Comemorações composta, entre outras individualidades, pelo general Themudo Barata e o tenente-coronel Florindo de Moraes. Produção de Nuno Figueira e realização de Ruy Ferrão.

18.00 — Tempo dos Mais Novos

«Enquanto é tempo» e «Yakari-A Serpente».

18.35 — Notícias

18.55 — Trânsito

As estradas Porto-Valença e Porto-Vila Real são o tema central do programa.

18.25 — Telemundo

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Direito de Antena

Tempo dedicado ao Partido Social Democrata e à Associação Industrial de Águeda.

20.35 — Louco Amor

(Episódio n.º 29): Patrícia procura Márcio na discoteca de Filipe e procura fazê-lo cair em contradição em relação a Renata e Agenor. Filipe confessa a Cláudia que já está farto de ser dono de uma discoteca. Márcio continua a insistir com Patrícia para que ela case com ele, embora saiba que ela ama Luís Carlos. Denise ensina Luís Carlos a comer caracóis, pois Renata escolheu este prato para provar a Patrícia que ele não pertence ao

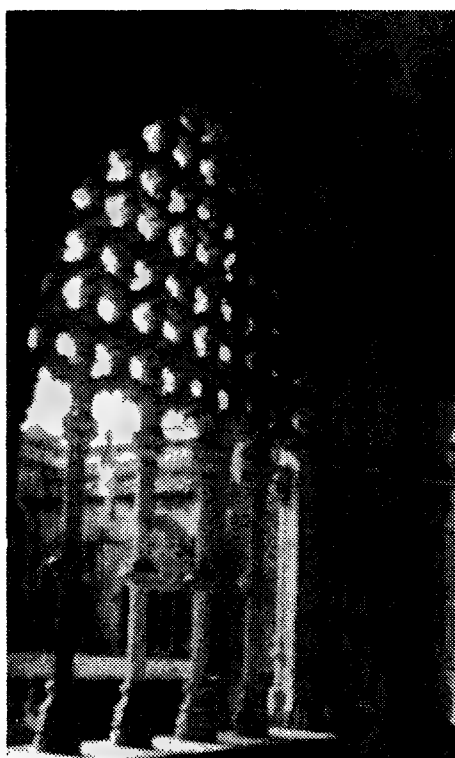
mesmo meio social que ela. Renata ficou furiosa quando vê que a sua armadilha não resultou e para o humilhar obriga-o a ir à cozinha dizer à mãe que o prato estava demasiado salgado.

21.40 — Comemorações do VI Centenário da Batalha de Aljubarrota

«1383 — onde a guerra acaba: 1985 — onde a esperança começa». Depois da morte de D. Fernando, a sua filha única, D. Beatriz, foi proclamada herdeira do trono, mas imediatamente surgiu resistência contra ela, sobretudo, por ser casada com o rei de Castela. Embora no contrato nupcial estivesse especificado que D. João I de Castela não seria rei de Portugal, receava-se que essa cláusula não fosse cumprida. Este monarca, sob o pretexto de fazer respeitar os direitos de sua mulher, invadiu Portugal com um pequeno Exército, que foi sucessivamente reforçado, e muitas localidades declararam-se a seu favor. Depois de vários meses de movimentações, os dois Exércitos defrontaram-se a 14 de Agosto de 1385, perto da aldeia de Aljubarrota. Apesar da desproporção numérica (7000 homens do lado português contra 17 000 inimigos), o Exército português infligiu uma rápida derrota aos castelhanos, graças à sua disposição táctica. Hoje, passados 600 anos, esta batalha tem sido comemorada através de algumas manifestações, como a que se realiza esta noite no átrio do Mosteiro da Batalha.

00.40 — Volta a Portugal em Bicicleta

01.00 — Último Jornal



«Comemorações do VI Centenário da Batalha de Aljubarrota», na RTP 1.



Os Trovante preenchem o «Espaço Musical» de hoje, na RTP 2.



19.30 — Desenhos Animados

«As Misteriosas Cidades de Ouro».

20.00 — Bloco Musical com «Os Trovante»

20.15 — A Arte e as Coisas

(2.º programa): «Personagens Revisitadas». Realização de José Elyseu

20.45 — O Mundo em Extinção

«Mongólia» (2.ª parte): Com o documentário de hoje completa-se a viagem a esta terra distante onde ainda hoje sobrevivem velhas tradições. A Mongólia constitui um dos melhores exemplos do mundo, sobre a transformação de um povo primitivo num moderno estado socialista. Hoje em dia, cerca de um quarto da população vive na capital, Ulan Bator, onde filhos de pastores são empregados de fábricas, mineiros, professores de jardins infantis e de faculdades. Mas, apesar de tudo, as tradições ainda são conservadas. Anualmente em Julho, a nação celebra o «Nadam» — o aniversário tradicional da revolução, com corridas de cavalos, luta e lançamento de arco. E, no início do ano, os pastores celebram o começo de um novo ano lunar da forma mais tradicional. Produção e realização de Brain Moser.

21.40 — Itinerários Artísticos

«De Metz a Lião».

22.30 — Jornal da Noite

Amanhã

RTP-1

18.00 — Tempo dos mais Novos

18.35 — Notícias

18.50 — Programa da Direcção de Informação

19.20 — Pequenas e Médias Empresas

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

21.15 — Informação Especial

22.15 — A Bela Otero

23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta

23.30 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados

20.00 — Conheça Melhor

20.30 — O Misterioso Dr. Cornélius

21.30 — Da Música

22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

VOCÊ TEM UM PROBLEMA DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa de terapeutas especializados na recuperação integral de alcoólicos. Inscrições limitadas.

Contacte-nos já: **ALCOÓLICOS ANÓNIMOS**

Travessa do Corpo Santo, 32
1200 LISBOA
Telefone 896211

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



20.35
Louco Amor



20.30
O Mundo em Extinção

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



20.35 — «Louco Amor»



TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:			
BRAGANÇA	13°		
VIANA DO CASTELO	18°		
VILA REAL	14°		
PORTO	17°		
COIMBRA	16°		
CABO CARVOEIRO	18°		
CASTELO BRANCO	16°		
PORTALEGRE	16°		
LISBOA	19°		
ÉVORA	16°		
BEJA	15°		
FARO	20°		
SAGRES	17°		
PONTA DELGADA	16°		
FUNCHAL	22°		

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Neblina matinal.

DOPA: saiu em liberdade funcionária judicial

Lúcia Moreira, funcionária do 3.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa, detida no passado dia 25 de Julho pela Polícia Judiciária, por suspeita de envolvimento no processo da DOPA, foi ontem à noite posta em liberdade, apurou o "DL" junto de fonte próxima do processo. A detenção de Lúcia Moreira tinha sido ordenada pelo Ministério Público com base em «suspeitas de corrupção», tendo a filha de Joaquim Queirós de Andrada, o «patrão» da DOPA, acusado a funcionária de haver pedido e obtido seis mil contos destinados à libertação de seu pai. De acordo com a filha do principal responsável da Empresa de Dragagens e Obras Públicas Lda, a verba destinava-se, no todo ou em parte, ao magistrado do 3.º Juízo de Instrução Criminal, dr. Verdasca Garcia, instrutor do processo e, portanto, o único habilitado a autorizar essa libertação.

Teresa Queirós de Andrada terá confidenciado estes alegados factos a funcionários da Polícia Judiciária, tendo solicitado imunidade no caso de formalizar uma denúncia espontânea contra Lúcia Moreira. Recordar-se que, confrontado com a acusação, dr. Verdasca Garcia considerou as declarações de Maria Teresa Queirós de Andrada «falsas e caluniosas», ao passo que fontes policiais manifestaram a convicção de que a versão da filha do patrão da DOPA, que se evadiu a 9 de Julho durante uma consulta médica no Hospital de Santa Maria, era uma montagem para desacreditar, em retaliação, o magistrado que desmantelou a organização.

De acordo com fontes da investigação, a Empresa de Dragagens e Obras Públicas, que teria um rendimento mensal de 14 mil contos, terá «passado» para o Trade Development Bank, na Suíça, cerca de meio milhão de contos em dólares. Por outro lado, como o "DL" divulgou oportunamente, tudo leva a crer que Joaquim Queirós de Andrada se encontra no Brasil, onde é um dos principais accionistas de uma instituição bancária.

Três são detidos do caso "FP-25"

FUP apresenta candidatos em sete círculos

Três elementos acusados de pertencerem às FP-25 são candidatos a deputados da FUP. Mouta Liz, membro da Comissão de Trabalhadores do Banco de Portugal é acusado de ser o tesoureiro daquela organização terrorista, é cabeça de lista no distrito de Lisboa. César Escumalha e Joaquim Dias Lourenço, outros dois detidos são cabeças de lista em Beja e em Setúbal.

No Porto a lista da FUP é encabeçada por Maria Gonçalves, em Évora por Manuel Calado, em Leiria por Vítor Sousa e em Braga por Carlos Nunes.

De acordo com a legislação em vigor, não há nenhum impedimento para que um detido em situação de prisão preventiva — é o caso dos elementos acusados de pertencerem às FP-25 — possa candidatar-se a deputado. Muito provavelmente estes candidatos não poderão, no entanto, exercer o direito de voto, já que este tem sido sistematicamente recusado pelas autoridades prisionais por não terem capacidade logística para o assegurar a todos os detidos nas cadeias portuguesas.

No total, a FUP apresenta 160 candidatos a deputados.

Augusto Cabrita ainda em perigo de vida

Augusto Cabrita continuava ao fim desta manhã em perigo de vida na Unidade de Cuidados Intensivos do Hospital da CUF, onde conforme noticiámos na nossa edição de ontem, foi operado a um abcesso intestinal. Colaborador da RTP desde 1956, como operador de cinema, Augusto Cabrita, de 63 anos, natural e residente no Barreiro, já foi galardoado com vários prémios nacionais e internacionais de fotografia.



SOARES LOURO, em entrevista hoje publicada na revista da Casa do Pessoal da Radiotelevisão Portuguesa considera que «a nossa televisão não é tão má como a pintam». Segundo o antigo presidente do Conselho de Gerência da RTP «ao contrário do que muita gente pensa não estamos na cauda da Europa no tocante ao serviço nacional de televisão e rádio». No entanto, Soares Louro assinala que, no sector de informação, a televisão portuguesa está atrasada, «situação que se vem agravando desde que foi abandonado o esforço iniciado em 1979-80 com a formação».

FREITAS DO AMARAL visitará em breve o Brasil, Estados Unidos e Canadá, segundo anunciou o seu gabinete de apoio. Aquele candidato às eleições Presidenciais estará no próximo dia 18 no Rio de Janeiro onde se deslocará a convite do cônsul-geral português, estando previsto um jantar com representantes da Federação das Associações Portuguesas e luso-brasileiras. Quanto às deslocações aos Estados Unidos e Canadá, estas visitas realizam-se a convite das comunidades portuguesas radicadas naqueles países, e têm a

data marcada para o próximo dia 6 de Setembro.

TONY DE MATOS reaparecerá no próximo mês de Outubro num concerto do Rivoli, no Porto, depois de há uma semana ter sido atropelado por uma moto em Portimão, o que o obriga a estar retido em casa. O acidente ocorreu no passado dia 3 de Agosto, e o cantor de temas românticos sofreu duas fracturas na bacia, queimaduras num braço e numa perna e deslocação de uma rótula, o suficiente para ficar um mês em recuperação. Alternando o repouso entre a cama e uma cadeira de rodas, Tony de Matos entretem-se a ouvir cassetes, ver televisão e a idealizar o espectáculo do Porto.

LECH WALESA, dirigente do ilegalizado sindicato «Solidariedade» endereçou ao bispo sul-africano e Prémio Nobel da Paz, Desmond Tutu, uma mensagem em que condena o aumento da violência política causada pelo «apartheid» na África do Sul. «Como Prémio Nobel da Paz e presidente do «Solidariedade» sou solidário com o combate de Vossa Excelência pelos direitos humanos da população negra da África do

Sul», diz, nomeadamente, a mensagem endereçada por Walesa.

MADONNA, a célebre cantora norte-americana, tem casamento à vista com o actor Sean Penn. Segundo confidenciaram amigos de Madonna, foi ontem pedido uma licença de casamento sem data num tribunal de Los Angeles. Embora o documento seja válido por três meses, o casamento vai realizar-se já na próxima sexta-feira em Beverly Hills.

VENCESLAU FERNANDES: o «velho» e simpático «Lau» do desporto do pedal, líder do «tour» lusitano quando esta manhã os heróis da estrada saíram de Macedo de Cavaleiros para trepar a Senhora da Graça é um caso raro de fibra, de vigor atlético e de humildade. Ontem, Marco furou e o Lau não atacou. «Nunca ataquei ciclistas caídos». Sobre a colaboração dos seus companheiros de turma: «sei que lhes estou a pedir demasiado». Outra afirmação que lhe define o carácter: «se hoje tivesse perdido para o Manuel Cunha, era com certo regozijo que o via de amarelo». Exemplar sem dúvida.

Lei das Rendas

Continuação da pag. 1

Presidência da República a lei «ainda está em apreciação», esperando-se que o Presidente se debruce sobre a questão no seu regresso de Aljubarrota, onde preside às comemorações dos cinco séculos da vitória do Condestável.

Se a decisão presidencial for favorável à iniciativa governamental o diploma seguirá para publicação no «Diário da República» e entrará em vigor imediatamente, no que se refere aos contratos de arrendamento mais recentes.

Quanto às rendas antigas, as disposições da lei só terão aplicação após a saída das normas relativas à atribuição de subsídios de habitação às famílias mais carentes. Os apoios a conceder pelo Estado a essas famílias estão presentemente a ser estudados por uma comissão interministerial, que dispõe de 60 dias, a partir de 25 de Julho, para apresentar as suas propostas ao Governo.

O texto da lei, recorde-se, fixa em 60 dias o prazo para a regulamentação. O ministro do Equipamento Social declarou porém em 11 de Julho, que a aplicação do diploma no que concerne às rendas mais antigas só terá lugar em Janeiro de 1986.

Caso o Presidente opte hoje pela não promulgação, a Assembleia da República terá de voltar a abordar o assunto.

Vários juristas ouvidos esta manhã pelo «DL» consideraram que, nesse caso, a Assembleia a eleger em 6 de Outubro apenas teria que confirmar a Lei aprovada no mês passado. Outros admitiram no entanto o carácter controverso da situação, sugerindo que talvez o Governo tivesse que apresentar uma nova proposta de lei ao Parlamento.

O problema reside no facto de a Constituição estipular a caducidade de todos os projectos propostos de lei em análise na AR aquando da sua dissolução ou do termo da legislatura. Tratando-se de um diploma já aprovado e a aguardar promulgação a resposta «não é tão evidente e pode ser controversa», disse ao «DL» uma fonte parlamentar.

DL

Por ser feriado, amanhã, dia 15 de Agosto, estão encerrados todos os serviços da Renascença Gráfica e não se publica o «Diário de Lisboa».

UM CONTO DE NATAL

No juízo de Deus

Aquilino Ribeiro

SU vulto esguio e ágil, menos que fumo, pouco mais que sombra, deslizava na rasa e interminável planura. Essa planura, com a nudez impressionante do campo debaixo de neve ou dum deserto como o Sara, nem opaca nem fulgida, imune à media do tempo e até às dimensões do espaço, era o bulvar por onde passavam os mortos que se dirigiam à Corte Celeste. Embora sem trilho nem marcos, lá iam todo, sem hesitar, obrigados por sua irremissível condição a comparecer no tribunal divino. Por ele fora, tampouco se palpitava vislumbre da Terra, mesmo vago, mesmo mais remoto que o rescedor que fica preso às cinzas dum ramo que foi viçoso e aromático.

O vulto fugidio deslizava com uma rapidez de que apenas se podia formular a noção pelo simile das leis que regulam no éter a marcha das esferas. Que figuração híbrida, nem homem nem espírito, nem corpo nem alma, era aquela? Frei António, de Lisboa, a quem chegara a vez de se apresentar à justiça de Deus.

Coitado do réu, reflectido em nossa pupila terrenal, dava ideia dum raio do sol poente no instantinho mesmo de se extinguir. Tiritava, e tudo nele era tremor, um tremor comparável ao da superfície do lado que se bateu com uma vergasta.

Mas, amachucado, ia avançando, enquanto adiante, no longínquo horizonte, aumentava mais e mais, até se perfilar em sua incomportável grandeza, qualquer coisa que parecia ao mesmo tempo esbelta e simétrica como o pórtico dum templo e alterosa como uma cordilheira. Essa coisa mostrava-se possuída duma vibração molecular que não era mais que a ebulliente luminosidade das suas muralhas. Eram de ouro virgem, mármore a palpitir como carne viva, ou que estranha luz animava sua fantástica substância?!

Frei António, ao passo que ia circunvagando olhos atarantados, reparava que dos umbrais destacavam sombras, muitas sombras, todas elas de fino recorte, lestas e harmoniosas como as notas dum lai cantado por um menestrel. Brancas, diáfanas, voláteis, não podiam deixar de ser vertebradas em vista da sua perenidade de linhas, Frei António não sabia que mais admirar se a portada rútila, se as sombras que ilustravam o parvis. Curiosas eram elas, posto que tão irreais como só sonha-

das. Sobretudo, figuravam-se-lhe contraditórias, pois que apenas tinham de forma o que basta para se não diluírem no ar. Ah, mas de quando em quando desprendia-se delas um reflexo luminoso, mais fátuo do que numa seara madura o lampejo das paveias, sacudidas em seus prismas pela lançada do vento. Só por isso dava conta de que tais sombras se moviam fazendo-o com lúbrica vertigem, pelo menos Frei António o conjecturava. Sim, moviam-se e, crescendo para ele, lembravam-lhe um enxame de grandes borboletas de asas prateadas na reverberação da luz.

À medida que se acercavam, Frei António cria reconhecer, sob seus divinos traços, feições que lhe haviam sido familiares no Vale de Lágrimas. Ora espera...! Aquele não era Frei Felipe, o insubstituível companheiro?... Ah, e como se parecia aqueloutro, alto, fluído e hierático, com o grande padre S. Francisco! Com certeza que eis ali a que fora a D. Maria Teresa, a boa senhora sua mãe; os dois

irmãos Viegas, ceifados pela peste grande; o físico moiro Aben-Jacob, que estava a ver em Coimbra com a barreta escarlata no coruto da cabeça; D. Afonso II, de rosto tumefacto pela lepra, espécie de lua cheia arruivada por uma nuvem de fogo. Eram esses e tantos outros que haviam expirado antes dele e que agora, com a mais confusa surpresa, encontrava no átrio do Paraíso.

Frei Felipe, seu fámulo, jogral encartado ao serviço da santa alegria, foi o primeiro a chegar ao pé dele. Que efusões e transportes de ternura! Do coração, que notou ditoso como sempre, irradiava o mesmo sorriso, amplo e benigno:

— Salve, Frei António! Salve, meu Sant'Antoninho! Sempre acabaste por chegar do triste fragoedo que é a Terra...! Nós cá no Céu não no cansávamos de repetir: Virá hoje? Virá amanhã?

Frei António soltou, então, um suspiro que, ele próprio, não saberia dizer se era opressão se desafogo. Estava em dizer que o

bulvar dos mortos, que percorreria mais rápido que a seta despedida contra uma ave, o tinha fatigado, varrido, como era, por lufadas densas de eternidade. Entretanto, Frei Filipe bichanou-lhe ao ouvido, que já os outros bem-aventurados estavam perto:

— Quereis saber...? O vosso lugar já está marcado. Mostrou-mo S. Pedro. Não há melhor. Ficais tão pertinho do Senhor, que não precisais de erguer a voz para falar com Ele. Eu cá, estou mais atrás... bastante mais atrás. Mas, verdade, também não me acho nada mal...

— O quê? O meu lugar é melhor do que o teu... Pode lá ser, irmãozinho, esteio dos aflitos, meu roxinol das estradas?! Pode lá ser!

— Pode, pois então não pode! Ainda mais longe do que eu, ficam certos papas e monarcas. Já ides ver. Primeiro quem está primeiro. Mas dizei-me cá: grande demora foi essa...? A vossa saúde parecia tão débil...?!

— É verdade, é verdade, mas tratei-me. Tratei-me. Ninguém quer morrer, amigo...

— Assim será. Mas que é que vos prendia à Terra?

— Nem sei! Tavez os barba-netes da própria pouquidade, Filipe. Aos refartos, aos satisfeitos, não lhes custa o trespassse.

— Não dei conta...

— Nem admira. Passaste, porventura, de alma simples, incompleta à face das ambições que trabalham o homem, qualquer homem? Sim, duma alma rude e sem mescla como o pássaro que nasce e morre para cantar. Mas dizei-me cá, irmão Filipe, estou então no Outro Mundo? É isto o Outro Mundo...?

— É isto o Outro Mundo. Cá vos temos e já não há cirurgião que vos valha! Custa saltar as alpoldras, custa, mas estou persuadido que, se não fosse a Parca, valia a pena inventar qualquer artifício para, a certa altura da idade, libertar-se uma alma da carga de ossos.

— Aliviar-se, irmão Filipe, aliviar-se. Libertar-se não é cristão.

— Morreu-se, acabou-se. Não se tem frio, não se tem sede, não se tem fome, sobretudo, oh, sobretudo, um homem não sabe mais o que seja essa cocceira feroz e hedionda, mais mordente que todas as sarnas, o apetite da fêmea.

— Também foste tocado, meu bom Filipe...?

S. Francisco veio interromper



Caricatura feita pelo desenhador galego Álvaro Cebreiro em 1929

o breve colóquio com a sua saudação:

— Viva o meu bispo!

Perante a personagem mirífica prostrou-se até ao chão, Frei António, vergado de respeito:

— Beijo-vos os pés, meu padre.

— A nossa Ordem?

— Como náu em mar proceloso. Lá vai vogando sempre...

— E a santa pobreza?...

— Bastante desacreditada.

Anda vestida de sedas e brocados, mas é certo que, mesmo assim, não deixa de obrar os seus prodígios...

Frei António proferiu estas vozes tomado de exaltação. A atmosfera celeste era capitolosa como o melhor vinho velho. Asseguravam-lhe que pertencia ao número dos eleitos. Bem era, todavia, não estava livre de comparecer diante do terrível pretório. Que se ia passar? Temeroso, oscilante, uma força misteriosa e invencível impeli-o, entretanto, através do vestibulo esplêndido. Agora, era a família, os seus, que acorriam jubilosos a dar-lhe as boas-vindas, se bem que a saudade não fosse planta do clima celestial. Sua mão cobria-o de afagos, e, ao seu sopro, o tremor que o invadira parecia ceder como antigamente a coca que vinha agarrá-lo no berço com mãos membranosas e um corpo negro que chegava às estrelas.

Frei Filipe deu conta do transe por que passava o seu padre e exortou-o: o tribunal de Deus, para ele, não passaria duma brincadeira. Uma mera formalidade, como tinha a monomania de dizer S. Lucas, que abrisse, num burgo de Cesarea, banca de advogado. Às vezes,

os juízes mostravam-se severos, sim, mas lá em equidade não se comparavam com os colegas da Terra. A ele, tinham-lhe posto uns quesitos de cacaracá e, roda, passaram-lhe logo o solvo-conduto, ali cidadão celeste como um malho. Eram inclementes, duros mesmo, sabia com quem? Com os presumidos, os orgulhosos, os tiranos, os déspotas e os sábios enfatuados. Além disso, com os hipócritas e beatos falsos. De que-jandos estava o Inferno cheio. E queria saber, o valente Portugal fornecia boa dose. É verdade. Estes e os usurários, chegados às rabanadas de França e de Itália, eram dos tais que, para entrarem no reino dos Céus, haviam primeiro os camelos de passar no buraco das agulhas.

— E quem vos garante que, um dia, não venham a passar, Filipe?... A inventiva dos homens não tem limites.

— Deixá-lo! Já cá estamos. Merecemo-lo. Não fizemos cera na vinha do Senhor.

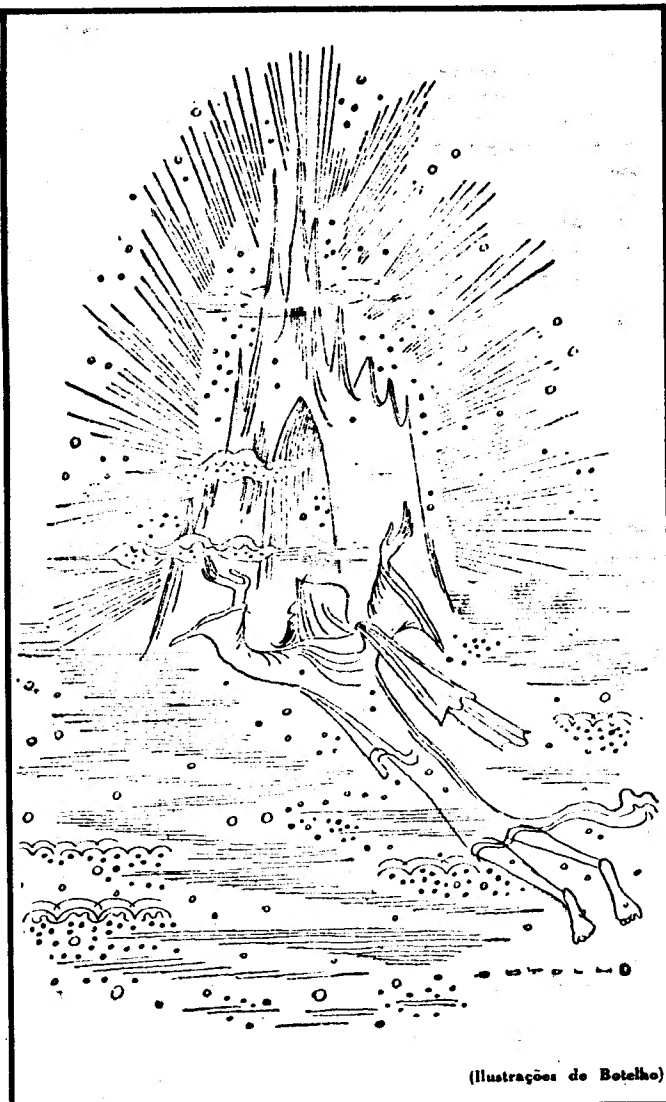
— Sim, não seria roubado na fêria que nos pagou...

— O sestécio era de calcular...

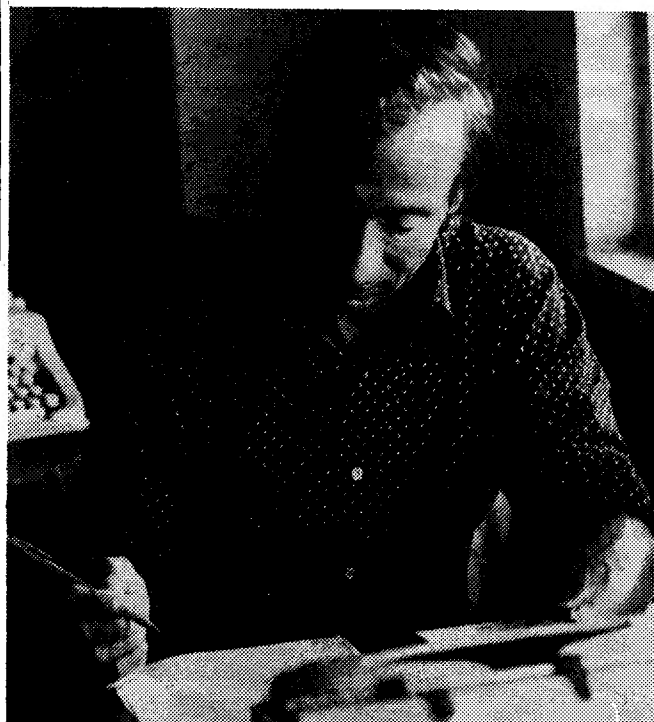
— Presunção!

— Ora, ora! Algumas vezes vos ouvi: «Filipe, tu és a água que canta nas fontes; que se entorna pelas ribanceiras; que vai onde não é chamada, sem saber para onde vai. Numa palavra, tu representas tudo o que há de virtual na água, a casta soror: sua música, sua formosura, sua limpidez e saúde. Eu, reflecte um pouco, sou outra coisa. Mais, menos, não sei. Sou o espírito da linfa; a sua ácie; o seu poder de matar a sede; talvez, ainda, a sua brancura de

Continua na pág. 3



(Ilustração de Botelho)



'Mayombe' e a condição humana

Urbano Tavares Rodrigues

A revolução, o amor, o sentido da existência são três das grandes linhas temáticas que se recenseiam no romance de Pepetela «Mayombe», cujo grande vector é, sem dúvida, a guerra de libertação. Comparar este romance com **La Condition Humaine** (e também com **L'Espoir**), de André Malraux, pareceu-nos tarefa produtiva, pelas múltiplas analogias que se detectam entre o texto angolano e os dois livros franceses. Sem pretendermos falar concretamente em influência directa, há reminiscências semiolvidadas, ideias, palavras, cenas esparsas na memória de uma geração, que formam um sedimento cultural capaz de atravessar o tecido permeável da imaginação fabuladora. (1)

O grupo revolucionário de **La Condition Humaine**, constituído por Kyo, Katow, Tchen, Hemmelrich, Souen, Pei, Lou-You-Shouen e outros tem um cunho mais acentuadamente heteróclito do que o «comano» de guerrilheiros da Base. No entanto, há também entre estes diversidades étnicas que a esperança comum não logra apagar, mas se resolvem na acção. Entre Kikongos, Kimbundos e Cabindas e o mulato Teoria há dúvidas, suspeitos, animosidades que afloram a todo o passo e se desfazem quando os homens se superam no sofrimento e na luta (as dores no joelho que Teoria vence, o heroísmo de Lutamos, o constante desafio à morte de Sem Medo). Este poderia ser um branco do MPLA. Não o é no romance. Mas, tal como Kyo Gisors, filho de um francês e de uma japonesa, nascido na China e todavia impregnado de cultura ocidental, Sem Medo é um mestiço cultural. Estudou na Europa, tem amigos europeus, intelectuais. Reflete como Kyo sobre a existência, sobre a transformação do mundo. Mostra-se, na antevisão do futuro, mais angustiado, nascido cedo de mais, com dificuldade em aceitar a fase de transição entre a guerra libertadora e a sociedade socialista. A sua relação com os burocratas, metonimicamente ex-

tensível às dificuldades entre operacionais e políticos, resulta difícil. Há diferenças evidentemente profundas entre o diálogo de Kyo e Vologuine e o de Sem Medo e André. Mas, ainda que num lado se trate de divergências na avaliação política e militar de uma situação, no outro de oportunismo e corrupção, verifica-se uma constante: há divergências de natureza idiosincrática e vivencial entre o funcionário que politicamente planeia e o revolucionário que executa.

Sem Medo é, de resto (e nesse aspecto excede Kyo), um intelectual lançado na acção, mas visceralmente contrário ao esquematismo, ao dogmatismo que se manifesta atirando rótulos para a frente e fugindo à análise profunda dos factos. Por isso, o jovem Mundo Novo (todos os guerrilheiros têm alcunhas) lhe fala no seu «liberalismo». Todavia, é o mesmo Sem Medo quem o inicia para Responsável em Dolisie. Sem Medo deseja ardentemente a vitória sobre os portugueses e o triunfo da Revolução. Só que o burocratismo o aflige. É assim que ele diz a Mundo Novo:

«Tu és o tipo do aparelho, um dos que vai instalar o Partido único e onnipotente em Angola. Eu sou o tipo que nunca poderia pertencer ao aparelho. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra. Mas o meu objectivo é o mesmo que o teu. E sei que, para atingir o meu objectivo, é necessária uma fase intermédia. Por isso, acho que fiz bem em apoiar o teu nome. Um dia, em Angola, já não haverá necessidade de aparelhos rígidos, é esse o meu objectivo. Mas não chegarei até lá.» (2)

A grandeza de **Mayombe** vem-lhe não só do modo como representa a ideologia vivida mas porque exprime, em toda a sua latitude, a condição humana. Teoria, casualmente ferido num joelho, teima em prosseguir na operação de guerra. O Comissário é contra essa operação. Sem Medo, porém, compreende-o:

«...Há vezes em que um homem precisa de sofrer, precisa de saber que está a sofrer e precisa de ultrapassar o sofrimento. Para quê?, porquê? Às vezes, por nada. Outras vezes, por muitas coisas que não sabe, não pode ou não quer explicar. Teoria sabe e pode explicar. Mas não quer, e acho que nisso ele tem razão.» (3)

A superação da dor é também recenseável em **La Condition Humaine**. May afirma, no seu último diálogo com Gisors: «Il n'y a pas de dignité qui ne se fonde sur la douleur» (4). Katow, ao dar a sua dose de cianeto aos dois jovens chineses feridos e destinados, como ele, a serem queimados vivos, experimenta a fraternidade absoluta, traduzida fisicamente apenas na pressão da mão que aperta a sua, Kyo, antes de se envenenar, faz o rápido balanço da sua existência, constata que a sua vida teve um sentido e ficará gravada na História: «Il aurait combattu pour ce qui, de son temps, aurait été chargé du sens le plus fort et du plus grand espoir; il mourait parmi ceux avec qui il aurait voulu vivre; il mourait, comme chacun de ces hommes couchés, pour avoir donné un sens à sa vie. Qu'eût valu une vie pour laquelle il n'eût pas accepté de mourir?» (5). Contudo, Kyo não é um revolucionário simples. Tchen está ligado ao atentado, à morte, Katow à Revolução, May ao amor, Gisors ao ópio. Kyo por vezes desconhece-se, como ao som da sua voz num disco, procura-se na acção. Ainda que o seu referente histórico possa ser Chu-en-Lai (igualmente de cultura francesa), é com Malraux que a personagem se identifica no culto da energia, na aliança do pensamento e da prática, no desejo de viver em plenitude o seu tempo. As diversas perspectivas, quer do espaço narrativo quer da própria guerra e da participação que cada qual nela tem, das razões pelas quais se bate, dá-no-las Pepetela didacticamente através do

anúncio que antecede os capítulos: «Eu, o narrador, sou...» É no **Espoir**, de Malraux, que encontramos certa afinidade de processos; à voz do narrador misturam-se as vozes das personagens-reflectores, as que são centros de consciência, portadores da visão. Magnin, Garcia, Manuel, Hernández, Scali, Ximénez, Alvear são tão diferentes entre si como são o Comissário, o Comandante, Teoria, o Chefe de Operações, Milagre, Muatiãnvua, Mundo Novo, Ekui-kui, Pangu Akitina. Só que estes espanhóis, franceses, italianos que defendem a República e reflectem sobre a Revolução são quase todos intelectuais, enquanto os militares do MPLA são na maioria simples soldados. A cólera do oprimido que alguns sentem só tem paralelo na fúria de Tchen.

A guerra colonial em Angola teve, no que concerne aos comandos do MPLA, características particulares, diferentes de uma guerra civil ou de uma insurreição revolucionária. Portugal, o País colonizador, vivia sob uma ditadura fascista e os seus soldados ou combatiam a contragosto ou imersos numa total alienação. Sem Medo, na pausa duma operação militar, pensa «O soldado inimigo pode mesmo estar em contradição com a causa que é forçado a defender. O combatente revolucionário sabe disso; pode mesmo pensar que aquele inimigo é um bom camponês ou um são operário, útil e combativo noutras circunstâncias, mas que está aqui envenenado por preconceitos, supercondicionado pela classe dirigente para matar. O revolucionário tem de fazer um compromisso entre o ódio abstracto ao inimigo e a simpatia que o inimigo indivíduo lhe possa inspirar. Por isso esta guerra é mais dura, pois mais humana (e, portanto mais desumana).» (6)

Pepetela, afecto à literatura francesa, leu certamente Ro-

Persa

PORQUE é que Narciso é também Goldmund? — andrógino cavaleiro de espuma Rei de espelho de fumo — Poderá existir algum corpo que apenas gire em torno de si mesmo? o movimento é sempre múltiplo ainda que alimentado por celtas e fenícios que fundearam capitais arrasadas por constelações de marfim ou os jogos herméticos encerram em si os dois princípios e descreem do movimento?

Os antigos feiticeiros rasgados por inscrições d'osso conceberam o movimento realizado como príncipe da legenda, ou seja, os elementos eram coalhados pelas memórias e pelos fluidos que dançavam os pés em pistas de fogo — outros visionários esqueceram os músculos e fizeram das pedras os zimbórios das suas capitais; a palavra dupla que melhor se adapta ao véu dos antepassados é **alquimia**.

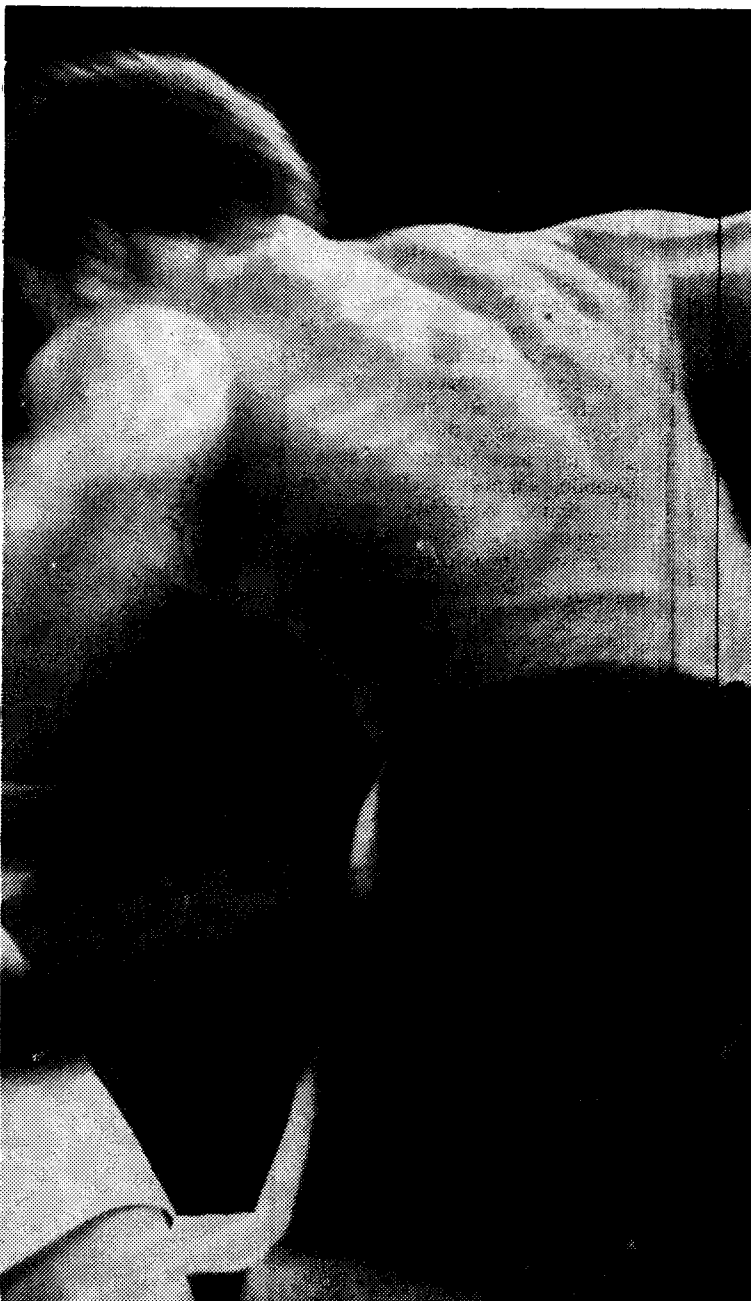
O fascínio dos mitos animais — por ex. lebres e marinheiros urarianos — foi substituído pela complexidade numérica que numa definitiva visão fende todos os limites e enrolada sobre si própria engole os incalculáveis números até ao infinito.

Facilmente se pode imaginar um sandeu a entretecer cuidado-

samente em interstícios milimétricos volumes que a nossa fraca natureza julga impossíveis de se traçarem nas ligas fixas. Os meridianos magnéticos que sustêm o movimento do nosso planeta se fossem substituídos por outros quaisquer — à excepção dos da lua — capacitariam a nossa pedra numa sucessão ilimitada que se instalaria nos níveis da nossa inconsciência. Existe apenas um ponto — ao contrário do que se tem pretendido demonstrar (contos de Borges, física quântica) — em que os universos são plurais; esse ponto matemático também preocupação dos metafísicos não constitui obstáculo à percepção das crianças quando desligadas da ilusão do pensamento.

No ópio no mal na cabala e na tragédia bem como nas imagens de deuses pífidos emplumados por serpentes o ritmo é o vazio e as mãos brancas geladas por estrelas ácidas ignoram esse ponto e buscam incessante e loucamente a fuga à imposição desse limite como fundamento dos desígnios humanos.

Nesse sentido anti-humano ou zoroástrico **tempo e aleph** que seriam idênticos e avatares das escamas de crocodilos em pontos brilhantes de caudas de



Continua na pág. 4

L. Miranda

peixes estariam sempre a refazer a idade da linguagem com a falência inata dos símbolos que são a condição primeira para a sua realização.

Numa exposição rosa-cru-ciana do século XIX em que estavam presentes **Cisne, Satie e Moreau** foi traçado o horóscopo da quinta esfera do nosso corpo — epitáfio desse viandante: Goldmund abraçou Narciso e morreu nos tópicos lagos arfim.

A geometria que conservou as fortes fronteiras dos números a partir do futuro concebeu uma figura que aglutinou em plenitude toda a tradição esotérica do saber cardinal — assim a espiral seria no lado rígido das transformações de uma lógica de todo acidental a face branca em que o rosto humano apareceria do outro lado; ao invés o masculino seria a decomposição ulterior das formas de consciência de deuses brutais; com as mãos em mesalina os olhos em alquimia esses deuses manejariam as lâminas da adivinhação pela composição magnética dos oráculos.

Finalmente um bando milagroso de anjos e de espectros abriu a porta da loucura a Narciso que enrolado sobre o fumo continuava a beijar os seus ossos.



A mulher de Aquilino Grete Tiedemann e o seu filho Aníbal



Aquilino em Paris em 1929, com a que viria a ser a sua segunda esposa

UM CONTO DE NATAL

No juízo de Deus

Continuação da pág. 1

espelho, brancura essa em que se lava o próprio ar. Em suma, tu és a tua especiosidade, eu o seu nutrimento». Quando me dizies isto, bem sabies o que dizies!

— Pois sim, Filipe, pois sim, é dessa fatuidade que tenho medo; é por causa dela que não deixa de me apavorar ter de ir à presença de Deus.

— Não tenhas medo, minha cigarra vadia! — exclamou, abruptamente, S. Francisco, que vinha a ouvir a conversa. — Deus raro comparece no pretório... Já não está para aturar a paisanada... Só nas causas difíceis, de imprevisível metafísica, para fulminar algum filósofo... Quem julga são os doze apóstolos... ou os velhos rábula das Igrejas Orientais. Tudo gente acessível. Eu dou-me bem com todos.

Discreteando deste jeito, entraram na augusta arce. Recrudescer o deslumbramento de Frei António diante de tão estupendas arcarias. Mas sua alma estava ainda mais atônita que as meninas dos seus olhos. A mão direita ficavam os Passos Perdidos, donde se acedia ao Pretório, propriamente dito, tão coalhado de almas que, se não fosse o seu dom de penetrabilidade seria impossível que não ultrapassassem a lotação do recinto que era maior que a maior planície da Lusitânia. Antecedia-o uma imensíssima antecâmara, incolor, se bem que sobre o escuro, não menos repleta de sombras movediças, ao fundo o seu reposteiro de púrpura, timbrado em santor pelas chaves de ouro apostólicas e agitado por um perpétuo vaivém.

Frei António formou na bicha interminável que ia ingressar na sala das audiências, rá-

pida e incessantemente como ribeira que se lança num golfo. Um dos seus émulos quis ainda, agarrando-o pelo braço — gesto sem significação material, porquanto o braço ficara com todo o mais que era humanidade no cemitério de Pádua — quis ainda levá-lo por uma porta escusa, de modo a ser despachado com outro aviamento. Mas ao espírito democrático de Frei António repugnou prevalecer-se das suas boas relações para passar à frente de quem estava em primeiro lugar.

Quando chamaram por ele, o som do próprio nome atroou-lhe mais os ouvidos que os sinos todos de Santa Maria dos Anjos, a dobrar ao mesmo tempo na manhã de aleluia. E o seu corpo ou sombra terrena vacilou como a luz duma vela batida por um vento de temporal. A súbitas, viu-se em frente dos doze juizes, pontuais e testos à obra como botaréis de bronze da Igreja Triunfante, que, de facto o eram e como tais se haviam. Um escrívão que, pela fluidez simpática destoava dos congêneres da Terra, abriu o poderoso e esplêndido registo. E leu em voz estranhamente agradável, quase musical, para um manga de alpaca, ainda que da burocracia celeste:

«Frei António: humildade sem impostura: colérico em nome de Deus; sábio sem pedantaria; estudioso pelo amor da verdade; humano com sincero e fraterno amor pelo próximo, Carregado, como uma urca, de missas, e padre-nossos e da gama vária das penitências. Tudo artigos de primeira ordem. Pecados... pecados?... Não tem... É fantástico!... Não tem!

— Não tem? — bradou uma

voz o seu tanto áspera de teólogo. — Impossível. A criatura humana, pelo princípio mesmo da falta primordial, está inquinada de vício. Se este quebrasse a lei comum, era um monstro...

S. Pedro ergueu-se, foi compulsar o razão, voltou as páginas, procurou o suplemento do extraordinário registo, murmurando de óculos coscuvilheiros, uns quevedos famosos de aros de tartaruga na ponta do nariz:

— É certo, nada consta em seu desabono...

— Nem venalidades?

— Coisíssima nenhuma.

— O quê? Nem uma bofetada num malcriado? E num pagão?... Num judeu?

— Nem uma beliscadura!

— Pois se nem uma bofetada num herege não temos que o julgar. Se não temos que o julgar, é que não vem da Terra, gafaria das almas. Rua com ele! — explanou um teólogo que devia ser S. Tomás, passeando em, roda com ar triunfante o seu alogismo irredutível.

Intervieram os políticos da Igreja e, depois de caloroso



conciliábulo, se não à porta cerrada, a um canto do estrado costas voltadas para o público, resolveu-se arrumar o incidente. S. Pedro tocou a campainha e no meio dum silêncio denso a que só faltava uma asa de mosca para dizer quanto era solene, proferiu presidencialmente.

— Se o venerável tribunal está pois de acordo, passa-se-lhe alvará para entrar no Reino de Deus.

Muitas vozes responderam a um tempo:

— Apoiado!

— Mais do que entrada livre — exclamou com energico acento S. Vítor — deve outorgar-se-lhe, em atenção à vida exemplar, o direito de interferir nos negócios da Terra.

— Sim, há que investi-lo do poder de fazer milagres... — secundou um franciscano.

— Não será excessivo? — observou S. Paulo. — Por minha parte, não serei eu que lhe conteste o direito a semelhante privilégio: só me permito lembrar que os taumaturgos na Terra são tantos que os humanos já não sabem que oragos se hão-de virar em suas pressas e necessidades.

— Ele que escolha o ramo que entender — emitiu S. André — Frei António, de que espécie de moléstias preferis ser advogado? Do corpo ou da alma?

Frei António não abria a boca, e foi preciso instar muito com ele para se decidir a declarar:

— Não me cabe pelo que sou, pelo que fui, receber tais honrarias da Corte Celeste. Nem tenho direito a elas, nem as quero. O meu desejo, único e encarecido desejo, é adorar ao meu Deus. Dai-me licença que o adore noite e dia. Ora e sempre

Continua na pág. 4

Nota

por

escrito

A NOTA desta semana prescinde de comentários, por enquanto. Trata-se um problema de muita importância, ao qual voltaremos. Usaremos hoje a devida vénia para transcrever alguns passos da entrevista que o prestigiado presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, Luís Francisco Rebelo concedeu a Alice Vieira, para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

LFR — Hoje a SPA abrange todas as áreas da criação artística.

«DN» — É no entanto a área do teatro a que mais peso tem, não?

LFR — Não, isso é um engano. A área hoje em dia que mais peso tem na SPA é a área musical. Posso dizer-lhe que 45 por cento dos dinheiros que a SPA cobra dizem respeito à reprodução mecânica, 25 à execução, 20 ao teatro e o restante à criação literária e artes gráficas.

«DN» — Porquê esse tão pouco peso da criação literária?

LFR — A edição literária é um ramo que a SPA começou a administrar há meia dúzia de anos e os escritores ainda não criaram o hábito de terem os seus direitos administrados pela Sociedade. Mas depois, quando há problemas, já sabem vir à SPA para pôr os processos, accionar esses mecanismos, etc. Bom, mas isso é outra história... De qualquer forma, parece-me que é um ramo em crescente expansão.

«DN» — Apesar de tudo, será que os escritores sentem que a SPA não lhes é necessária?

LFR — O que eu sei é que, se todos os escritores fizessem os seus contratos através da SPA, a SPA tinha força para impor condições. E assim não tem. No teatro, por exemplo, não há um único autor que faça contratos fora da Sociedade.

«DN» — Isso significa que escritor é bicho individualista por natureza?

LFR — Os escritores são realmente mais individualistas e depois há também uma grande divisão. Mas isso não é específico de Portugal, acontece em toda a parte...

M.C.

ILUMINURAS

Certos rostos são passaporte para o desconhecido

Theodore Fraenkel

CERTOS rostos perturbam-nos, como os seus traços muito antigos.

São rostos fora da época e que mergulham o seu saber na corrente de uma ancestral quietude.

Geralmente, trata-se de rostos morenos, ambíguos, que vistos de uma certa perspectiva revelam uma estranha beleza mas em que um olhar demorado descobre uma inquietante agrura.

Rostos seráficos, que escondem uma sensualidade obces-



siva (sobretudo nos lábios, sempre muito vermelhos — ou nos olhos, cansados e líquidos).

Rostos que não suportam a pintura ou que um ligeiro traço de cor desagrega com uma não menos irresistível feitura.

Oceânos, onde se apagam não sei quantos incêndios; abismos espelhados, Ray-ban de morte em que se materializa, contudo, um desejo de absoluto.

Rostos, como telas já velhas, borolentos, a apodrecer, enquadrados por caixilhos de veludo.

Rostos que conduzem ao continente nunca definitivamente perdido do antigo.

Rostos que queimam ainda antes de arder na vaporosidade de tudo.

A falta de oxigénio desta chama interior que nos faz ser, eis o também são estes rostos.

Rostos fatais que nos impressionam de muito longe e cujo significado profundo só apercebemos muito depois de já os termos definitivamente perdido.

Rostos à flor da imaginação e que nos atormentam por debaixo do espírito.

Apocalipses nocturnos. Manhãs de ânsia nas servidões de um crepúsculo.

UM CONTO DE NATAL

No Juízo de Deus

Continuação da pág. 3

per secula seculorum, como verme rasteiro que me conhece...

— Nem nós fazemos outra coisa — redarguiu S. Pedro em tom de meia rabuge. — Mas adorá-lo no trono ou adorá-lo nas criaturas, levando-lhes remédio aos males, são coisas compatíveis, tomai bem nota, já não sois verme rasteiro, mas criatura radiosa.

Santo António dobrou a cabeça sem responder àquela lição de teologia mística, enquanto S. Paulo dizia:

— Foste um grande pregador; um dialecta consumado: um casuista insuperável das Escrituras; porventura, desejais, Frei António, firmar nome eterno neste importante sector da Inteligência...?

— Celestes juízes, a meu ver, e com vosso perdão, todo o saber humano é poeira. Proclamando o nome de Deus, essa

poeira reveste apenas os tons dourados que lhe empresta o fulgor do Verbo Divino — proferiu Frei António, e pouco a pouco a sua voz foi ganhando entono e firmeza. — Se é de obrigação que tenha um padroado na terra, no desgraçado Vale de Lágrimas, que deixei mais misérrimo do que nunca, peço-vos que me confieis o amparo dos simples;

dos que choram com lágrimas humildes; dos que se amam na pureza primitiva do ser criado; dos que cantam, bailam nas romarias e nas eiras. Deixai-me ser o santo de todo esse mundo; o seu consolador; o seu apoio, permanecendo ainda a sua esperança quando já não possa ser o remédio! Se não é pecaminoso ou desmedido o meu voto, desejaria ser como o moirinho que cultiva a horta em casa de meus pais; como o bom Frei Filipe, o meu rouxinol fiel; como o arrieiro que me levou para Coimbra; como todo o Portugal dos

meus verdes anos, sem artificios, sem malícia, banzeiro, pitoresco, triste ou contente com uma fatia de pão e um ramo de salpor na lapela do casaco...

O Tribunal ante desejo tão fora das marcas consultou-se, embora com prazenteiro rumor. E S. Pedro, ante a cabeça do-brada do fradinho, concluiu:

— Pois bem eu vos armo cavaleiro em nome de Deus Padre Todo Poderoso, Senhor da Terra e do Céu, dos portugueses que são pobres, singelos, liberais no amor, dados e de coração ao largo. Dos outros, os lentes, os enfatuados, os sócios dos Institutos, e os ricos-soberbos, está entendido que nem quereis, nem nós vos ajoujamos a tal malta. Mas daqueles, fica estabelecido, passais a ser o seu plenipotenciário nos Céus.

Levantou-se a audiência; grande e jubiloso rumor se propagou na sala magnífica. Frei Filipe adiantou-se pressurosa-



mente para Frei António:

— Não esqueça que sou eu o vosso pagem. A primeira vez que fordes à Terra, também quero ir, Frei António! Gostava de tornar de novo ao povo em que nasci, pobre formigal no meio do mundo, ver como cresceram as árvores, as meninas se fizeram donas, o ribeirinho canta nos seixos, o ceppo do Natal arde no adro, e o solzinho de Nosso Senhor continua a vir todas as santas manhãs de Inverno, no cantinho da praça, a deitar o seu divino manto sobre os pobres vagabundos, os velhos e os cães sem dono.

(Publicado em 24/12/49)

"Mayombe" e a condição humana

Continuação da pág. 2

ger Vaillant. Na reflexão do seu herói sobre a guerra revolucionária encontramos, para além dos frutos de uma vivência, semeados por todo o tecido narrativo, os ecos de Drôle de Jeu, de La Loi, o conceito de «soberania», que se chama aqui «domínio»: «O dominador, o senhor, nunca procurará matar por matar, antes pelo contrário, evitará matar. Ele vê a guerra como o jogo ou o amor. O seu momento de por-

da de lucidez é quando o ódio abstracto se concretiza no indivíduo e avança raivosamente lúcido, contra os soldados que procuram impedi-lo de avançar, não porque são inimigos, mas porque o impedem de avançar, são obstáculos que têm de ser afastados do caminho. Nesse momento, o equilíbrio está vencido e a necessidade psíquica — sentida fisiologicamente — de fazer a acção leva ao ódio frio e calculado, implacável. Um domina-

dor com ódio não gesticula, não ofende; ele poupa o esforço, os gestos, o ódio; é a sua acção, mais que os símbolos, que exprime a sua determinação.»

NOTAS

- (1) Em carta recente (de 13 de Junho passado), Pepetela confirmou-me que efectivamente leu «La Condition Humaine», em Lisboa, por volta de 1960/61, e «L'Espoir» na Argélia em 1964/65, no original francês.

Acrescenta: «A minha imediata evocação foi 'L'Espoir'».

- (2) Pepetela, «Mayombe», Edições 70, p.p. 261, 262.
- (3) Ibidem, p. 18.
- (4) André Malraux, «La Condition Humaine», Gallimard (Folio), ed. de 1974, p. 281. É muito forte a marca de Dostoievsky nesta hipervalorização da dor.
- (5) Ibidem, p. 256.
- (6) Ibidem, p.p. 243, 244.

(Comunicação proferida nas «Jornadas de Literatura e Escultura Africanas», na Gulbenkian.)



ESTANTE INFANTIL

TÍTULO — A Guerra do Tabuleiro de Xadrez

AUTOR — Manuel António Pina

ILUSTRADOR — Rui Aguiar

EDITOR — Edições Pé de Vento.

OS textos de Manuel António Pina para crianças caracterizam-se por uma espécie de pudor que se recusa a «dizer como é» ou a mostrar «como se deve fazer» ou mesmo a insinuar «como deve ser». Tudo se resolve num grande plano de ambiguidade onde várias forças são postas em confronto que nunca assume carácter de agudizada violência porque toda a sua envolvimento é de jogo, de brincadeira, de fazer de conta.

Não estamos aqui perante um texto em que as palavras e os versos se combinam para estabelecer figuras que, pela repetição pelo cruzamento de sons ou pelo movimento mecânico (como o do pião), o do balancé, o das rodas) prendam e divirtam a imaginação infantil. «A Guerra do Tabuleiro de Xadrez» é uma peça já representada pelo grupo Pé de Vento e, num prefácio, Manuel António Pina considera-a como que uma obra colectiva, de tal modo se confundiram a sua essência poética e a sua vivência teatral.

Faltam-me, pois, a mim, leitor, essa experiência porventura importante para a avaliação total da obra. Mas no que nela se encontra só em palavras é o bastante para considerar que nos encontramos diante de um trabalho muito rico, não apenas pelo seu desenvolvimento no domínio das palavras, mas também pelo real apelo à participação da inteligência infantil.

Era uma vez um tabuleiro de xadrez/e dois meninos também eram uma vez: assim abre a peça, assim começa o jogo. Existe uma situação de guerra no tabuleiro. As peças falam, dialogam, discutem como se tivessem autonomia — só que o poder de decisão está fora delas...

Mas não nos esqueçamos que os dois meninos que jogam também eram uma vez, também entram na história, numa história (num jogo, num enredo...) que está por fora do tabuleiro. Também eles pensam que comandam, orientam o jogo. Ficarão assim equiparados às peças de xadrez? Doutra modo: não poderá acontecer com eles, os meninos (as pessoas, nós todos...) que estejam sendo jogados no jogo que julgam gerir...

Facilmente se conclui da riqueza de uma tal proposta. Digamos que tocamos no cerne da alienação, digamos que atingimos aquele ponto a partir do qual nos é lícito falar de cultura, ou seja, a consciência de uma responsabilidade histórica na total libertação do homem.

No domínio do tratamento das palavras, o texto de Manuel António Pina é igualmente muito rico. O leitor adulto, mas ainda muito criança, fica esperançado no gosto das crianças, já um pouquinho adultas, todavia. Para essas ou para as ajudar a ser, se destina e muito o livro de Manuel António Pina.

MÁRIO CASTRIM

